

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS

FUTEBOL E POLÍTICA: A CRIAÇÃO DO CAMPEONATO NACIONAL DE CLUBES
DE FUTEBOL

APRESENTADO POR
DANIEL DE ARAUJO DOS SANTOS

Rio de Janeiro, Março de 2012.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS

FUTEBOL E POLÍTICA: A CRIAÇÃO DO CAMPEONATO NACIONAL DE CLUBES
DE FUTEBOL

DANIEL DE ARAUJO DOS SANTOS

PROFESSOR ORIENTADOR ACADÊMICO: DR. CARLOS EDUARDO SARMENTO

Dissertação de Curso apresentada ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC – como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, Política e Bens Culturais.

Rio de Janeiro, Março de 2012.



FUNDAÇÃO
GETULIO VARGAS

DANIEL DE ARAUJO DOS SANTOS

FUTEBOL E POLÍTICA: A CRIAÇÃO DO CAMPEONATO
BRASILEIRO DE CLUBES DE FUTEBOL

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil para obtenção do grau de Mestre em História, Política e Bens Culturais.

Data da defesa: 29/03/2012

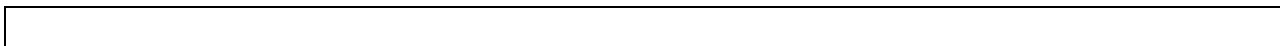
Aprovada em:

ASSINATURA DOS MEMBROS DA BANCA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Carlos Eduardo Barbosa Sarmiento
Orientador (a)

Américo Oscar Guichard Freire

Alessandra Carvalho



Santos, Daniel de Araujo dos

Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol / Daniel de Araujo dos Santos. - 2012.

148 f.

Dissertação (mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais.

Orientador: Carlos Eduardo Sarmiento.

Inclui bibliografia.

1. Futebol – Aspectos políticos. 3. Brasil – Política e governo. I. Sarmiento, Carlos Eduardo. II. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais. III. Título.

CDD – 796.334

Resumo:

A presente dissertação busca analisar como o Campeonato Brasileiro de Clubes de Futebol – desde sua gênese - está correlacionado com o projeto político do governo militar que chegou ao poder através do golpe civil-militar de 1964. A criação do mesmo está intimamente relacionada à busca de legitimidade do regime, através do crescimento econômico e da formulação de uma intensa propaganda ufanista.

A compreensão do cenário político das décadas de 1960 e 1970 é fundamental, uma vez que este tem ligações diretas com as estratégias escolhidas pelos atores envolvidos no processo de criação e consolidação do Campeonato Brasileiro, além de abrir caminhos para questionamentos sobre a relação entre eventos esportivos e seus usos por políticos, já que envolve o entendimento de fenômenos de representação .

Com a falência do modelo econômico posto em prática até então, e o consequente início do projeto de distensão, eram necessários novos mecanismos de legitimação do regime, ampliando-se a participação política da população.

Nestes dois momentos portanto, – de auge do crescimento econômico e de crise do regime - de forma diferenciada, o Campeonato Nacional pode ser usado para analisar tentativas de cooptação da opinião pública ou mesmo de votos. Como veremos, nem sempre esta tentativa foi bem sucedida.

Palavras-chaves: Futebol, Ditadura, história política.

Abstract

This thesis aims to analyze how Brazilian Football is correlated with the political project of the military government that came to power in a coup in 1964. The development of that project is closely related to the search for regime legitimacy through economic growth and the spread of heavy patriotic propaganda.

It is essential to understand the political landscape in question, since the implementation of the aforementioned project depended directly on the strategies chosen by the actors involved in the creation and consolidation of the Brazilian Championship. This offers fertile ground for questions about the relationship between sporting events and their uses by politicians, since it involves the understanding of the representative phenomenon.

With the failure of the economic model put in place by then and the beginning of the project of detente, new mechanisms were needed to legitimize the regime, expanding the political participation of the population. In these two instances, in different ways, the National Championship can be used to analyze attempts to co-opt public opinion or even vote, however, not always was this attempt successful.

Keywords: Football, Dictatorship, political history.

Agradecimentos

Esprei por muito tempo colocar em uma dissertação os agradecimentos que

julgo necessários a pessoas importantes para mim. Acima de tudo, agradeço a minha esposa, leitora crítica, revisora e companheira Roberta, pelo cuidado e carinho não só com a redação deste texto; sem ela seria impossível. A meus pais, Jailto e Vania, pelo esforço em dar uma boa educação aos filhos, desde a pré-escola ao dinheiro para a xerox na faculdade. A minha irmã Daniele, pelos conhecimentos de inglês que no último momento foram essenciais para consertar o que o tradutor da internet não conseguiu entender.

Aos amigos nesta longa trajetória também vai o meu obrigado, sem ordem prioritária. Gustavo e Márcio, amigos de infância que guardo até hoje; Vivian, Diana e os doutores Bruno e Leonardo desde os tempos de CAP UERJ; Alexandre, Gisella, Rodrigo e Simone, aqueles que mais escutaram os lamentos no momento que duvidei que seria possível percorrer todo o trajeto até os agradecimentos finais deste trabalho; a João Daniel que "calçou em mim as sandálias da sabedoria"; e aqueles que compartilham dos dissabores e alegrias da profissão de professor no ensino privado do Rio de Janeiro: Luiz Antonio, Pedro César, Eduardo, Vicente, Igor, Fernanda, Gabriel (meu companheiro de FGV), Rogério, Elisa, Rafael (obrigado pelas substituições), Rafaela e Tássia.

Por fim, gostaria de ressaltar todo o empenho dos professores Américo Freyre e Alessandra Carvalho, na disponibilidade desde os primeiros momentos em ler o trabalho, fazer sugestões e levar a dissertação a um nível próximo do desejado. O professor Marcelo Bittencourt, que desde 2002 esteve ao meu lado para questões acadêmicas e é figura fundamental na minha formação universitária. A Carlos Eduardo Sarmiento, meu muito obrigado por acreditar em um projeto embrionário sobre futebol e política na Ditadura Civil-Militar, de alguém que estudava a participação cubana na Guerra Civil Angolana.

Sumário

Introdução -----	11
Capítulo 1: Quando ainda não existia um Nacional -----	14
1.1: A consolidação e a organização do futebol no Brasil-----	14
1.2: Nos tempos de Getúlio-----	22
1.3: O Maracanã, a Copa de 1950 e os clubes -----	27
1.4: Os anos JK e o desenvolvimentismo nacional (1956-1961)-----	30
1.5: A Taça Brasil (1959-1961)-----	33
1.6: Instabilidade com a dupla Jan – Jan (1961-1964)-----	37
1.7: A consolidação da Taça Brasil (1961 -1968) -----	43
1.8: Os militares conquistam o poder (1964-1969)-----	48
1.9: O Robertão como embrião do Nacional(1968-1970)-----	52
Capítulo 2: A invenção do Campeonato Nacional de Clubes -----	55
2.1: Panorama político e econômico -----	55
2.2: Construindo a propaganda ufanista-----	60
2.3: Os usos e abusos da seleção pelo governo Médici -----	65
2.4: Em 1970, a Placar e a Loteria Esportiva-----	73
2.5: Em campanha pelo Nacional-----	76
2.6: O último Robertão-----	81
2.7: Finalmente, um Campeonato Nacional de Clubes-----	83
2.8: Reações diferentes na imprensa -----	88
2.9: <i>Bye Bye</i> , Brasil -----	95
Capítulo 3: A politização do Campeonato Nacional de Futebol-----	99
3.1: As origens do crescimento-----	99

3.2: O projeto de abertura e as eleições de 1974-----	101
3.3: O futebol e as urnas -----	108
3.4: Tempos de mudança na CBD-----	110
3.5: O Nacional com Heleno Nunes-----	114
3.6: O crescimento do MDB como desafio em 1976-----	117
3.6: Intervenção direta em 1977-----	119
3.7: Reflexos no nacional-----	122
3.8: Os últimos meses da gestão Geisel-----	130
3.9: Os desafios da CBD em 1978 -----	131
Conclusão-----	137
Bibliografia e Fontes -----	140

Siglas

AFA - Associação del Fútbol Argentino

AERP – Assessoria Especial de Relações Públicas
AIRP - Assessoria de Imprensa e Relações Públicas
ARP - Assessoria de Relações Públicas
AMEA - Associação Metropolitana de Esportes Amadores
APEA - Associação Paulista dos Esportes Atléticos
ARENA – Aliança Renovadora Nacional
CBD – Confederação Brasileira de Desportos
CBF – Confederação Brasileira de Futebol
COB - Comitê Olímpico Brasileiro
COI - Comitê Olímpico Internacional
CND – Conselho Nacional de Desporto
CONMEBOL - Confederação Sul-Americana de Futebol
DSN – Doutrina de Segurança Nacional
EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo
ESG – Escola Superior de Guerra
FBE - Federação Brasileira dos Esportes
FBF - Federação Brasileira de Futebol
IBM - International Business Machines
LMTD - Liga Metropolitana de Desportos Terrestres
LPF – Liga Paulista de Futebol
MDB – Movimento Democrático Brasileiro
OEA - Organização dos Estados Americanos
PCB – Partido Comunista do Brasil
PNED - Plano Nacional de Educação Física e Desportos

Introdução

“Onde a ARENA vai mal, um time no Nacional”. Esta frase, ganhou as ruas na segunda metade da década de 1970 ainda hoje é repetida por aqueles que viveram o período de ampliação significativa do Campeonato Nacional de Clubes sob a gestão do Almirante Heleno Nunes. Mas, o que tem de verdadeiro nesta frase? Ou mesmo, será que somente a ARENA foi beneficiada com tal ampliação do campeonato?

A partir de então a busca por livros ou artigos acadêmicos que pudessem responder tais perguntas foi infrutífera. Desta forma, esta dissertação de mestrado busca através de jornais da época ou mesmo entrevistas com alguns dos envolvidos no processo entender como o futebol encaixou-se no projeto de poder dos militares. O desafio seria ir além do evidente uso da seleção brasileira de futebol e a sua conquista do tricampeonato no México, mas entender como o Campeonato Nacional de Clubes, criado em 1971, relaciona-se com o poder.

No primeiro capítulo, a busca é pelas origens históricas da relação entre o futebol e a política, principalmente no Brasil. O esporte moderno dialoga com o poder ao longo do século XX de diversas formas, seja em regimes totalitários ou mesmo em democracias¹. Desde o primeiro choro nas arquibancadas de um estádio de futebol pela derrota do time de coração² até a recepção calorosa da Seleção Brasileira que disputou a Copa de 1938, o futebol projeta-se como uma paixão nacional, característica fundamental para ser apropriado de forma gradual pelos políticos brasileiros a partir de Vargas.

Ainda não existia um campeonato de clubes que reunisse os principais clubes do país. O que mais se aproximava disso era o Campeonato de Seleções dos estados ou mesmo a disputa do Rio – São Paulo. Os Campeonatos Estaduais eram a prioridade, os mais valorizados pelos torcedores e principal via de acesso dos jogadores para a Seleção Brasileira. Somente em 1959, com a necessidade de indicar um representante para a recém-criada Taça Libertadores da América, é criada a Taça Brasil. Não podendo ser chamado de campeonato, era um torneio reunindo os

¹Os exemplos mais marcantes são aqueles ligados aos grandes eventos internacionais. As Olimpíadas ou mesmo a Copa do mundo de Futebol ao longo do século XX foram utilizadas de diversas formas por regimes, seja para demonstrar força perante a opinião pública internacional e fortalecer sua imagem perante a população ou mesmo ocultar algo indesejável como crises econômicas, contestações internas ou mesmo instabilidade política.

²“(…)Nas arquibancadas, a paixão clubística fazia com que, já em 1907, sportmen ligados ao Botafogo deixassem de lado a saudação do brilho das disputas para chorar nas arquibancadas as derrotas de seu time, explicitando a existência entre os seus sócios de uma relação muito diferente daquele que fazia deles companheiros de uma mesma luta.”Pereira, Leonardo Affonso de Miranda. *Footbalmania – Uma História Social Do Futebol No Rio De Janeiro, 1902-1938*. Coleção História do Brasil, Rio de Janeiro:Editora Nova Fronteira, 2000. Página 79.

campeões estaduais em jogos eliminatórios em que os representantes do Rio de Janeiro e São Paulo somente ingressavam na fase semi-final.

Não menos importantes seriam as transformações políticas pelas quais o país atravessava naqueles tempos. Acreditamos que o reflexo da instabilidade política dos três últimos presidentes e o consequente ocaso da República Democrática(1945-1964) são de importante valia para o historiador na busca de uma análise sobre os rumos do principal esporte nacional. Neste momento a Seleção consegue seus dois primeiros campeonatos mundiais e a Taça Brasil consolida-se com o principal torneio nacional de clubes. O golpe civil-militar de 1964 e a construção do regime de exceção são apresentadas ao final do primeiro capítulo, assim como a ampliação do Torneio Rio-São Paulo. Conhecido como o embrião do Campeonato Nacional, o “Robertão” substitui a Taça Brasil como forma de acesso à Libertadores.

Ao mesmo momento que é consolidado o projeto autoritário dos militares, assim como seu desejo de integração nacional embalado pela propaganda ufanista, o Campeonato Nacional de Clubes é criado em 1971. A criação da Loteria Esportiva, sugerindo ao povo a possibilidade de ascensão social apenas usando seus conhecimentos esportivos contribui para o processo, assim como as crescentes críticas da imprensa esportiva, lideradas pela Revista Placar. As críticas chegaram ao Palácio do Planalto que, através do ministro da educação e Cultura Jarbas Passarinho, elaborou uma série de medidas demonstrando interesse no tema.

É analisada com maior atenção as comemorações do Sesquicentenário da independência em 1972, uma oportunidade do governo Médici (1969-1974) aproximar-se do povo através de grandes rituais como o reencontro com o que restou do libertador do Brasil ou mesmo através de torneios esportivos. Celebrava – se não só a independência, mas os altos índices do PIB que demonstravam nossa força econômica, mas também as sucessivas vitórias sobre os grupos subversivos de esquerda e a reafirmação de uma continuidade histórica – as “origens” da nação – e para criar novos símbolos de identidade e lealdade³. O sete de setembro para o brasileiro deveria significar o mesmo que o 4 de julho para o estadunidense ou o 14 de julho para os franceses: data para a sacralização da nação e de identificação do

³ HOBBSAWM, Eric J. e RANGER, Terence (org.), *A invenção das tradições*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

nacional.⁴

A saída de João Havelange da presidência da FIFA abre caminho para a militarização da principal entidade esportiva do Brasil⁵ com a posse de Heleno Nunes. O processo de abertura política “lenta, gradual e segura” é colocado em prática, gerando uma crescente necessidade de legitimação do regime através das urnas. O MDB após as eleições de 1974 é um elemento desestabilizador deste processo, gerando uma necessidade de fortalecimento do partido governista. Heleno Nunes, que tinha liderado a ARENA no Estado da Guanabara, não só amplia o número de times participantes do Campeonato Nacional, mas ignora de forma explícita alguns pré-requisitos necessários para que um time participasse do campeonato.

Por que a frase “onde a ARENA vai mal, um time no Nacional” ganhou tanta força e resiste até hoje na memória popular? Sabemos que até mesmo quando estas memórias são falsificadas ou inventadas podem nos dar pistas do que realmente ocorreu⁶. No caso, ataques do MDB no plenário da Câmara ou mesmo uma análise dos times que foram convidados a participar no Nacional corroboram tal tese. Não ignorando que certos políticos da oposição também usaram o a simbiose futebol-política para reforçar seu capital político, mas análises apresentadas no terceiro capítulo nos levam a crer que existiam um projeto deliberado na cúpula da CBD para favorecer a ARENA.

CAPÍTULO 1: Quando ainda não existia um Nacional

1.1 A consolidação do futebol no Brasil

⁴ MOTTA, Marly Silva da. “A nação faz cem anos: o centenário da independência no Rio de Janeiro” CPDOC, 1992. 18f.

⁵ SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF/Coordenação* Adelina Maria Novaes Cruz, Carlos Eduardo Sarmento e Juliana Lage Rodrigues; Texto Carlos Eduardo Sarmento. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

⁶ REIS, Daniel Aarão. “Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: REIS, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo & MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.) *O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusc

Em 1889, a monarquia brasileira encontrava-se isolada politicamente. No cenário internacional, era o único regime monárquico em um continente repleto de repúblicas. Internamente, perdera, após a vitória na Guerra do Paraguai (1864-1870), apoio de importantes setores sociais: “empresários do café” paulistas e camadas médias urbanas ávidas por participação no governo acreditavam que a queda de D. Pedro II seria a solução para os seus problemas; importantes setores militares também pensavam de forma semelhante e após a abolição da escravidão sem indenização aos proprietários escravistas em 1888, os “barões do café”, último sustentáculo do Império, passam a ser denominados “republicanos de última hora”.

D. Pedro II assiste à proclamação da República já velho e doente, visto como ultrapassado por muitos. Neste momento, um novo país nascia: os Estados Unidos do Brasil, de sistema republicano, compromissado com o lema “Ordem e Progresso”. Ser moderno era o principal objetivo do novo regime, que na tentativa de aproximar-se do modelo industrial bem sucedido na Inglaterra, viu a inflação e a dívida externa crescerem com o fracassado plano econômico do ministro Rui Barbosa⁷.

O intercâmbio entre Brasil e Inglaterra naquela época era intenso. Fábricas e clubes de ingleses faziam parte do cenário das grandes cidades brasileiras, assim como era comum muitos jovens da nossa elite passarem parte de sua juventude na terra da Rainha Vitória e por lá complementarem seus estudos.⁸ Das terras inglesas, importavam não só os “bons costumes europeus” - que tanto prezavam os pais das famílias tradicionais naqueles tempos - mas também parte da cultura esportiva britânica. Os conhecidos *cricket*, *rugby* e tênis já faziam parte da bagagem que estes jovens traziam para seu país natal.

No conturbado ano de 1894, o litoral brasileiro - acostumado naqueles tempos a assistir navios de guerra adentrando a baía de Guanabara⁹ - lançando canhões sobre a cidade de Santa Maria do Desterro e Porto Alegre¹⁰, assistiu um jovem paulista desembarcar no porto de Santos carregando debaixo do braço um livro de regras e duas bolas de ... *foot-ball*! Charles Müller é considerado o “pai” do futebol brasileiro,

⁷ A euforia especulativa e a emissão de papel moeda foram traços marcantes daquele plano que ficou conhecido como Encilhamento.

⁸ Tal frase faz referência ao tamanho do império britânico no contexto do Imperialismo (ou Neo – Colonialismo). No século XIX, a Inglaterra tinha extensos territórios na Ásia e na África.

⁹ Em 1894 teve início a Revolta da Armada (1894-1895) foi derrotada pelas tropas do governo Floriano.

¹⁰ Eram tempos da Revolução Federalista no sul do Brasil, que entre os anos de 1893 e 1895 opôs as tropas dos federalistas e do governo, que apoiava os republicanos na região.

aquele que introduziu o esporte bretão¹¹ em nosso país, promovendo partidas com grupos de ingleses que aqui trabalhavam, em bancos (London Bank, por exemplo) e empresas (Companhia de Gás e Estrada de Ferro) em São Paulo. Sua atuação muito significativa para a introdução do esporte no país foi sentida especialmente em São Paulo.

Certamente, naquela terra “plana e chã”, como expressão utilizada por Pero Vaz de Caminha em sua carta para o rei português quando do descobrimento, o futebol poderia ser bem recebido. Entretanto, o que Charles Müller provavelmente não esperava é que o esporte bretão conquistaria uma força tão grande que, para muitos, tornou-se elemento fundamental para a formação da nacionalidade brasileira¹². Nele estaria o jeito, a malícia, a alegria e a ginga do nosso povo, responsáveis por realizar um processo de identificação construído pelos diferentes agentes que formam esta nação que é o Brasil¹³.

Na capital federal pouco era o conhecimento sobre Muller. Oscar Cox é o nome mais lembrado no que diz respeito à introdução do “jogo da bola” no Rio de Janeiro. Fez o mesmo trajeto Brasil – Europa – Brasil, mas, em 1897, parou no porto do Rio de Janeiro e, assim como Muller, trouxe na bagagem sua nova paixão: uma bola de futebol. É claro que, sob a ótica da produção historiográfica atual, não podemos ignorar o fato de que o desporto já era conhecido na cidade fluminense. Se foi Cox o grande incentivador de jovens da zona sul carioca a deixar seus barcos de remo guardados na garagem para correr atrás da pelota, é impossível ignorar que marinheiros ingleses¹⁴ ou mesmo os sócios dos chiques clubes frequentados por europeus participavam o futebol antes mesmo do ano de 1897.

Outros depoimentos apontam o colega de Cox, Luis Edmundo como pioneiro, uma vez que este afirma que trouxe uma bola de sua vigem à Inglaterra e praticou o

¹¹ O futebol moderno nasceu na Inglaterra. Em 1857 nasce o Sheffield, o primeiro clube de futebol do mundo; no dia 26 de outubro de 1863, 11 clubes e escolas fundam, em Londres, a Football Association (Federação Inglesa), assim como as primeiras 11 regras do esporte; e, em 1871, foi disputada a primeira Copa da Inglaterra de clubes.

¹² Segundo José Murilo de Carvalho e Roberto Da Matta, ao contrário do que ocorre na Europa, no Brasil as fontes de identidade nacional não são as instituições centrais da ordem nacional e sim manifestações culturais como as festas, o carnaval e o futebol. Ver em CARVALHO, José Murilo de. “Os Bestializados”. São Paulo, Companhia das Letras, 1997 e Da Matta, Roberto. “Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro”. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

¹³ TOLEDO, Luiz Henrique Toledo. “No País do Futebol (Série Descobrimdo o Brasil)”. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2000.

¹⁴ MAZZONI, Thomaz. “História do futebol no Brasil” São Paulo: Leia, 1950.

esporte com os colegas no recreio do Colégio Abílio por volta de 1890¹⁵. No mesmo sentido, existem referências a um professor de Educação Física chamado Arthur Higgins que incentivava jovens a praticar o futebol no centro da cidade (mais precisamente no Campo de Santana), ainda na primeira metade do século passado¹⁶.

Meses antes da fundação da primeira liga de clubes do país, a Liga Paulista de Futebol (LPF), acontece o primeiro jogo de futebol na Rio de Janeiro. Em 22 de setembro de 1901, Cox e seus amigos enfrentam um combinado de sócios do clube inglês Rio Cricket (que seu pai, George Emmanuel Cox havia ajudado a criar, em 1872), fato este relatado com certo entusiasmo pelo Correio da Manhã, o que não ocorreu com o restante da população local. Segundo o jornalista Mário Filho:

Oscar Cox trouxera uma bola da Europa, aqui ninguém sabia nada a respeito do futebol. Tinha sido um custo, quatro anos para organizar um time. À procura de ingleses, todo inglês tinha obrigação de saber alguma coisa de futebol, à procura de brasileiros que tivessem voltado da Europa, como ele.¹⁷

Um dos vários ingleses que participavam destes jogos, Mr. Makintosh, funda o primeiro clube de futebol do Rio de Janeiro: o Rio Foot – ball Club. Este evidencia a força que os ingleses e seus descendentes possuem sobre o esporte neste período. Marcando oposição a esta atitude inglesa, os nacionais liderados por Cox¹⁸ resolveram pela criação de seu próprio clube. Alguns jovens reunidos na rua Marquês de Abrantes fundam o Fluminense Football no dia 21 de julho de 1902, o primeiro clube de futebol formado e liderado por brasileiros no Rio de Janeiro.

Mesmo com o futebol mais estruturado em São Paulo, a evolução do esporte no Rio de Janeiro pode ser considerada emblemática, uma vez que “as experiências vivenciadas na então capital federal, em larga escala, serviam como modelo para todo

¹⁵ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footbalmania – Uma História Social Do Futebol No Rio De Janeiro, 1902-1938*. Coleção História do Brasil, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000 p.21

¹⁶ A difusão do futebol pelo país é sempre associada a sujeitos como Cox e Miller. O Nordeste tem também seus jovens fundadores do futebol. Zuza Ferreira chegou de Londres em 1901 para difundir o esporte em Salvador, assim como Guilherme de Aquino Fonseca o fez em Recife dois anos depois e, em 1907, Joaquim Moreira Alves dos Santos chega de Liverpool e realiza a primeira partida em São Luis. Já em Belo Horizonte, Victor Serpa em 1904 seria o responsável pela introdução da peleja. FRANZINI, Fabio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). *História do esporte no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2009. p. 128.

¹⁷ RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*, Rio de Janeiro: Fírmio, 1994.p.37

¹⁸ O primeiro presidente do Fluminense foi Oscar Cox, que em 1904 por ver os uniformes de seu time desgastados foi à Inglaterra comprar novos, porém como não achou nas cores originais (branco e cinza) trouxe um jogo de camisas com três cores (verde, branco e grená). Surgiu, assim, o uniforme tricolor nas Laranjeiras.

o país”¹⁹. Todavia, as complexidades e transformações apresentadas em São Paulo também auxiliam nas mudanças em todo o país.

Nos primeiros anos de prática, o futebol tinha dificuldades para ganhar espaço nas páginas de jornal, concorrendo com o turfe e as regatas de domingo; era, a princípio, um esporte restrito a jovens da alta sociedade da zona sul do Rio de Janeiro. Segundo Leonardo Affonso de Miranda Pereira, em seu livro *Footbalmania*, o futebol era:

(...) palco de afirmação de modismos e hábitos europeus, os estádios serviam para essa juventude endinheirada como um espaço de celebração de seu cosmopolitismo e refinamento, em um processo que ia imprimindo ao futebol por eles praticado a marca da modernidade²⁰.

Gradualmente, o esporte é difundido por outras regiões da cidade e o símbolo de tal expansão seria a criação do Bangu, clube com a participação de funcionários e incentivo de diretores da Companhia de Progresso Industrial, localizada na zona oeste. De início, somente trabalhadores especializados (técnicos e engenheiros da fábrica) de origem estrangeira faziam parte do time, mas aos poucos operários passam também a praticar o esporte. E é justamente essa que passa a ser a peculiaridade do Bangu: a introdução, mesmo que gradual, de negros e mulatos em seu time de futebol, algo que não era praticado pelas demais equipes, ainda restritas a brancos da elite.

Mesmo na zona sul percebe-se que o perfil dos praticantes do esporte aos poucos vai sendo alterado. No mesmo ano em que foi criado o Bangu e o América, e logo após um jogo entre brasileiros e ingleses (que levavam multidões para a rua Paissandu), dois jovens do tradicional Colégio Alfredo Gomes - Flávio Ramos e Emmanuel Sodré - resolveram enfrentar o desafio de criar um clube de futebol exclusivamente brasileiro, pois achavam que a influência estrangeira no Fluminense ainda era demasiada. Botafogo Foot – ball Club é fundado juntando jovens brasileiros de idade entre 14 e 15 anos, que mesmo ainda sendo de origem aristocrática, procuravam dar outra forma ao futebol formal jogado nas Laranjeiras. A informalidade e a espontaneidade fizeram o clube ter um rápido crescimento, transformando-se em um dos principais passatempos da elite carioca.

Entre 1905 e 1910, alguns episódios demonstram o avanço do futebol na cidade. Em 1905, é criada a Liga Metropolitana de Futebol (LMF)²¹, mesmo ano da

¹⁹ SANTOS, Ricardo. Tensões na Consolidação do Futebol Nacional. In: PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). *História do esporte no Brasil*. São Paulo:Unesp, 2009. p. 128.

²⁰ Idem, Ibidem. p31.

criação dos Riachuelo, Cosme Velho, Humaitá, Aldeia Campista, Brazilian de Copacabana, Boêmios de Vila Isabel e do Engenho Velho; em 1906 mais de três dezenas de times já existiam na cidade; em 1907 o livro *Sports Athleticos* foi editada no Brasil e tornou-se a bíblia dos praticantes do futebol, com a difusão dos termos, posições e vocabulários relativos ao esporte (tais como *free-kicks*, *hands* e *shoot*), além da criação da Liga Suburbana de Futebol na sede do Riachuelo e da mudança de nome da LMF – aparentemente sem qualquer base ou motivo - para Liga Metropolitana de Sports Athleticos (LMSA)²².

Os campeonatos ficavam cada vez mais disputados, como o de 1907, em que Botafogo e Fluminense levaram a final para o “tapetão” e o título acabou sendo decidido nos tribunais mais de noventa anos depois, sendo dividido entre as equipes, o que tornou obsoleto o hino do clube de General Severiano. A supremacia tricolor era total, mas algo estranho acontecia na comemoração de mais uma conquista do Fluminense, agora em 1911.

Sobre a questão da participação do negro nos clubes de futebol, podemos afirmar que as dificuldades de inserção e mesmo as demonstrações explícitas de racismo existente nesta modalidade seriam reflexos da sociedade brasileira naqueles tempos de pós-abolição. A modernidade e o progresso não se estendiam às camadas mais baixas, como ficou explícito, entre outros episódios, no projeto reformador liderado por Pereira Passos no Rio de Janeiro. Nos campos, aos poucos, a inclusão dos negros ocorreria ainda na década de 1930 com a profissionalização do esporte.

No final da década de 1910, o futebol já se consolidara como uma mania nacional, a “footballmania”²³. Esporte que em suas origens estava restrito aos abastados, agora conseguia entusiasmar não somente os membros das elites mas também as camadas mais baixas, conseguindo “entusiasmar diversos grupos sociais”²⁴ e deixando as demais modalidades em segundo plano. Se em 1907 eram setenta e sete clubes, em 1915 (ano em que Fernando Azevedo cunhou o termo

²¹ A Liga Paulistana de Futebol fora criada em 1902 para organizar um campeonato que ocorreria no mesmo ano.

²² NOGUEIRA, Cláudio. *Futebol Brasil Memória – De Oscar Cox a Leônidas da Silva(1897-1937)*. Senac Rio Editora, Rio de Janeiro, 2006.

²³ Este termo foi cunhado pelo jovem Fernando Azevedo com o objetivo de explicar a consolidação do futebol nos campos cariocas. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Opt. Cit.*

²⁴ Idem Ibidem.

mencionado anteriormente) já eram duzentos e dezesseis filiados às diferentes federações ou ligas em todo o país.²⁵

Alguns historiadores como Joel Rufino, influenciados pela lógica marxista, viam na popularização do esporte uma forma de controle social. Em São Paulo, seria interessante para a burguesia a criação de uma “válvula de escape” para a crescente massa operária, naquele momento influenciada pelo anarcossindicalismo. Na capital federal, os políticos preocupavam-se com as mobilizações populares contra a exclusão social nestes primeiros anos do século XX, sendo o futebol o “circo” de que o povo necessitava²⁶. As atividades futebolísticas nas fábricas, que também foram elementos fundamentais na difusão do esporte entre as camadas operárias, é alvo de controvérsias a respeito de seu caráter de controle das massas. Leonardo Affonso, em seu livro “Footbalmania – Uma História Social Do Futebol No Rio De Janeiro, 1902-1938”, acredita que ao invés de criar algum tipo de solidariedade entre empresas, patrões e empregados, o futebol “servia como elemento de identificação entre os trabalhadores de cada área, construindo entre eles uma solidariedade que mostrava resultados visíveis.”²⁷

A ideia de criar uma entidade nacional que centralizasse os destinos do esporte no país ganhou força em 1914. Reunindo diversas organizações que iam desde o Aeroclube Brasileiro aos representantes da LMEA, o objetivo era garantir amplo apoio à nova instituição. O resultado foi a criação do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), que tinha a responsabilidade de preparar e organizar as delegações olímpicas do país, enquanto a Federação Brasileira dos Esportes (FBE) cuidaria da organização do esporte nacional através da realização de torneios e eventos²⁸.

A LPF que esteve ausente da reunião, temia por seu enfraquecimento com a formulação da FBE. Sendo assim, resolveu usar seus prévios contatos com dirigentes dos estados do Sul (Paraná e Rio Grande do Sul) e dos países vizinhos (Argentina e Uruguai) para criar, ainda em 1915, uma entidade representando somente o futebol: a Federação Brasileira de Futebol (FBF)²⁹. Enquanto isso, no Rio de Janeiro, a FBE

²⁵ Pouco depois, em São Paulo, devido às retaliações sofridas pelo Paulistano por não acatar a ordem da LPF de jogar contra o Americano no Parque Antártica, foi fundada a Associação Paulista dos Esportes Atléticos (APEA).

²⁶ SANTOS, Joel Rufino dos. “História política do futebol brasileiro”. São Paulo: Brasiliense: 1981.

²⁷ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Opt. Cit.*

²⁸ SARMENTO, Carlos Eduardo. *Opt. Cit.*

²⁹ “A Liga Paulista de Futebol, a mais antiga das instituições deste gênero em todo o Brasil, tem o intuito de fundar, com sede nesta capital, a Federação Brasileira de Football Association. Esta Liga terá por objetivo congrega todas as ligas ou clubes do Brasil, a fim de fazer disputar o Campeonato

mobilizava-se para tentar neutralizar a ação dos paulistas, criando seu estatuto jurídico e documentos que comprovassem a sua institucionalização. Ambas enviam ofícios à Fédération Internationale de Football Association (FIFA),³⁰ entidade máxima do futebol no mundo, em busca do reconhecimento internacional.

Em meio aos problemas relacionados à eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os membros da FIFA não se posicionaram no intuito de escolher qual a verdadeira representante do futebol brasileiro no exterior. Como a questão da representação brasileira no exterior estava em questão, o sucessor do Barão do Rio Branco no Ministério das Relações Exteriores, Lauro Muller, interveio no debate³¹. Esta, inclusive, seria a primeira das ações de impacto do poder Executivo em entidades esportivas. Muller resolve o contencioso através de um grande acordo, segundo o qual as atividades da FBE e da FBF são suspensas, cedendo espaço à criação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD).

Após a participação do selecionado na Argentina, em torneio comemorativo pelo centenário da independência do país (1916), é criada a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) e, no mesmo mês de dezembro de 1916, a FIFA reconhece de forma provisória a CBD, com Arnaldo Guinle como seu presidente. Dificuldades econômicas marcaram a trajetória da principal entidade do esporte brasileiro desde a participação da Seleção Brasileira no II Campeonato Sul-Americano de 1917, no Uruguai, até os anos 1980, quando se declarou incapaz de

Brasileiro de Futebol, tornando-se assim esta instituição a entidade representativa do país nas suas relações internacionais. Este trabalho será a base para a regulamentação geral e uniforme de todos os esportes.” Idem *Ibidem*.

³⁰ Fundada em 1904 na Suíça e com sede em Amsterdam, a FIFA ainda possuía poucos filiados, sendo a ausência mais sentida a dos criadores do futebol: os ingleses. Em seu sítio, a FIFA descreve as funções de seus membros da seguinte forma: “(...) Como guardiães de um esporte tão apreciado, temos uma enorme responsabilidade. Essa responsabilidade não se resume à organização da Copa do Mundo da FIFA e das várias outras competições mundiais; ela se estende à salvaguarda das Regras do Jogo, ao desenvolvimento do esporte em todo o mundo e à condução de esperança aos menos privilegiados. Isso é o que acreditamos ser a essência do jogo limpo (fair play) e da solidariedade. Entendemos que a nossa missão é a de contribuir na direção da construção de um futuro melhor para o mundo, utilizando, para tanto, a força e a popularidade do futebol. É isso que dá sentido e direção a cada uma das atividades em que a FIFA está envolvida — o futebol como parte integrante de nossa sociedade.” Retirado do sítio <http://pt.fifa.com/>.

³¹ É importante ressaltar que o contexto era de aproximação entre Brasil e Argentina, rivais eternas na busca pela hegemonia na América do Sul desde o século XIX e que assistiram as suas relações se deteriorarem na primeira década do século XX. A atuação conjunta da Conferência de Niagara Falls (aproximando estadunidenses e mexicanos) e a construção do Pacto ABC (Argentina, Brasil e Chile) em 1915 são obras de Muller nesta aproximação. In BUENO, Clodoaldo; CERVO, Amado Luiz. *História da Política Exterior do Brasil*. 2a ed. Brasília: UNB, 2002.

promover o Campeonato Brasileiro daquele ano por ausência de condições financeiras, passando tal responsabilidade para os clubes³².

Capítulo importante na consolidação da CBD e do futebol no Brasil foi a vitória da Seleção no III Campeonato Sul-Americano de Futebol, em 1919³³. Sede do torneio, além de assistir ao nascimento de sua primeira grande estrela nos gramados, o mulato³⁴ Arthur Friedenreich, apelidado de “El Tigre” justamente por sua participação em 1919 com a camisa da Seleção, o Brasil adquire um importante legado: o primeiro estádio de alvenaria construído pelo Fluminense.

Pela primeira vez surgia em nosso país um estádio moderno, talvez o primeiro na América do Sul. Esse estádio foi o do Fluminense, [construído] especialmente para a realização do certame continental. Foi então julgado o estádio tricolor carioca como uma maravilha. (...)

O aspecto era sobremado grandioso e deslumbrante: um mar de gente agrupado em torno do quadrilátero gramado, por sobre tudo centenas de bandeiras de nações amigas e de entidades esportivas, e ao longe, circundando este conjunto um círculo de montanhas que, majestosamente, parecia proteger os que ali se achavam vibrantes de vitalidade e entusiasmo, contra qualquer imprevisto que, porventura, pretendesse vir quebrar a harmonia àquela imponência (...)³⁵

Se, quando da criação da CBD o chanceler brasileiro Lauro Muller foi figura central na conciliação entre os dirigentes da LBF e LBE, no início da década de 1920, o próprio chefe máximo do poder Executivo federal demonstraria interesse pelos rumos da Seleção nacional. Não podemos afirmar que Venceslau Brás (1914-1918) não demonstrou interesse pelo selecionado mas, sem dúvida alguma, o primeiro presidente a interferir direta ou indiretamente nos rumos da CBD foi o seu sucessor.

Apresentava-se interessante para o governo Epiácio Pessoa (1918-1922) o sucesso da competição. Em 1922, um forte rumor tomava conta da imprensa nacional, afirmando que o presidente, em seus últimos meses de mandato, exigia como contrapartida ao auxílio financeiro dado à CBD, que não houvesse atletas negros na Seleção que disputaria o Sul-Americano daquele ano. Apesar de oficialmente negar qualquer tipo de pedido racista, a Seleção que foi à campo era branca, sendo o grande craque “El Tigre” excluído.

³² Idem, *Ibidem*.

³³ “Antes do campeonato, o football aqui já era uma doença: agora é uma grande epidemia, a coqueluche da cidade, de que ninguém escapa”. O texto do jornal *A Rua*, de 7 de maio de 1919(in) NOGUEIRA, Cláudio. *Opt. Cit.*

³⁴ O paulista Arthur Friedenreich era filho de pai branco e alemão com uma mãe mulata. Com o objetivo de aproximar-se do padrão dos jogadores da época, Friedenreich alisava seu cabelo que, juntamente com seus olhos verdes, ajudaria a ter uma aparência mais branca.

³⁵ MAZZONI, Thomaz. *Opt Cit.*

Mesmo com a criação da CBD, as fissuras continuariam no futebol nacional. A rivalidade entre paulistas e cariocas seriam transportada para os gramados e até mesmo as disputas dentro dos estados contribuíram para o enfraquecimento do futebol brasileiro na década de 1920, tempos em que o Uruguai e a Argentina dominavam o cenário do continente. Episódio ainda mais marcante foi a reação dos grandes clubes do Rio de Janeiro à conquista do Vasco da Gama que, com um time do qual participavam negros e mulatos, sagrou-se campeão em 1923. Flamengo, Fluminense, Botafogo e América tentaram limitar a participação vascaína na Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), posteriormente optando pela criação de uma nova entidade esportiva, a Associação Metropolitana de Esportes Amadores (AMEA).

1.2 Nos tempos de Getúlio

Novos tempos eram anunciados no futebol mundial e também na política brasileira. Jules Rimet, após divergências com os membros do Comitê Olímpico Internacional, decide criar o seu próprio torneio. A Copa do Mundo de 1930 teve como sede o Uruguai, o que esvaziou bastante o torneio devido aos altos custos que a viagem transatlântica causava nos cofres das federações europeias, combalidos com a internacionalização da Crise de 1929³⁶.

No Brasil, chegavam ao fim os tempos da “Política dos Governadores”. Aproveitando-se de uma cisão no bloco de poder dominante, a Aliança Liberal Brasileira opõe-se ao candidato governista Júlio Prestes, indicando a presidente e vice-presidente, respectivamente, os presidentes do Rio Grande do Sul – Getúlio Vargas - e da Paraíba – João Pessoa. O assassinato de João Pessoa foi o estopim para um movimento armado, liderado por ex-tenentes, com intuito de retirar do poder Washington Luis, e impedir a posse do candidato situacionista, vitorioso no pleito daquele ano. Chamado de “Revolução” de 1930, o golpe promoveu a chegada de Getúlio Dornelles Vargas ao poder, iniciando o longo período da Era Vargas (1930-1945).

Promovendo a desestruturação do esquema oligárquico no poder federal, Getúlio consegue centralizar o poder político em suas mãos, o que se apresentava de certa forma característico no mundo naqueles tempos de radicalização da década de

³⁶ GUTERMAN, Marcos. “O futebol explica o Brasil – Uma história da maior expressão popular do país.” São Paulo: Editora Contexto, 2009.

1930. Além do autoritarismo já citado, uma vez que poucos foram os meses em que a tripartição dos poderes ocorreu de fato, este período foi marcado pela industrialização de bases nacionalistas, pela diversificação da produção agrícola e pela equidistância pragmática nas relações exteriores, assim como pela ausência de liberdade de expressão e por uma intensa repressão contra os opositores. No âmbito cultural, o nacionalismo seria marcante, sendo a vertente modernista ligada aos temas nacionais aquela que mais se destacava.

Não obstante, a aproximação entre o presidente Vargas e as massas trabalhadoras, sem dúvida, é o principal tema do período. Seria Vargas um populista, conforme defendiam Octavio Ianni e Francisco Weffort, ou um líder trabalhista, como acreditam Angela de Castro Gomes e Jorge Ferreira?³⁷ Fato inegável é que o presidente buscou uma aproximação com os trabalhadores através de elementos considerados traços fundamentais de uma cultura nacional, como o samba e o futebol. Para Maurício Drumond:

(...) O samba, nascido junto às camadas populares, conquistava as elites; o futebol, que havia sido um esporte aristocrático em sua chegada ao país, tornara-se uma das maiores paixões das camadas populares. Ambos, no entanto, foram elevados símbolos do que era ser brasileiro. Foi justamente esta proximidade com o povo e sua identificação com a nação que aproximou o esporte do projeto varguista.³⁸

Leônidas da Silva. Este é o nome do jogador que contribuiu de forma determinante para que o racismo, que cada vez mais incomodava certos setores da sociedade, fosse exposto nos campos de futebol. O *Diamante Negro* desfilava toda a sua técnica no time do Bonsucesso, mas suas atuações cada vez mais convincentes em campo vinham sempre acompanhadas de polêmicas³⁹, o que dava munições para aqueles que não desejavam um atleta negro com a camisa da Seleção. Entre estes,

³⁷ Escolhemos quatro autores para representar tal debate historiográfico pois não cabe neste trabalho uma análise profunda sobre o tema. Ver FERREIRA, Jorge. “O nome e a coisa: o populismo na política brasileira”. In: FERREIRA, Jorge (org.). “O populismo e sua história: debate e crítica”. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2001. P. 59-124.

³⁸ DRUMOND, Maurício. O esporte como política de estado: Vargas. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). “História do esporte no Brasil”. São Paulo: Unesp, 2009.

³⁹ Acusações de roubo de jóias e gestos obscenos para torcidas adversárias, além de entrevistas polêmicas onde o jogador explicitava sua insatisfação com o racismo presente nos grandes clubes, são algumas das controvérsias que marcaram toda a carreira do jogador.

encontrava-se o próprio presidente da CBD, Renato Pacheco, que afirmava “não querer vê-lo nem pintado envergonhando o *scratch* brasileiro.”⁴⁰

Pressões da imprensa, lideradas pelo Jornal dos Sports, e exibições cada vez mais espetaculares e decisivas de Leônidas, levam não só à sua escalação como titular, mas também à convocação do não menos espetacular zagueiro Domingos da Guia e de outros dois jogadores negros: Gradin e Jarbas. Renato Pacheco é substituído por Ariosvaldo de Almeida na presidência da CBD e o resultado em campo sepulta qualquer dúvida quanto à eficácia daqueles atletas negros: dois gols de Leônidas contra um dos uruguaios em Montevideu. O jogador sai carregado pelos companheiros de campo e, no Rio de Janeiro, é recebido juntamente com os outros atletas como herói nacional, sendo inclusive saudado pelo próprio presidente Getúlio Vargas da sacada do Palácio das Águias, no Catete.

No entanto, como já mencionado anteriormente, as disputas internas não cessavam. A rivalidade entre paulistas e cariocas, que já enfraquecera a Seleção na primeira Copa do Mundo, foi aprofundada em 1934. A CBD defendia a manutenção do amadorismo e disputava forças com a nova FBF, criada em 1933, e que defendia a introdução do regime profissional, visto como a única solução contra o êxodo de jogadores e o amadorismo marrom que era praticado no Brasil. Esta instituição contava com o apoio de associações, liga ou federações do Rio de Janeiro, Distrito Federal, São Paulo, Paraná e Minas Gerais.

Os melhores jogadores do Brasil encontravam-se nos times já profissionalizados, o que levou a uma tentativa desesperada da CBD, oferecendo contratos para jogadores que desejassem defender a Seleção na Copa de 1934. Poucos aceitaram tal proposta que, na prática, enterraria o amadorismo “puro” defendido pela entidade. Uma enfraquecida Seleção foi derrotada no seu primeiro jogo contra a Espanha, promovendo a mais breve participação do Brasil na história do torneio⁴¹.

O governo, que apesar de manter intacta as relações sociais no campo, promoveu transformações significativas nos centros urbanos, ampliando a legislação trabalhista existente até então através do Ministério do Trabalho, Comércio e Indústria, demonstrava seu interesse nos esportes, passando a acompanhar de forma mais atenta os problemas ligados ao futebol. A indicação do influente Lourival Fontes como chefe da delegação brasileira é prova disso. Em 1934, a CBD de forma

⁴⁰ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Opt. Cit.*

⁴¹ DRUMOND, Maurício. *Opt Cit.*

pragmática, buscado enfraquecer a FBF, aceita times profissionais em suas fileiras e abandona definitivamente o amadorismo. O fim definitivo das disputas ocorreria somente em 1937 (“pacificação dos esportes”), quando o amadorismo deixa de existir⁴² e as duas principais entidades esportivas promovem, enfim, uma conciliação.

A III Copa do Mundo é um marco para o futebol brasileiro. Em 1938, o Brasil participava, finalmente, de uma Copa do Mundo com os seus melhores jogadores e com vinte dias para a preparação e concentração em Caxambu. É também deste momento a aproximação explícita entre Getúlio Vargas e o futebol, através da subvenção à delegação, pela indicação da filha do presidente Alzira como madrinha, ou mesmo com a recepção aos jogadores antes do embarque para a França no Palácio do Catete.

A excelente atuação da Seleção na Europa empolgou a população. Até mesmo intelectuais como Gilberto Freyre demonstravam sua animação com o time mestiço enviado a campo pelo técnico Ademar Pimenta. O autor de *Casa Grande e Senzala* descrevia assim no *Diário de Pernambuco* a vitória sobre a Tchecoslováquia, fincando a ideia da existência de um estilo brasileiro de jogar futebol:

O nosso estilo de jogar foot-ball me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo brilho e espontaneidade individual que exprime o mesmo mulatismo de que Nilo peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política (...) tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e sociólogos o mulatismo *flayboyant* e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.⁴³

Perdendo apenas um jogo em toda a competição, ainda assim para a então campeã do mundo - a Itália - e contando com um polêmico pênalti assinalado para a time italiano⁴⁴, o Brasil obtém um honroso terceiro lugar e o artilheiro da competição.

⁴² Para Maurício Drumond, não há qualquer tipo de intervenção do governo na profissionalização do futebol. Para o autor, a relação entre o Estado e o esporte é ambígua, em especial na questão da profissionalização do futebol: “(...) Um olhar mais superficial sobre a relação entre Getúlio e o esporte poderia apontar para um esforço do estado na consolidação do regime profissional no esporte brasileiro. Contudo, tal não foi o caso, como pode ser visto no processo de construção do profissionalismo do futebol brasileiro.” Idem, *ibidem*. Já Marcos Guterman acredita que a intervenção de fato acontece. Para o autor: “(...) Getúlio, de fato, empreendeu esforços consideráveis para estatizar o controle do futebol no Brasil, e isso acelerou o processo de sua profissionalização – afinal, como já ficou sugerido, está claro que articular a recompensa financeira aos “trabalhadores da bola” era uma forma de atrair o apoio dos atletas e das classes pobres para as fileiras do governo. Isso tinha uma dupla função: ampliar a base social do regime, isolando as oligarquias, e fazer crer que havia uma espécie de “democracia racial” no Brasil.” (In)GUTERMAN, Marcos. *Opt. Cit.*

⁴³ FREYRE, Gilberto. “Sociologia”. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.v.2.

⁴⁴ Vargas assim relatou em seu diário o impacto da partida na sociedade brasileira: “O jogo monopolizou as atenções. A perda do time brasileiro para o italiano causou grande decepção e tristeza

O outrora rejeitado Leônidas tornou-se o maior goleador da principal competição do futebol mundial. Recebidos como campeões morais, uma vez que o povo não aceitou a derrota para a Itália, os jogadores desfilaram nas ruas do Distrito Federal e mais uma vez se encontraram com o presidente.

Mais uma vez comprovada a capacidade de mobilização dos esportes, era preciso articular uma forma de intervenção do Estado. Para além da ação da Censura Teatral que, desde 1935, intervinha nas atividades desportivas, mostrava-se imperiosa a criação de um órgão. Subordinado ao Ministério da Educação e Saúde, o Conselho Nacional dos Desportos foi criada com o intuito de “orientar, fiscalizar e incentivar a prática dos desportos em todo o país”, subordinando mais uma área na cultura nacional ao Estado Novo. Beneficiada com esta medida, uma vez que o CND somente reconhecia uma confederação por esporte e obrigatoriamente esta deveria ser filiada à entidade internacional que comandava seu respectivo esporte, a CBD voltava então a comandar sozinha o futebol brasileiro⁴⁵.

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) impediu a realização de duas Copas do Mundo de Futebol (1942 e 1946), adiando o sonho brasileiro de sediar a competição, e também dificultando a manutenção da *Equidistância Pragmática* praticada pelo Itamaraty, perante a oposição entre democracia e fascismos⁴⁶. O *comércio compensado* realizado com a Alemanha encontrava dificuldades devido ao bloqueio do atlântico imposto pelos ingleses, permitindo uma aproximação ainda maior do Brasil com a *Política da Boa Vizinhança* estadunidense. O rompimento do equilíbrio ocorre ainda em janeiro de 1942, quando o Brasil rompe relações com o Eixo, declarando guerra a seus participantes em agosto do mesmo ano, após intensas pressões populares, estadunidenses e ataques de submarinos alemães a navios brasileiros na costa atlântica⁴⁷.

A vitória das democracias no teatro de guerra tem reflexos no Brasil. Em um contexto de “invenção do trabalhismo”⁴⁸ e da afetiva aproximação de Vargas com os trabalhadores preocupando setores da elite nacional, pressões pela redemocratização

no espírito público, como se se tratasse de uma desgraça nacional.”Getúlio Vargas, *Diário*. São Paulo: Siciliano, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995, v.2,p.140.

⁴⁵ A FBF foi extinta ainda no ano de 1941.

⁴⁶ MOURA, Gerson. A ofensiva ideológica e política dos EUA: o equilíbrio rompido, 1939-1942. In: Moura, Gerson. *Autonomia na dependência*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1980.

⁴⁷ SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio e a formação dos blocos: 1930-1942, o processo de envolvimento brasileiro na segunda guerra mundial*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1985.

⁴⁸ GOMES, Ângela de Castro. “A invenção do trabalhismo”. Rio de Janeiro: IUPERJ; São Paulo: Vértice, 1988.

levaram à decadência do Estado Novo. A vitória eleitoral de Eurico Gaspar Dutra marcava o fim da Era Vargas.

1.3 O Maracanã, a Copa de 1950 e os clubes

O governo Eurico Gaspar Dutra (1946-1951) tem a tarefa de preparar o Brasil para um “grande desafio internacional”: sediar a primeira Copa do Mundo após a Segunda Guerra Mundial. Enquanto inseria o Brasil ao lado dos Estados Unidos no contexto da Guerra Fria, o chamado “alinhamento sem recompensas”⁴⁹ de Dutra perseguia internamente os comunistas, após colocar na ilegalidade o PCB, instalava a Escola Superior de Guerra (ESG), responsável por alinhar os militares brasileiros na órbita da Doutrina de Segurança Nacional (DSN).

Para políticos, dirigentes e jornalistas como Mário Filho, a decisão tomada no Congresso de Luxemburgo (1946), garantindo ao Brasil o direito de sediar a Copa do Mundo de 1950, era uma forma de mostrar um país industrializado e que havia conseguido nítido progresso nos quinze anos de Era Vargas. Segundo Gisella Moura:

(...)Poderia ser a ocasião de difundirmos a imagem do país que desejávamos. Seria como nas grandes exposições internacionais do início do século XX, quando os pavilhões dos países apresentavam as últimas novidades e os progressos científicos. O futebol brasileiro era o produto que gostaríamos de propagandear. A Copa de 1938 fora apenas uma amostra da genialidade e da beleza de nosso jogo; agora chegara a hora de conquistarmos o reconhecimento internacional, garantindo a vitória na Copa⁵⁰.

O “desejo de mostrar orgulho por suas origens e desenvolvimento, uma forma de provar que o país não era somente um lugar musical, luxuriante e improdutivo”⁵¹ toma conta dos discursos políticos, jornalísticos e acadêmicos. Até mesmo Rachel de Queiroz opina sobre a questão, lembrando que esta seria também uma oportunidade de refutar aqueles ideias que associavam o mestiço nacional à indolência, pois “no ardor com que se entregam ao ‘esporte das multidões’ nossos patrícios de todas as idades e de todas as condições sociais, está o maior desmentido da nossa preguiça”⁵².

⁴⁹ Eurico Gaspar Dutra foi o primeiro presidente a visitar os Estados Unidos da América. Sua política de abertura aos capitais estadunidenses fica clara em sua declaração ressaltando a “importância dos investimentos privados para a economia nacional”. CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. “História da Política Exterior do Brasil”. Brasília: UNB, 2002.

⁵⁰ MOURA, Gisella de Araújo. “O Rio corre para o Maracanã”, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

⁵¹ GUTERMAN, Marcos. Opt. Cit.

⁵² Idem, *ibidem*.

A construção do Maracanã seria um símbolo destes novos tempos em que ingressara o Brasil. Para Mario Filho, a construção do maior estádio do mundo era uma forma de demonstrar a capacidade do povo brasileiro, fruto do esforço do trabalhador nacional⁵³. Marcante seria também para a cidade do Rio de Janeiro, que através desta afirmaria seu “potencial de modelo para uma nação empreendedora” através do “monumento arquitetônico”, que seria construído no local do antigo Derby Club⁵⁴. O prefeito do Rio de Janeiro, General Mendes de Moraes, assina a autorização para o início das obras no dia catorze de novembro de 1947 na sede da CBD, comprando a cadeira cativa de número dois, deixando a número um para o presidente Eurico Gaspar Dutra.

Entregue ao povo no dia dezessete de junho de 1950, o estádio, ainda com poucas semanas de vida, é palco de um dos capítulos mais marcantes da história do país: a derrota para o Uruguai na final da Copa de 1950. Antes do jogo, o General Mendes de Moraes afirmou aos jogadores que cinquenta milhões de brasileiros esperavam pela vitória da Seleção. De virada, a Seleção celeste faria 10% da população carioca presente no estádio testemunhar o silêncio mais ensurdecedor jamais antes visto em uma praça de esportes no Brasil. Diante da tristeza nacional, alguns ainda conseguiam ver o lado positivo de todo o esforço realizado, como o cronista do Jornal dos Sports Ricardo Serran, que afirmava:

(...) E embora perdêsemos o campeonato do mundo, ganhamos o estádio, que é uma prova da capacidade de realização do brasileiro, ganhamos a admiração do mundo por termos realizado o mais brilhante campeonato do mundo de todos os realizados, por termos oferecido aos disputantes do campeonato do mundo um ambiente de segurança ainda não oferecido em nenhum outro campeonato do mundo e por termos exibido o melhor futebol do mundo. Também temos muitos motivos de orgulho. Orgulhem-nos do que orgulharia a qualquer povo do mundo.⁵⁵

A derrota na Copa fez com que aqueles, como o próprio técnico da Seleção Flávio Costa, que tentaram usar o futebol nas eleições de 1950 amargassem uma

⁵³ A grandiosidade da obra era notável: 3 milhões e 470 mil quilos de ferro, 142 mil sacos de cimento, 20 mil metros cúbicos de pedra britada e 136.800 metros quadrados de fôrmas, com mobilização de cerca de 3500 homens auxiliados por homens da polícia do exército nos preparativos finais da obra, como conta em entrevista ao autor Mario Jorge Lobo Zagallo: “É interessante a minha relação com a Copa pois antes de o Maracanã existir eu jogava pelada no antigo Derby Club. Depois, eu estava servindo no 6º pelotão da Polícia do Exército e trabalhei na retirada das madeiras da arquibancada ao final da construção. E na final eu estava policiando o público junto à bandeira do córner no gol do Gígia, mas é claro que eu estava vendo o jogo!” Disponível no sítio <http://blogdoruiododaniel.blogspot.com.br/search/label/Zagallo>.

⁵⁴ MOURA, Gisella de Araújo. Opt. Cit.

⁵⁵ Reicardo Serran. *A vez dos urubus*. Jornal dos Sports, 19-7-1950. (In) Idem, *Ibidem*.

significativa derrota nas urnas. Além disso, abalou a própria ideia de singularidade do futebol mestiço do Brasil. O goleiro Barbosa foi considerado o grande culpado pela derrota, que também estigmatizou por muitos anos os jogadores negros, reavivando o racismo que não estava de todo extinto⁵⁶. Para o ex-goleiro do Vasco, “a pena máxima no Brasil é de 30 anos e ainda pago depois de 47 anos por isso”⁵⁷.

Com relação aos clubes nas décadas de 1930 e 1950, as seleções estaduais também levavam multidões aos estádios durante o campeonato de seleções, principalmente quando se opunham Rio de Janeiro e São Paulo. Mas na contra-mão dos países sul-americanos nos anos 1950, o Brasil não possuía um campeonato de âmbito nacional. As dimensões continentais do país sempre eram apresentadas como justificativa para a falta de integração nacional que se refletia na ausência de um campeonato de proporções nacionais.

No entanto, isto não impedia a difusão do amor aos clubes por todo o Brasil, pois foi através do rádio, veículo de comunicação ainda relativamente novo - pois chegara ao Brasil no início da década de 1920 - que amazonenses, paraibanos ou goianos torciam para os grandes times do Rio de Janeiro. Principalmente a Rádio Nacional, estatizada pelo Estado Novo em 1940, possuía potência para fazer suas ondas chegarem em todo o território brasileiro e transmitia os jogos dos times do Distrito Federal. O Flamengo, time do coração de um dos principais narradores de futebol daqueles tempo, Ari Barroso, foi um dos mais beneficiados com as transmissões⁵⁸.

Assim, não somente a associação com a Seleção nacional poderia proporcionar dividendos políticos, mas também o uso dos clubes acabaria sendo benéfica aos dirigentes. Ainda no Estado Novo, o estádio de São Januário foi palco das principais comemorações cívicas, ocasiões em que o elo entre Vargas e a população eram reforçados. Já Eurico Gaspar Dutra presenteou o Flamengo com propriedades no centro do Rio de Janeiro e novamente Getúlio Vargas, agora em seu

⁵⁶ RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*, Rio de Janeiro: Forno, 1994.

⁵⁷ Entrevista concedida a Helvídio Matos e exibida pela TV Cultura. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=cwVc30P44fl&feature=related> e <http://www.youtube.com/watch?v=QtW78YvOKx8>

⁵⁸ As conquistas do campeonato carioca de 1942, 1943 e 1944, assim como ter em suas filieras os dois principais jogadores negros do futebol brasileiro nos anos 1930 e 1940, Leônidas da Silva e Domingos da Guia, também são fundamentais na popularização do time rubro-negro. Reflexo disso foi a inclusão de um fanático personagem flamenguista no programa humorístico Balança mas não cai, também transmitido pela Rádio Nacional. Ao fim do esquete ele dizia o seguinte bordão: “Mengo, tu é o maior”. SANDER, Roberto. “Anos 40 – viagem à década sem Copa”. Editora Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

segundo governo, concedeu empréstimos facilitados para o mesmo clube construir sua sede no Morro da Viúva. O futebol dos clubes ainda apresentava muito mais potencial de exploração, o que seria descoberto poucos anos depois.

1.4 Os anos JK e o desenvolvimentismo nacional (1956-1961)

Se a Copa de 1950 foi inserida no ideal nacionalista e trabalhista solidificado na Era Vargas, a conquista da primeira Copa do Mundo faz parte de um momento de grande euforia. Após o suicídio de Getúlio Vargas e o consequente desespero da população que, na capital federal, promoveu uma série de conflitos urbanos chamados de “carnaval da tristeza”⁵⁹ por Jorge Ferreira, assume a presidência João Café Filho, o único chefe do Executivo federal ex-jogador profissional de futebol.

O alinhamento com a UDN (União Democrática Nacional) e sua política caracterizada como cosmopolita por Hélio Jaguaribe, seria o principal destaque deste governo. A revisão do Acordo Militar Brasil –Estados Unidos de 1952⁶⁰ e a elaboração da instrução 116 da Superintendência da Moeda e do Crédito, que facilitaria a importação de produtos por multinacionais, demonstrariam a postura chamada pelos nacionalistas de “entreguista”. Neste contexto, chamam a atenção as eleições para presidente, realizadas em 1955.

O primeiro candidato a surgir na disputa foi o governador de Minas Gerais, membro do PSD (Partido Social-Democrático) varguista, Juscelino Kubistchek de Oliveira. Com o apoio do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), que lançaria para vice o ex-Ministro do Trabalho, João Belchior Goulart, JK era o favorito nas pesquisas, uma vez que parecia poder capitalizar os votos daqueles que desejavam a manutenção da política nacionalista-trabalhista idealizada por Getúlio Vargas. A UDN, por sua vez, decide lançar uma nova candidatura militar diante já desgastado Brigadeiro Eduardo Gomes: o nome da vez era o Marechal Juarez Távora; ex-tenente que compôs o Governo Provisório de Vargas (1930-1934), coordenando os interventores do Nordeste - o que lhe rendeu o título de Vice-Rei do Norte - rompeu com o

⁵⁹ FERREIRA, Jorge, "O carnaval da tristeza: os motins urbanos do 24 de agosto" (In) Gomes, Angela de Castro (org). "Vargas e a crise dos anos 50". Rio de Janeiro: editora Relume Dumará.

⁶⁰ BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. "Brasil – Estados Unidos: A Rivalidade emergente(1950-1988). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2011.

getulismo, transformando-se em um dos militares mais críticos ao nacionalismo do PTB. Ainda para o Executivo, concorreriam Adhemar de Barros pelo PSP (Partido Social Progressista) e o ex-integralista Plínio Salgado, agora filiado aos PRP (Partido da Representação Popular).

A vitória de JK nas urnas deu-se por uma pequena margem de votos. Juscelino obteve 35,68% dos voto, seguido por Juarez Távora com 30,27%, Adhemar de Barros (25,77%) e Plínio Salgado (8,28%). Inconformados com o retorno dos trabalhistas ao poder, - é importante lembrar que João Goulart foi eleito vice, levando novamente o PTB ao Palácio do Catete - setores militares estimulados pelo General Jurandir Bizzarria Mamede, vinculado à Escola Superior de Guerra, tentaram um golpe que evitaria a posse de Juscelino. Juntamente com Carlos Lacerda⁶¹, Carlos Luz e o apoio tácito do presidente afastado Café Filho, os golpistas foram desarticulados pelo Ministro da Guerra Henrique Teixeira Lott, que empossou o presidente do Senado Nereu Ramos, promovendo o chamado Golpe Preventivo de 1955.

Uma vez no poder, Kubistchek pôs em execução o Plano de Metas, um ambicioso programa de governo que, sob o lema “50 anos de progresso em 5 anos de governo”, objetivava um rápido desenvolvimento do Brasil “através de uma política econômica que combinava o Estado, a empresa privada nacional e o capital estrangeiro (...) com ênfase na industrialização”⁶². A entrada de multinacionais, principalmente aquelas ligadas ao setor automobilístico e à construção naval, seriam os destaques, o que fez com que muitos contemporâneos acreditassem que, baseado no nacional-desenvolvimentismo, o Brasil finalmente teria a sua “revolução industrial”⁶³.

O símbolo destas transformações nos chamados “Anos JK” seria a projeção da nova capital: Brasília. Construída em apenas quarenta e um meses, e inaugurada em 21 de abril de 1960, a cidade foi planejada pelo urbanista Lúcio Costa e pelo arquiteto Oscar Niemeyer.

⁶¹ Carlos Lacerda, jornalista e político da UDN, é protagonista no contexto do suicídio de Getúlio Vargas, e afirmava que “Juscelino não pode ser candidato. Se for, não deve ser eleito. Se for, não deve tomar posse. Se tomar posse, não deve governar, deve ser deposto”. PINHEIRO, Luiz Adolfo. JK, Jânio, Jango: três jotas que abalaram o Brasil. Editora Letrativa.

⁶² FAUSTO, Boris (dir.). *O Brasil Republicano*. Sociedade e política (1930-1964). Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2004 (História Geral da Civilização Brasileira, 10).

⁶³ MOREIRA, Vânia Maria Losada. “Os anos Jk: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural”(in) DELGADO, Lucilia de Almeida N. E FERREIRA, Jorge(org). “O Brasil Republicano”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Parte integrante e, ao mesmo tempo, reveladora do projeto desenvolvimentista de Juscelino, a nova capital legitimava-se a partir de um conjunto de justificativas que vão desde aspectos de segurança militar até questões de equilíbrio regional. Chama atenção os discursos dos defensores da nova capital, que buscam desqualificar o Rio de Janeiro, expondo seus teóricos pontos negativos, a fim de evidenciar a impossibilidade de contarmos com a cidade para o posto de capital de um "Brasil moderno"⁶⁴.

Assolada por problemas urbanos, fragilizada diante das chuvas fortes, e vulnerável aos movimentos radicais de oposição ao governo, o Rio aparece como uma capital indesejável, sem afinações com a "nova era". Brasília sim, seria traçada e erguida para atender aos interesses de representação nacional. Como capital planejada, ela teria condições até de solucionar a ineficiência e a corrupção da burocracia federal, contaminada pelos "vícios cariocas".⁶⁵

A crescente inflação e o endividamento externo do país, juntamente com o aumento das desigualdades regionais e da violência no campo, não impediram a construção do imaginário dos "Anos Dourados", embalados pela bossa nova na música e pelo concretismo na poesia. Nos esportes, Maria Esther Bueno era bicampeã do torneio mais tradicional do mundo: Wimbledon. Enquanto isso, Nelson Rodrigues comemorava em 1958 o fim do "complexo de vira-latas" em outros gramados: era a conquista da VI Taça Jules Rimet em 1958 na Suécia.

O brasileiro mudou até fisicamente. Lembro-me de que, ao acabar o jogo Brasil x Suécia, eu vi uma crioulinha. Era típica favelada. Mas o triunfo brasileiro a tranfigurou. Ela andava pela calçada com um charme de Joana d'Arc. E assim, os criouloes plásticos, lustrosos, ornamentais, pareciam fabulosos príncipes atíopes. Sim, depois de 1958, o brasileiro deixou de ser um vira-lata entre os homens e o Brasil um vira-lata entre as nações.⁶⁶

Além de superar a ideia bastante difundida entre o povo de que o Brasil "jogava como nunca e perdia como sempre", com o protagonismo do negro Pelé e do descendente de índios Garrincha, há uma diminuição do preconceito contra os negros, que havia retornado agressivamente no futebol brasileiro depois da derrota na Copa

⁶⁴ BOMENY, Helena. "Utopias de cidade": as capitais do modernismo" In GOMES, Angela de Castro (ORG) "O Brasil de JK". Rio de Janeiro, FGV Editora, 1991.

⁶⁵ ROCHA, Marcela Gonçalves. "O RIO NÃO É UM MUNICÍPIO QUALQUER - A FUSÃO E A CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO". DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFRJ. RIO DE JANEIRO, 2002.

⁶⁶ RODRIGUES, Nelson. "A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

de 1950. A vitória na Suécia associou o crescimento econômico do Plano de Metas à cultura popular, sendo cada vitória explorada politicamente pelo presidente Juscelino. Este lembrou posteriormente dos impactos positivos em sua gestão com Havelange, citando as substituições de ministros sem nenhuma repercussão na imprensa nacional, e brincando que queria saber quando seria a próxima Copa do Mundo para voltar a intervir nos Ministérios⁶⁷.

Embalados pela marchinha composta para celebrar o feito da seleção, os jogadores desembarcaram no aeroporto do Galeão, festejados como “heróis da pátria”. Desfilaram no carro de bombeiros, acenando para o povo que, entusiasmado, cantava: *“A taça do mundo é nossa/ Com o brasileiro não há quem possa?/ Éh eta esquadra de ouro?/ É bom no samba, é bom no couro.(...)”*⁶⁸. Depois, foram recebidos no Palácio do Catete pelo próprio presidente, que “fez questão de beber champanhe na taça dos campeões”⁶⁹.

1.5 Da necessidade de um torneio nacional: a Taça Brasil (1959-1961)

Chamava atenção o fato de que os clubes brasileiros ainda não tinham um campeonato que pudesse ser chamado de nacional; o mais próximo disso era o Torneio Rio-São Paulo, considerado a mais importante competição do país. Porém, um fator exógeno levou à mobilização dos dirigentes brasileiros, mudando sua postura de “vistas grossas” em relação à fragmentação do futebol brasileiro: a necessidade de indicar o representante do país na Taça Libertadores da América, criada para ser a maior competição do continente. A pedido do brasileiro José Ramos de Freitas, presidente da Comebol à época e que cumprira desejo dos dirigentes de Brasil e Argentina, que solicitavam a criação de uma competição nos moldes da Copa dos Campeões da UEFA, um torneio nacional deveria ser organizado.

A escolha do representante brasileiro através do Torneio Rio-São Paulo restringiria a disputa apenas a cariocas e paulistas. Tal método, portanto, não seria

⁶⁷ AGOSTINO, Gilberto. “Vencer ou Morrer – Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional”. Rio de Janeiro: Editora MAUAD, 2002.

⁶⁸ “Nelson Rodrigues destacava na imprensa as atuações individuais de Zagallo e Pelé e as qualidades morais de Didi. Os jogadores eram tratados como heróis da pátria. E o futebol reconhecido como uma feição inseparável da alma brasileira.” FRANCO, Hilário Júnior. “A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura”. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁶⁹ AGOSTINO, Gilberto. Op. Cit.

interessante em termos políticos para o presidente da Confederação Brasileira de Futebol, trazendo à tona a necessidade de se formar algo mais próximo de um torneio que abrangesse todas as regiões.

Os obstáculos eram os mesmos velhos conhecidos apresentados nos anos anteriores: as dimensões continentais do país inviabilizariam o deslocamento das delegações, além de problemas como a ausência de datas disponíveis, uma vez que os campeonatos estaduais e as excursões altamente rentosas para os clubes preenchiam o calendário desportivo, recrudescidos ainda pela falta de recursos da CBD.

Diante de tal quadro, a criação da Taça Brasil, que reuniria todos os campeões estaduais (e alguns vices), foi a solução encontrada pela CBD. Como base, utilizou-se a organização dos tempos do Campeonato Brasileiro de Seleções ou seja, dividiu-se o país em duas grandes chaves (Norte /Nordeste e Centro/Sul) e, após os jogos eliminatórios de ida e volta, os times paulistas e cariocas entrariam, já na fase de semifinais. Dessa maneira, os custos seriam diminuídos e, teoricamente, a qualidade dos confrontos seria maior, vislumbrando-se um torneio democrático, uma vez que abria a possibilidade do campeão do Amazonas representar o Brasil na Libertadores.

Dezesseis foram os participantes da primeira edição da Taça Brasil.⁷⁰ O objetivo era que todos os vinte e um estados mais o Distrito Federal fossem representados de forma progressiva na competição. O primeiro ano da Taça Brasil, 1959, tem o Bahia como representante da chave Norte/Nordeste, após vitória na partida desempate contra o Sport em Recife, e o Grêmio na chave Sul, depois de goleada sobre o Atlético Mineiro no estádio Independência por quatro a um, e de garantir a classificação pelo placar mínimo no estádio Olímpico. A lógica ocorreu no confronto entre Santos e Grêmio, com a vitória do time do menino Pelé, na época com dezoito anos.

A surpresa veio no Nordeste. O Bahia conseguiu ganhar do Vasco no jogo extra pelo placar mínimo e, enfrentando o Santos na Vila Belmiro, superou os gols de Pelé e Pepe com Biriba e dois gols de Alencar. Trabalhando como comentarista da Rádio Panamericana, Leônidas da Silva analisava assim a vitória do Bahia:

⁷⁰ CSA (Alagoas), Bahia (Bahia), Ceará (Ceará), Rio Branco (Espírito Santo), Vasco (Guanabara), Ferroviário (Maranhão), Atlético (Minas Gerais), Tuna Luso (Pará), Auto Esporte (Paraíba), Atlético (Paraná), Sport (Pernambuco), Manufatura (Rio de Janeiro), ABC (Rio Grande do Norte), Grêmio (Rio Grande do Sul), Hercílio Luz (Santa Catarina) e Santos (São Paulo).

Poucos adversários do Santos foram iguais ao Bahia, hoje, na Vila Belmiro, pela sua técnica, pela sua fibra e a vontade férrea de vencer. Impressionou-me favoravelmente a exibição magnífica dos comandados por Geninho, com um padrão de jogo clássico, 4-2-4, recuando os ponteiros Marito e Biriba. Surpreendeu-me seu futebol de meia-cancha, com seus atletas procurando colocar a bola de pé para pé, sem desperdícios de energias, mesmo com o gramado molhado, jogando simples e sem firulas. Bombeiro foi para mim o melhor do jogo, pois marcou bem a Jair da Rosa e ainda saiu para o jogo passando a bola para um dos gols do Bahia.⁷¹

No jogo de volta, realizado no dia trinta de dezembro, o Santos - com gols de Coutinho e Pelé - ganhou diante de quarenta mil pessoas na Fonte Nova. Um jogo extra deveria ser marcado, mas o Santos recusa-se a jogar tal partida na Bahia. O jogo foi remarcado então apenas para março de 1960, exemplificando a falta de datas para o encontro, que não era prioridade naqueles tempos. Após cumprir longa agenda de jogos no exterior e compensá-los realizando jogos extras pelo Campeonato Paulista, o Santos de Pelé encontra-se com o Bahia no Maracanã para o confronto final. Aproveitando-se o cansaço do time santista, o Bahia vence novamente, desta vez por três a um, fechando o placar com gol do artilheiro das finais, o meia Alencar. João Havelange entrega a primeira Taça Brasil para um time fora do eixo Rio-São Paulo, consolidando a ideia de que o campeonato indicara, de fato, o primeiro campeão do Brasil. Segundo matéria do jornal *O Globo*:

(...) primeiro campeão brasileiro de todos os tempos (...) um título único e inédito de uma importância sem igual. Uma odisséia fantástica do Esporte Clube Bahia, quase desacreditado depois da derrota em Salvador, vitorioso e inconstante no Rio de Janeiro, no templo do futebol, o Maracanã, contra o maior time do mundo.⁷²

As críticas à arbitragem não diminuíram a felicidade dos soteropolitanos. Festa em Salvador, encampada politicamente pelo prefeito da cidade, Heitor Dias. Político da UDN, no período da Ditadura Civil-Militar filiado à ARENA, pela qual foi deputado federal entre 1967 e 1971 (ou seja, manteve o mandato mesmo após os expurgos do AI-5) e senador (1971-1979), afirmava de forma entusiasmada: “*Salvador hoje completa 411 anos de fundação e o melhor presente foi a grande conquista do Esporte Clube Bahia*”⁷³. Como uma volta ao passado, mais uma vez a Bahia rompia a hegemonia de cariocas e paulistas no cenário nacional, uma vez que o estado já havia ganho o campeonato de Seleções, em 1934.

⁷¹ CUNHA, Odir e PERES, José Carlos. "Dossiê - Unificação dos títulos brasileiros a partir de 1959".

⁷² *Jornal O Globo*, dia 30 de março de 1960. Texto de Ricardo Serran.

⁷³ *Idem*, *Ibidem*.

Em sua segunda edição, a Taça Brasil foi disputada entre setembro e dezembro de 1960, contando com uma equipe a mais do que na edição anterior,⁷⁴ uma vez que o estado de Sergipe passou a ser representado nesta disputa⁷⁵. Como o Bahia foi o campeão do ano anterior, o campeão carioca perdeu o acesso direto às semifinais, tendo que passar por três confrontos antes de alcançar tal etapa da disputa.

A chave Norte/Nordeste foi vencida pelo Fortaleza, que ganhou do campeão Bahia dentro da Fonte Nova, enquanto a chave Centro/Sul teve como vitorioso o favorito Fluminense, que derrotou o Grêmio em jogo extra, disputado no Maracanã. Palmeiras e Fluminense realizaram uma das semifinais, que classificou a equipe do Parque Antártica para a final contra o Fortaleza. Na partida decisiva, mesmo possuindo o artilheiro da competição - Bececê com sete gols - os cearenses não resistiram à força da equipe do consagrado técnico Oswaldo Brandão, sendo assim aplicada a maior goleada das finais na Taça: oito a dois para o Palmeiras.

Ao jornal *Folha de São Paulo*, o dirigente do Palmeiras, Nelson Duque, ressaltava qual a principal vantagem daquela competição brasileira: chegar à Taça Libertadores da América.

Estamos eufóricos, sim, e com toda a razão em face à conquista da Taça Brasil. Essa vitória é extraordinariamente significativa, pois confere ao Palmeiras a grande honra de representar o futebol brasileiro no torneio mundial interclubes. Nossa missão no torneio mundial interclubes é difícil, mas nos orgulhamos dela. O Palmeiras tradicionalmente é um clube que sabe defender o prestígio do futebol brasileiro. Haja vista a memorável atuação que teve na Taça Rio, em 1950. Bem sabemos que o certame em que nos empenhamos agora é mais duro, pois compreende jogos também fora do país.⁷⁶

Na época, a Taça Libertadores ainda não era chamada assim pelos brasileiros, que preferiam encará-la como uma etapa do Torneio Mundial Interclubes. O dirigente do Palmeiras ressaltava ainda a conquista da Copa Rio em 1951, competição esta que contou com a participação do Juventus e do Áustria Viena, vencida pelo clube alviverde. O torneio foi considerado – inclusive pela própria FIFA - como uma espécie de mundial, e a vitória no torneio faz com que o Palmeiras até hoje pleiteie o título de primeiro campeão mundial do Brasil.

⁷⁴ A composição dos grupos era a seguinte: o grupo Norte/Nordeste era representado por Bahia, Santa Cruz, Fortaleza, ABC, Capelense/AL, Moto Clube/MA, Paysandu, Estrela do Mar/PB e Santa Cruz/SE, enquanto aquele do Centro/Sul tinha Grêmio, Coritiba, Paula Ramos/SC, Cruzeiro, Fluminense, Fonseca/RJ, Rio Branco/ES e Palmeiras/SP.

⁷⁵ Tetracampeão sergipano em 1959, o Esporte Clube Santa Cruz era mais um representante do nordeste brasileiro na Taça Brasil.

⁷⁶ *Folha de São Paulo*, dia 30 de dezembro de 1960. “Independente (em principio) o novo adversário do Palmeiras no Torneio Mundial Interclubes.”

1.6 Instabilidade com a dupla Jan – Jan (1961-1964)

O governo Juscelino Kubitschek, concluído em 1961, deixa uma herança de descontrole financeiro e um total esquecimento da “questão social”. Enquanto as cidades se modernizavam, na zona rural permanecia a “intocabilidade sagrada das relações sociais no campo”, sendo a concentração fundiária um de seus problemas mais profundos.⁷⁷ O próprio presidente reconhecia este entrave, prometendo voltar em 1966 para solucionar a questão do campo.

Nas eleições de 1960, a aliança PTB/PSD indica o Marechal Henrique Lott, que possuía um histórico de defesa do legalismo, mas pouca ligação com as massas. Enquanto Adhemar de Barros (PSP) mostrava dificuldades em expandir seu carisma para além dos limites do estado de São Paulo, o mesmo não acontecia com o ex-governador Jânio Quadros, do nanico PTN (Partido Trabalhista Nacionalista), apoiado pela UDN. Político personalista, prometia moralizar o país, acabar com a corrupção (tendo como símbolo de campanha a “vassourinha”) e governar para o povo. Seu discurso ganha as massas, que imediatamente comprometem seus votos na dobradinha “Jan – Jan” (Jânio para presidente e Jango – João Goulart - para vice).

Tendo como álibi a maior votação dada a um candidato à presidência neste período republicano, Jânio elaborou uma política-econômica ortodoxa, com medidas como a desvalorização do cruzeiro, o corte nos gastos públicos e uma série de subsídios. Suas medidas moralistas - como a proibição da briga de galos, do uso de maiô cavado nos desfiles de misses e do lança-perfume - ofuscavam a profunda crise política advinda da corrosão das bases aliadas de Jânio no Congresso, uma vez que se fez presente uma disassociação entre sua política interna conservadora e sua política externa independente⁷⁸.

⁷⁷ FAUSTO, Bóris. Opt. Ct.

⁷⁸ Gestada pelo líder da UDN na câmara e orador contundente, Afonso Arinos, a PEI tinha como objetivo aproveitar as fissuras da bipolarização imperfeita dos tempos de Coexistência Pacífica, procurando ampliar os mercados brasileiros fomentando o comércio sul – sul. Neste contexto, o Brasil envia missões comerciais para o Leste Europeu (missões Leão Moura e João Dantas) e para a China (liderada por João Goulart), amplia a sua política africana com a criação de novas embaixadas, aproxima-se da Argentina com a assinatura dos Acordos de Uruguaiana e tende à uma aproximação política com os socialistas, através de condecorações polêmicas com a Ordem do Cruzeiro do Sul a Ernesto Che Guevara e Iuri Gagarin.

A Política Externa Independente adotava o que de mais moderno e nacionalista existia naquele momento: o terceiro-mundismo. Afonso Arinos, líder da UDN no Congresso desde os anos 1950, à frente do Ministério das Relações Exteriores,⁷⁹ tem muitas dificuldades devido à adoção da neutralidade positiva. O nacionalismo na política externa era veementemente atacado por militares ligados à ESG (Escola Superior de Guerra) e pela bancada conservadora da UDN.

O presidente ganhou mais inimigos, como Carlos Lacerda, governador do Rio de Janeiro, que o acusava de estar preparando um golpe juntamente com seu ministro da Justiça Pedroso Horta - para promover o “recesso não remunerado do Congresso” e realizar reformas no regime. Lacerda afirmava, inclusive, ter sido convidado a participar do movimento, deixando Jânio enfurecido.⁸⁰

O resultado de mais um dos discursos inflamados de Lacerda veio no dia seguinte: Jânio apresenta sua renúncia sem explicar claramente tal decisão. Tratava-se, talvez, de uma manobra política do presidente para centralizar o poder em suas mãos, uma vez que ele esperava que o povo saísse às ruas e o empresariado suplicasse sua permanência para evitar a posse de João Goulart, que no momento encontrava-se na China. Suas expectativas mostraram-se frustradas, e a crise política estava aberta no país.

Como sabemos, a posse de Goulart, em 7 de setembro de 1961, foi encarada como uma vitória do “legalismo”, uma vez que a sua entrada na presidência foi adiada ao máximo. Sob acusações de comunista e “desarticulador da ordem nacional”, Jango foi alvo de violentas tentativas, por parte da direita, que visavam impedi-lo de tomar posse. Insistindo na necessidade de cumprir-se a Constituição a qualquer preço, o governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola - cunhado de João Goulart - mobilizou-se. Imediatamente, formou a “Cadeia da Legalidade”, uma rede das rádios gaúchas que conclamava o povo a ir para as ruas a fim de dar o seu apoio à

⁷⁹ Em seu livro “A Política Domesticada”, Fernando Lattman-Weltman trabalha as dificuldades de Afonso Arinos à frente do Ministério das Relações Exteriores, sendo atacado principalmente por correligionários da UDN, partido que liderou por anos no parlamento brasileiro, por ter coordenado a adoção da Política Externa Independente no Governo Jânio Quadros. Ver pags. 141-142.

⁸⁰ *Folha de São Paulo*, dia 25 de agosto de 1961. “Medidas da Câmara para apurar denúncias do governador carioca”.

normalidade constitucional e mostrar seu repúdio ao golpe da junta militar de Brasília⁸¹.

As tropas da Brigada Militar foram então colocadas em estado de alerta para defender o Palácio e armou-se o clima de guerra civil. A capital do estado tornou-se, durante os doze dias de crise, uma praça de guerra. O Brasil dividiu-se: de um lado estavam os legalistas, mobilizados por Leonel Brizola e apoiados por parte considerável da sociedade civil que mantinha-se fiel à constituição; do outro, alinhavam-se os golpistas da junta de Brasília, cuja sustentação civil mais significativa vinha de Carlos Lacerda, o mais expressivo líder da UDN e velho inimigo dos getulistas⁸².

A solução encontrada para cumprir a lei e, ao mesmo tempo, controlar o “perigoso” João Goulart foi o regime parlamentar. Por meio da emenda constitucional n.º 4, aprovada às pressas em dois de setembro de 1961, alterava-se o regime republicano brasileiro, substituindo o presidencialismo pelo parlamentarismo. João Goulart foi informado de que poderia ser empossado desde que aceitasse dividir o Poder Executivo com um primeiro-ministro indicado pelo Congresso. Goulart, que estava retornando da China ao Brasil, concordou com a proposta em nome da paz política e para evitar derramamento de sangue. Voou então para Brasília a fim de assumir o cargo com poderes limitados.

João Goulart assumiu o poder sustentando-se ideologicamente nos nacionalistas, nos trabalhistas e nos comunistas, e tendo ao seu lado os estudantes, representados pela UNE (União Nacional dos Estudantes) e controlada pelos esquerdistas, os movimentos rurais como as Ligas Camponesas, lideradas por Francisco Julião (que pregava a “reforma agrária na lei ou na marra”), a FMP (Frente de Mobilização Popular, criada em 1962 por Leonel Brizola), o apoio dos escalões inferiores das Forças Armadas (suboficiais, sargentos, cabos e marinheiros), da maioria dos sindicatos operários do país, ligados à CGT (Central Geral dos Trabalhadores), bem como do maior partido de esquerda do país, o PCB (Partido Comunista Brasileiro).

Essas forças acreditavam que ele poderia vir a ser o grande reformador social que o país ansiava; o estadista capaz de realizar uma política de estatização dos

⁸¹ BARBOSA, Vivaldo. “A Rebelião da Legalidade – Documentos, Pronunciamentos, Noticiários e Comentários”. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002.

⁸² Idem, *ibidem*.

setores estratégicos da economia, de dar espaço aos sindicatos e de fazer a tão desejada reforma agrária nas terras dos latifundiários. No entanto, tal ambicioso programa de reforma social e estrutural dificilmente poderia ser implementado se o presidente da república não tivesse seus plenos poderes restaurados. Além disso, o programa das reformas de base, fomentado pelas esquerdas e repudiado pelos conservadores, não contava com a simpatia ou o entusiasmo da classe média urbana, mais preocupada com a inflação e com a crescente desordem social que grassava pelo país, manifestada pela onda ininterrupta de greves.

A chamada “estratégia de conciliação”⁸³ tinha seus empecilhos; já não era segredo que a direita do país (conservadores, liberais udenistas, ativistas anticomunistas e neofascistas) vinha há muitos anos articulando um golpe militar que pusesse um fim definitivo na república “populista”. Em seu acervo conspirativo e golpista, constava a tentativa de impugnação da eleição de Getúlio Vargas, em 1951; a pressão pela deposição do mesmo em 1954 (golpe que foi sustado pelo impacto que seu suicídio causou na opinião pública); a tentativa de impedir a posse de Juscelino Kubitschek, em 1955; os levantes de oficiais da FAB em Jacarecanga, em 1956, e em Aragarças, em 1959, também no governo JK; e, por último, na tentativa de impedir que João Goulart assumisse a presidência, em 1961.

Empresários de direita, junto com o apoio da CIA, financiaram a articulação do radicalismo conservador, com a criação de entidades como o IPES (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais) e o IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), instituições que mobilizavam empresários e tecnocratas em vários estados importantes do país, particularmente no eixo Rio-São Paulo, realizando estudos e projetos alternativos à administração trabalhista. Expressando o sentimento da classe média em ascensão, acreditavam que o país deveria ser dirigido por uma neo-oligarquia empresarial-militar que superasse o “populismo” e cujo poder, de certo modo, fosse imune às influências eleitorais⁸⁴.

Além disso, no caso do IBAD, objetivavam selecionar e financiar os candidatos anti-janguistas nas eleições de 1962. Temiam eles não a figura de João Goulart em si, afinal um político de temperamento conciliador, como se verificara no

⁸³ FERREIRA, Jorge e GOMES, Angela. “Jango – As múltiplas faces”. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007.

⁸⁴ BANDEIRA, Moniz. “O Governo João Goulart – as lutas sociais no Brasil (1961-1964). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.

episódio da aceitação do parlamentarismo, mas a infiltração dos comunistas e dos nacionalistas apaixonados.

A posição do presidente, de dar continuidade à política externa independente e não-alinhada de Jânio Quadros, bem como sua decisão de restabelecer relações diplomáticas com a URSS e repudiar qualquer tipo de intervenção no território cubano, só serviram para aumentar a retaliação conservadora ao seu governo e dificultar ainda mais o improvável sucesso da “conciliação nacional”.

As forças nacionalistas e esquerdistas que se mobilizaram no apoio a Jango e, de certo modo, conseguiram impedir o golpe da junta militar, não se conformaram com as limitações impostas ao presidente pela emenda parlamentarista. Pressionaram-no no sentido de realizar um plebiscito que restabelecesse a plenitude do presidencialismo no país, entendendo que era o momento de retomar a ofensiva e recuperar, com o apoio do Congresso, as prerrogativas que os chefes militares tinham-lhe negado. Era um período de radicalização das esquerdas; se num primeiro momento viam em João Goulart o “salvador da pátria”, agora estavam cansados de sua política conciliatória e que, ao seu ver, impediam qualquer tipo de reforma mais profunda.

Por fim, realizou-se o plebiscito. Em seis de janeiro de 1963, o povo brasileiro manifestou-se por um sonoro “sim” a Goulart – na verdade, um “não” ao sistema parlamentarista - apoiando a volta do presidencialismo. Sagrado pelas urnas, quando mais de 80% dos votos atenderam a sua demanda (quase dez milhões a favor do presidencialismo contra pouco mais de dois milhões que foram pela continuidade do parlamentarismo), o presidente recuperou a plenitude do seu mandato.⁸⁵

Pouco antes do plebiscito, Goulart havia anunciado o Plano Trienal, que procurava combater a inflação e preparar o país para as posteriores reformas de base. Imediatamente levantaram-se vozes contra o projeto, que consistia em restringir os salários, prejudicando os trabalhadores, e em limitar créditos e preços, atingindo os grandes empresários. Mais uma vez Jango deixava clara sua estratégia de conciliar interesses de classes opostas, mas que acabava por resultar em descontentamento de ambas.

Neste quadro, a nova estratégia de Goulart foi organizar uma ofensiva política que viabilizasse a realização das reformas de base, numa tentativa de salvar o país da

⁸⁵ Idem, *Ibidem*.

crise econômica que se agravava ainda mais após o fracasso do Plano Trienal, e de mostrar às esquerdas que ainda podiam confiar nele. O plano de ação era o seu comparecimento a uma série de grandes comícios nas principais cidades do país, a fim de mobilizar a maioria da população brasileira em favor das reformas.

Essa nova fase foi inaugurada no dia treze de março de 1964, com o comício realizado na estação da Central do Brasil, no Rio de Janeiro, também denominado Comício das Reformas, ao qual compareceram cerca de cento e cinquenta mil pessoas. Na ocasião, Goulart proclamou a necessidade de mudar a Constituição e anunciou a adoção de importantes medidas, como a extensão dos benefícios da Previdência Social aos trabalhadores rurais, o 13º salário aos funcionários públicos, o cancelamento das concessões de exploração das jazidas minerais, o decreto de monopólio da Petrobrás sobre a importação de petróleo, a regulamentação da Lei de Remessa de Lucros para o Exterior e, a medida considerada mais importante de seu governo, o decreto da SUPRA, que desapropriava vinte quilômetros das margens das rodovias federais, açudes e rios navegáveis.

O clima de radicalização política tenderia a crescer após o Comício onde João Goulart prometeu encaminhar o país em direção às reformas. Se conseguiu agradar às esquerdas, também acabou por exaltar os ânimos da direita, que se mobilizaram em resposta a ele, na Marcha da Família com Deus pela Liberdade, inicialmente considerada sem importância, mas responsável por marcar a divisão radical da sociedade brasileira naquele momento.

O Comício das Reformas e o levante dos marinheiros levaram o *Jornal do Brasil*, o *Diário de Notícias*, o *Correio da Manhã*, e outros jornais a intensificar a campanha contra Goulart. O editorial de primeira página do *Jornal do Brasil*, da edição de 29/03/1964, lido nos quartéis, conclamava o Exército a manter a legalidade e o estado de direito e colocava o presidente da República na ilegalidade. Os editoriais do *Correio da Manhã* dos dias trinta e um de março ("Basta") e primeiro de abril ("Fora") tiveram grande repercussão junto à população, uma vez que este jornal carioca era visto como um jornal menos envolvido no clima de crescente radicalização.

Atacado e sozinho, João Goulart é alvo fácil para o famigerado golpe militar em primeiro de abril, abandonando o Palácio Laranjeiras no Rio de Janeiro, partindo para Brasília e, em seguida, para Porto Alegre. Muitos entendem sua atitude como fuga e até mesmo renúncia ao cargo; o fato é que, sabendo da presença norte-

americana a favor do golpe (Operação Brother Sam⁸⁶) e querendo evitar uma provável guerra civil, decide não resistir.

1.7 A consolidação da Taça Brasil (1961 -1968)

No terceiro ano da Taça Brasil, o modelo já estava consolidado. As regras de acesso eram claras e imutáveis, só entrando na Taça Brasil quem era campeão nos Estados. É interessante perceber que a hegemonia regional fazia com que alguns clubes tivessem sua vaga assegurada na Taça, gerando assim uma pequena rotatividade de times no certame⁸⁷. A exceção era o recém criado estado da Guanabara, que foi representado no torneio por todos os seus times de expressão.⁸⁸ Em 1961, o representante guanabarinense era o América, que ganhara o estadual após dura partida disputada contra o Fluminense.

Depois de confirmar no torneio nacional a boa campanha de seu time no Campeonato Estadual, o América chega a semifinal contra o temido Santos de Pelé. Em São Januário, o Santos impõe uma dolorosa goleada de seis a dois. No jogo em São Paulo, uma surpreendente vitória do América no Pacaembu forçou o jogo extra, em que mais uma vez a equipe carioca foi goleada (desta vez por seis a um). Na final contra o Bahia, diante de cem mil torcedores e uma renda recorde para a época - de Cr\$ 7.441.400 - o Bahia segurou a equipe de Pelé com um empate de um. Em São Paulo, nova goleada com três gols de Pelé e dois de Coutinho, e o Santos pela primeira vez era campeão do torneio. Começava assim a afirmação de um dos melhores times da história do futebol mundial⁸⁹.

⁸⁶ FICO, Carlos. “O Grande irmão da Operação Brother Sam aos anos de chumbo – O Governo dos Estados Unidos e a Ditadura Militar Brasileira”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

⁸⁷ “(...)Bahia, pentacampeão baiano de 1958 a 1962; Náutico, campeão em 1960 e hexacampeão pernambucano de 1963 a 1968, e Fortaleza, tricampeão cearense em 1958/59/60 e bicampeão em 1964/65 (...)O Grêmio, que de 1956 a 1968 só perdeu o título gaúcho, para o Internacional, em 1961, continuava mandando no Sul, e o Cruzeiro, com exceção dos títulos do Atlético em 1962 e 1963 e do Siderúrgica em 1964, era o bicho-papão mineiro, pois ganhou todos os estaduais de 1959 a 1969 (...)Em São Paulo, de 1959 a 1969 a disputa ficou restrita a duas das maiores equipes que o futebol brasileiro já teve: o Santos de Pelé e o Palmeiras de Julinho Botelho e, depois, de Ademir da Guia.” CUNHA, Odir e PERES, José Carlos. Opt. Cit.

⁸⁸ Na época, eram considerados grandes América e Bangu, além de Flamengo, Fluminense, Vasco e Botafogo.

⁸⁹ Classificado para disputar a Taça Libertadores da América de 1962, o Santos conquistou pela primeira vez o título para uma equipe brasileira, vencendo o uruguaio time do Peñarol, qualificando – se para disputar a final da Copa Intercontinental. Após vitórias marcantes sobre o Benfica, o Santos consegue o título de melhor do mundo.

A instabilidade política do período parlamentarista, com a constante troca de presidente do conselho de ministros,⁹⁰ e as eleições de 1962, não influenciaram a atuação dos craques da seleção brasileira na VII Taça Jules Rimet, disputada no Chile. O bicampeonato foi garantido mesmo com o maior craque do time, Pelé, tendo séria contusão após o segundo jogo. O botafoguense Amarildo o substituiu, juntando-se a outros três jogadores do Botafogo no time titular e outros três santistas. Embalados pelo crítico grito de “não tem arroz, não tem feijão, mas assim mesmo o Brasil é campeão”, os jogadores desembarcaram em Brasília, sendo recebidos pelo presidente João Goulart, que neste conturbado cenário político⁹¹ tentava conseguir algum dividendo do feito. O *Correio Braziliense* registrou o clima de euforia: “Vocês cumpriram a promessa de trazer a Copa”, festejou Jango para Nilton Santos e Didi, que responderam: “Fizemos pelo senhor.”⁹²

A grande discussão nos bares, nos escritórios e, claro, nos programas esportivos, era sobre qual o melhor time do Brasil: seria o Botafogo de Garrincha capaz de derrotar a hegemonia do Santos de Pelé? Esta questão acabou solucionada pelos confrontos da Taça Brasil, tanto que as chaves foram formadas de maneira que as duas equipes já entrariam nas semifinais, evitando, assim, uma suposta final antecipada⁹³. Nas finais, o que todos queriam: Santos e Botafogo. Na Vila Belmiro, vitória dos santistas, e, no jogo de volta - que também valeu pelo Rio-São Paulo daquele ano (mais uma vez o conflito de datas aparece, ressaltando que os estaduais estavam em primeiro plano) - mais de cem mil pagantes estavam no Maracanã para presenciar o domínio carioca sobre o time de Pelé por três a um. Novamente a Taça Brasil era decidida com um jogo extra dois dias depois no mesmo Maracanã. O segundo dos cinco títulos consecutivos do Santos veio com uma impiedosa goleada: cinco a zero, com direito a dois gols de Pelé⁹⁴. A revista Fatos e Fotos referia-se à partida como “o maior espetáculo da temporada esportiva”, trazendo na capa “Pelé, o Rei da Cancha” e exaltando a exibição dos paulistas:

⁹⁰ Sobre estas trocas, o conciliador Tancredo Neves (PSD) retira-se do cargo para concorrer nas eleições de 1962. Substituído foi por Francisco de Paula Brochado da Rocha (PSD), que busca antecipar o plebiscito para a escolha do sistema político do país. Ficou pouco mais de dois meses no cargo, sendo sucedido por Hermes Lima (PTB).

⁹¹ MOREIRA, Regina da Luz. “Os esportes no governo João Goulart: apenas um sinal dos tempos...”. Disponibilizado: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/Os_e_sportes_no_governo_Goulart.

⁹² Guterman, Marcos. Opt. Cit.

⁹³ CUNHA, Odir e PERES, José Carlos. Opt. Cit.

⁹⁴ Repetindo os feitos do ano anterior, o Santos seria bicampeão da Taça Libertadores da América e bicampeão mundial, desta vez derrotando o Milan.

O Maracanã ainda não tinha visto tamanha exibição de futebol-arte até quando, terça-feira, o Santos provou ser o maior time do mundo, aniquilando, por 5x0, o Botafogo, com Pelé abusando da condição de gênio. Houve de tudo. Principalmente: 1. O Botafogo, glorioso dias antes, passando ao papel de vítima; 2. A estratégia de Lula anulando a de Marinho, que retirou Zagallo, afastou Nilton Santos da área e abandonou Garrincha; 3. cada um dos gols sendo uma obra-prima; 4. Manga devorando um “frango” servido por Pepe; 5. A torcida (caso único na América do Sul) esquecendo a partida para aplaudir o melhor; 6. O Botafogo, que costuma ferir com “olé”, com “olé” sendo ferido. É preciso repetir que jamais o Maracanã viu espetáculo igual. Foi tão perfeita a exibição que, ao terminar, a partida pareceu a todos a mais curta da história do futebol.⁹⁵

Mais dois participantes entraram para a disputa em 1963. O Vila Nova representava Goiás e o Defelê Futebol Clube defenderia o Distrito Federal. Novamente, a fórmula colocava Santos e Botafogo nas semifinais, embora a tão esperada revanche botafoguense não tenha acontecido, já que o time carioca foi derrotado antes pelo Bahia. Como acontecera em outras três ocasiões, o mais popular time do Nordeste colocava-se entre os favoritos, disputando a final que aconteceu somente em 1964. Com outra goleada santista em finais (seis a zero em São Paulo) e um simples dois a zero - em novo recorde de renda (Cr\$ 21.930.000,00) - em Salvador, resultaram no inédito tricampeonato da Taça Brasil.

Na Taça Brasil de 1964, o Amazonas veio representado pelo Nacional de Manaus. Agora, vinte e um dos vinte e dois Estados da federação participavam da competição, sendo apenas o estado do Mato Grosso a não disputar a taça. Por sua vez, São Paulo tinha dois representantes, uma vez que o Palmeiras foi o campeão paulista e o Santos defendia seu tricampeonato. Entre os guanabarenses, pela primeira vez o Flamengo, campeão carioca de 1963⁹⁶ após sete anos de jejum, disputava o torneio. A final entre Santos e Flamengo colocava frente à frente o mais popular contra o mais técnico time já visto no futebol brasileiro. O tetracampeonato do Santos é conquistado após nova goleada na final, desta vez por quatro a um em São Paulo e um empate sem gols no Maracanã, no dia dezanove de dezembro de 1964. O *Jornal do Brasil* trazia em sua capa o seguinte título: “Santos empata por 0 a 0 com o Flamengo em noite de Pelé sem brilho e é tetracampeão”:

O Santos levantou pela quarta vez consecutiva o título de campeão da Taça Brasil ao empatar por 0 a 0, ontem à noite, no Maracanã (...) O jogo foi bom e desde o primeiro tempo teve o Flamengo

⁹⁵ Revista Fatos e Fotos. Dia 04 de abril de 1963 “O maior jogo do mundo”.

⁹⁶ A final do Campeonato Carioca de 1963 registra o maior público registrado em campeonatos estaduais, com 177.020 torcedores no Maracanã.

mais presente no ataque, entretanto sem conseguir penetração objetiva na área do Santos pelas falhas do seu ataque, que não melhorou nem quando Airton, impedido de continuar por causa de uma distensão muscular, foi substituído por Berico. No segundo tempo, o Flamengo, que já começara o jogo com seu goleiro reserva Marco Aurélio, teve de trocá-lo pelo aspirante Renato. Pelé – que de tarde foi visitar as crianças doentes do Hospital Jesus e recebeu de 80% das trezentas que tiveram contato com ele o pedido para não fazer gols no Flamengo – não teve outra das brilhantes atuações que costuma ter no Maracanã e não fez gols mesmo.⁹⁷

Em 1965 ocorrem as primeiras alterações nas regras do torneio desde sua criação. O Palmeiras, vice-campeão paulista de 1964, solicita à CBD que fosse convidado para a competição nacional, uma vez que o Santos fora campeão do Paulista e da Taça Brasil no mesmo ano. A vaga de São Paulo, desta forma, seria preenchida pelo vice. No Rio de Janeiro, fica acordado entre os clubes que o vencedor do primeiro turno do estadual de 1965 seria o representante do estado na Taça Brasil, acabando com a obrigatoriedade de ser campeão estadual para representar o Rio de Janeiro no certame nacional. Surge assim a charmosa Taça Guanabara⁹⁸, que existe até hoje, resistindo à fusão promovida pelo governo Geisel em 1975.⁹⁹

Sem surpresas, novamente o Santos estava na final, desta vez desafiado pelo Vasco, vencedor da Taça Guanabara daquele ano e treinado pelo estrategista Zezé Moreira. Duas vitórias, mais uma goleada em São Paulo (cinco a um) e outra pelo placar mínimo no Maracanã faziam, pela quinta vez consecutiva, o Santos campeão da Taça Brasil. A hegemonia do Santos seria rompida apenas em 1966, quando de forma surpreendente o Cruzeiro conquista o título. Após eliminar o Grêmio e o Fluminense (foram duas vitórias), o campeão mineiro chega à final contra o pentacampeão da Taça Brasil. Mais uma goleada na final mas, desta vez, contra o time da Baixada Santista, com Pelé expulso de campo e seis gols sofridos. Reverter o placar de seis a dois era possível mas, ao contrário dos outros anos, o Cruzeiro destacou-se perante o Santos e conquistou a taça. Pela primeira vez, Minas Gerais conquistava um título nacional, dividindo com os baianos o privilégio de desfrutar de um título nacional.

O Cruzeiro é o novo campeão brasileiro. Tostão (...) ficou no lugar do Rei Pelé, ontem à noite, no Pacaembu. Marcou um gol, fez tudo para o da vitória, marcado por Natal e comandou a virada

⁹⁷ *Jornal do Brasil*, dia 21 de dezembro de 1964. Santos empata por 0 a 0 com o Flamengo em noite de Pelé sem brilho e é tetracampeão”:

⁹⁸ Em 15 de abril de 1960, um projeto de lei do deputado petebista San Tiago Dantas é aprovado, criando o Estado da Guanabara.

⁹⁹ Ver em ROCHA, Marcela Gonçalves Opt. Cit.

contra o Santos, que venceu o primeiro tempo por 2 a 0 e saiu de campo derrotado por 3 a 2. Pelé e Toninho fizeram os gols do Santos. Tostão, Dirceu Lopes e Natal fizeram os três do Cruzeiro.¹⁰⁰

Com o Cruzeiro entrando já nas semifinais, a participação do vice-campeão mineiro e a não participação do Santos eram algumas novidades da Taça Brasil de 1967, que neste momento já não era mais a única competição nacional, uma vez que a primeira edição do Torneio Roberto Gomes Pedrosa ocorreria naquele mesmo ano. Um novo torneio nacional e a falta de datas disponíveis foram importantes para o esvaziamento da Taça Brasil. Os dois últimos campeonatos não conquistaram a mesma atenção que os anteriores, sendo que a disputa de 1968 sequer contou com a participação do representante de São Paulo, uma vez que o Santos preferiu dar ênfase ao Roberto Gomes Pedrosa. Palmeiras e Botafogo enfrentaram representantes nordestinos nas respectivas finais de 1967 e 1968, conquistando as duas últimas edições da Taça Brasil.

O primeiro torneio nacional não conseguiu fazer com que todos os estados fossem representados em nenhuma de suas dez edições. Quando, finalmente, o Mato Grosso participou da disputa através do Operário de Várzea Grande, os paulistas não foram representados. No final da década de 1980, a Confederação Brasileira de Futebol procurou agraciar as federações menores que não estavam representadas no Campeonato Brasileiro, criando um torneio de bases semelhantes à Taça Brasil. Em 1989 ocorre a primeira edição da Copa do Brasil, que reunia os campeões e vices de todos os Estados da federação, e sua criação estava ligada a critérios políticos; mais importante do que o futebol seria o voto das federações na escolha do presidente da CBF. Viva até os dias de hoje, a Copa do Brasil teve seu número de participantes ampliado para sessenta e quatro, sendo a única oportunidade para os “pequenos” receberem em seus estádios times considerados “grandes” por um jogo oficial, competição por isso chamado de “a mais democrática do Brasil”.

1.8 Os militares conquistam o poder (1964-1969)

¹⁰⁰ *Jornal da Tarde*, 8 de dezembro de 1966.

A Ditadura Civil-Militar instituída no Brasil a partir de 1964, foi saudada como uma “revolução democrática” por parte da sociedade civil, e desde sua gênese teve como característica marcante justamente o fato de manter um alto grau de institucionalização. Segundo Alessandra Carvalho:

A despeito da fluidez e da incerteza institucional (...) foram mantidas as atividades partidárias e as eleições diretas para os cargos de vereador, deputados estadual e federal, e senador, bem como de prefeito – excetuando-se as capitais dos estados e os municípios classificados como áreas de segurança nacional e estâncias hidrominerais. Esse aspecto distinguiu o regime autoritário brasileiro de seus congêneres latino-americanos e, acreditamos, conferiu a ele uma dinâmica bastante peculiar.¹⁰¹

Assim, a manutenção da legalidade dos partidos políticos fazia parte do simulacro democrático da ditadura. A ideia era tentar manter um apoio social para que não fosse necessário recorrer à força com tanta intensidade e nem em todo o período – como foi o caso da vizinha Argentina, durante a chamada “Guerra Suja”¹⁰² - buscando então, um máximo grau de consenso e o mínimo de coerção¹⁰³.

Difunde-se um discurso progressista e de “correção dos rumos”, realizado pelos gestores intelectuais do regime. Era imperioso acabar com a corrupção na política nacional e, com base na Doutrina de Segurança Nacional (difundida pela Escola Superior de Guerra), eliminar os comunistas ou quem tivesse qualquer tipo de relação com tal ideologia. Certa visão positivista fazia-se sentir entre os militares, que acreditavam que o país estava doente e que a “Revolução de 1964” iria curá-lo¹⁰⁴. A “operação limpeza” foi instituída logo nos primeiros dias de ditadura por elementos radicais e, muitas vezes, autônomos, dentro do governo. Esta foi concluída em junho de 1964, mas é importante lembrar que durante toda a ditadura os militares brasileiros colocam o Estado a serviço da luta contra a subversão e, para isso, todos os recursos disponíveis seriam utilizados, desde as prisões arbitrárias passando pelo exílio, tortura e mortes¹⁰⁵.

¹⁰¹ CARVALHO, Alessandra. “Elites políticas durante o regime militar: um estudo sobre os parlamentares da ARENA e do MDB”. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

¹⁰² PEREIRA, Anthony W. *Ditadura e repressão: o autoritarismo e o estado de direito no Brasil no Chile e na Argentina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2010. Pg.35.

¹⁰³ SOARES, Samuel Alves. “Controles e autonomia – As Forças Armadas e o sistema político brasileiro (1974 – 1999)”. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

¹⁰⁴ CASTELO BRANCO, Carlos. *Introdução à revolução de 1964; a queda de João Goulart*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

¹⁰⁵ Um reflexo imediato no futebol foi o cancelamento do amistoso marcado pela CBD entre a Seleção brasileira e a URSS. Fruto da Política Externa Independente, a partida não mais fazia sentido, uma vez

A ideia de “utopia revolucionária”¹⁰⁶ baliza os vinte e um anos de regime ditatorial. Os militares acreditavam em sua superioridade perante os civis e, por isso, seriam os responsáveis por “curar o país do câncer do comunismo” e melhor preparar o povo brasileiro, visto como manipulável por políticos corruptos e despreparado para participar da política¹⁰⁷.

Sendo assim, ao mesmo tempo em que controlava a chamada “operação limpeza” acima mencionada, o grupo castelista articulava o sistema de centralização do regime. Em treze de junho foi criado o Serviço Nacional de Informações (SNI), com o objetivo de supervisionar e coordenar as atividades de informação e contra-informação dentro do Brasil e também no exterior. Em mensagem enviada ao Congresso, o presidente Castelo Branco mencionava a necessidade do Poder Executivo possuir um órgão que produzisse “informações seguras, oportunas e convenientemente analisadas e avaliadas, que sirvam de base às múltiplas decisões a tomar, inclusive no quadro da própria Segurança Nacional”¹⁰⁸. Cinco meses depois, a Lei Suplicy é lançada, a fim de reprimir os órgãos de representação estudantis, controlando o movimento que tinha intensa participação na política nacional do período democrático (1946 – 1964).

Em 1965, o governo permite algumas manifestações de cunho democrático, sendo a principal delas as eleições diretas para governadores. Mas o resultado não foi apreciado pelos militares, que lançaram o AI-2¹⁰⁹, suspendendo a Constituição de 1946, as eleições diretas para presidente e desativando o pluripartidarismo, logo em seguida substituído pelo bipartidarismo. Era intenção dos militares a criação de um sistema bipartidário semelhante ao das democracias anglo-saxãs, o que resultou na criação da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), que aglutinaria os parlamentares

que o governo Castelo Branco alinhava novamente o Brasil no mundo capitalista, adotando a ideia de “círculos concêntricos” no período conhecido como “passo fora da cadência” na política externa brasileira. BUENO, Clodoaldo; CERVO, Amado Luiz. *História da Política Exterior do Brasil*. 2a ed. Brasília: UNB, 2002.

¹⁰⁶ D'ARAUJO, Maria Celina; SOARES, G.A. Dillon; CASTRO, Celso(Org.) *Visões do golpe: a memória sobre 1964*. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994.

¹⁰⁷ No campo, a criação do Estatuto da Terra buscava enfraquecer a representatividade das Ligas Camponesas e promover maior intervenção do Estado nas relações sociais no campo.

¹⁰⁸ FIGUEIREDO, Lucas. “Ministério do Silêncio – A história do serviço secreto brasileiro de Washington Luís a Lula – 1927-2005”. Rio de Janeiro, Record, 2005. Pág 125.

¹⁰⁹ Dentre outros pontos, o AI-2 determina: aumento do número de ministros do STF de 11 para 16; reabertura do processo de punições dos adversários do regime; impossibilidade de reeleição do presidente da república; direito ao presidente de decretar estado de sítio por 180 dias sem consulta prévia ao Congresso, ordenar intervenção federal nos estados, decretar o recesso do Congresso e demitir funcionários civis e militares “incompatíveis com a revolução”, além de emitir atos complementares e baixar decretos-leis.

que apoiavam o regime, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que se constituiria em uma frente de oposição ao governo, reunindo parlamentares dissidentes que discordavam dos rumos tomados pelos militares¹¹⁰.

Este ato é seguido pelo AI-3 - que determina as eleições indiretas para governadores e a nomeação de prefeitos das capitais pelos governadores dos respectivos estados, - pela Lei de Imprensa - que limita as atividades da mídia no país - e pelo AI-4, que procurava legitimar as medidas de exceção já elaboradas. Para isto, o ato convoca o Congresso para votar, discutir e promulgar uma nova Constituição.

Ainda que apoiado pelo grupo mais conservador, chamado de “linha-dura”, o segundo presidente militar, general Artur da Costa e Silva, mantém a linha moderada dos castelistas nos primeiros meses de governo. Porém, no ano de 1968, o povo brasileiro vai em busca do que acreditava ser a sua revolução.

Operários promovem greves em Osasco e Contagem, sendo duramente reprimidos pelo regime que, em tentativa de sufocar as greves, concede o abono emergencial elevando, assim os salários; o movimento estudantil - mesmo na ilegalidade - ganha força após o assassinato do migrante nortista Edson Luís, sendo seu corpo levado até a Assembleia Legislativa da Guanabara como forma de demonstrar os arbítrios de uma regime que se dizia democrático; intelectuais e camadas médias participam de movimentos como a passeata dos Cem Mil; as guerrilhas comunistas já se articulavam nas cidades, objetivando a revolução comunista no país¹¹¹; e até políticos posicionavam-se de forma crítica ao governo, como demonstrado não só com o assertivo discurso de Márcio Moreira Alves¹¹², mas principalmente pela rejeição do Congresso em cassar o mandato do deputado.

A resposta mais dura dos militares vem com o AI-5. A partir de então, ficava claro que a “Revolução de 1964” não seria apenas uma temporária “correção de rumos” a fim de “restabelecer a ordem” para logo devolver o controle da situação aos civis, uma vez que os militares ampliaram seus poderes. Para muitos historiadores,

¹¹⁰ SCHIMIT, Rogério. “Partidos políticos no Brasil (1945 – 2000). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

¹¹¹ FERREIRA, Jorge e AARÃO, Daniel (orgs). *As esquerdas no Brasil*. Revolução e democracia. Volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

¹¹² ANDRADE, Auro de Moura. *Um Congresso contra o arbítrio – diários e memórias – 1961-1967*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

este seria o “golpe dentro do golpe”¹¹³. Na política externa, a Diplomacia da Prosperidade objetivava aumentar os mercados brasileiros, atrair investimentos e obter a nuclearização pacífica do país, retomando, assim, alguns dos princípios fundamentais da Política Externa Independente¹¹⁴.

Enquanto os militares traçavam rumos em direção ao fechamento do regime, o projeto de modernização econômica iniciado ainda no governo Castelo Branco mostrava-se bem sucedido. No primeiro governo militar, o Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG) promoveu o arrocho salarial juntamente com exclusão política da classe trabalhadora, através da intervenção nos sindicatos “colocando interventores que logo foram substituídos por dirigentes anódinos, que começaram uma forma de peleguismo *sui generis*, pois embora os sindicatos tivessem função de organismos auxiliares do Estado, não participavam minimamente de sua gestão (...)”¹¹⁵.

Reformas institucionais como a criação do Banco Central e do Banco Nacional de Habitação, juntamente com a compressão dos salários e o fim da estabilidade no emprego a partir da criação do FGTS, aumentam a intervenção do Estado na economia, juntamente com a expansão das empresas - a partir do aumento da produção da Petrobras, da Vale do Rio Doce e, principalmente, da Eletrobrás - aliada aos incentivos à entrada do capital externo, como subsídios e incentivos fiscais.

1.9 O embrião do Nacional: o Torneio Roberto Gomes Pedrosa (1968-1970)

Estruturada como forma de revigorar o futebol brasileiro - abatido com o fracasso na Copa do Mundo de 1966 na Inglaterra - a Taça de Prata manteve o nome de Roberto Gomes Pedrosa, dado a partir de 1954 ao torneio Rio-São Paulo e criado em 1933¹¹⁶, quando o futebol vivia no Brasil um momento histórico importante, a implantação do profissionalismo. Até transformar-se em um certame nacional, o

¹¹³ Alguns historiadores contestam esta denominação, ressaltando que o regime já era bastante autoritário antes mesmo de 1968 e que o AI - 5 apenas seria um reforço deste autoritarismo, não uma inovação.

¹¹⁴ BUENO, Clodoaldo; CERVO, Amado Luiz. Opt.Cit.

¹¹⁵ OLIVEIRA, Francisco de. “Ditadura Militar e Crescimento Econômico: A Redundância Autoritária” In. O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964 - 2004).Bauru, SP: EDUSC, 2004.

¹¹⁶ A Taça Rio - São Paulo foi idealizada em um contexto de intensas disputas entre as federações paulista e carioca, em uma tentativa de aproximar as duas principais cidades do país. Interessante é ressaltar que, naquele mesmo ano de 1933, o governo varguista profissionalizou o futebol brasileiro. AGOSTINO, Gilberto. “Vencer ou Morrer - Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional”. Rio de Janeiro: Editora MAUAD, 2002.

Torneio Rio-São Paulo teve desenvolvimento irregular, interrompido às vezes durante anos e sem chegar, outras tantas vezes, a um final completo, com a designação de um campeão incontestável.

A pedido das confederações de Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul, que desejavam aumentar seus lucros e a projeção de seus clubes, o torneio é ampliado no ano de 1967. Já considerados deficitários por aqueles que pregavam uma maior profissionalização do futebol nacional, os estaduais deveriam ser superados. Paraná, representado pelo Ferroviário, Minas Gerais com os tradicionais Atlético e o campeão da Taça Brasil de 1966, Cruzeiro, e o Rio Grande do Sul com a dupla Grêmio e Internacional seriam também participantes do torneio. É a partir deste momento que a competição passa a ser denominada pelo seu nome oficial.

A ampliação da competição foi bem recebida pela imprensa. Para o *Jornal do Brasil*, a realização de um campeonato de proporções nacionais era um importante momento para a história do futebol brasileiro, e acrescenta:

(...)Essa ideia, há muito defendida pelos que se propõem a solucionar os problemas do nosso profissionalismo, sempre teve fortes opositores. Mesmo atualmente, se os opositores já não são tantos, ainda há quem encare com reservas uma competição entre clubes do Rio, São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul, Paraná e outros Estados, em lugar dos obsoletos e deficitários regionais que vigoram há mais de meio século.¹¹⁷

A esperança de melhores rendas e espetáculos de qualidade superior àqueles proporcionados pelos estaduais parecia concretizar-se, uma vez que a criação de um campeonato nacional racionalizaria o calendário, possibilitando inclusive a vinda de clubes estrangeiros para o Brasil e fortaleceria a Seleção Brasileira, já que jogadores de outros centros poderiam ser úteis para o time verde-e-amarelo, que tinha perdido a Taça Jules Rimet em 1966 para os anfitriões ingleses. De acordo com a *Folha de São Paulo*, a “ampliação do número de concorrentes, agora com a presença de clubes mineiros, gaúchos e um paranaense, deu um colorido diferente ao certame, e há muita expectativa em torno de sua realização.”¹¹⁸ No dia do começo do torneio, o jornal trazia matéria em que afirmava:

(...)Trata-se de um torneio realmente empolgante e dos mais difíceis, que proporcionará ao torcedor clássicos locais e duelos interestaduais entre as maiores forças do futebol brasileiro. Lutando

¹¹⁷ *Jornal do Brasil*, 6 de março de 1967. “Torneio que começa hoje é um começo de caminho.”

¹¹⁸ *Folha de São Paulo*, 4 de março de 1967. “RPG inicia amanhã em 5 capitais.”

por um título valioso, pode-se esperar não apenas ótimas exibições, mas o esforço dos concorrentes dos concorrentes para alcançar a vitória final, ou uma classificação honrosa.¹¹⁹

A vitória do Palmeiras no primeiro Torneio Roberto Gomes Pedrosa cria uma situação inusitada: é o único time brasileiro a ganhar dois títulos nacionais na mesma temporada, afinal de contas, tinha vencido também a Taça de Prata em 1967.¹²⁰ Esta também foi a única organizada pelas federações de São Paulo e Rio de Janeiro uma vez que a CBD passa a ter o controle do governo a partir de 1968. O interessante é que como o Palmeiras ganhou as duas competições nacionais, a segunda vaga brasileira na Libertadores foi preenchida pelo Fortaleza, o vice da Taça Brasil. Prevalece a tradição.

Maior após a inclusão do Bahia e do Náutico, diferente com a troca do representante de Curitiba (o Atlético substituía o Ferroviário) e buscando a sua afirmação; disputado entre agosto e dezembro de 1968, e chamado também de Taça de Prata pela primeira vez, o Robertão teve 142 jogos com uma média de 2,54 gols por jogo. O regulamento era semelhante ao do ano anterior, diferenciando-se apenas na fase final, que neste ano seria de turno único pelo aumento do número de clubes. No jogo que decidiu o campeonato, o Santos ganhou do Vasco por dois gols a um, voltando a ser vitorioso em um título nacional desde o pentacampeonato da Taça Brasil de 1965.

Em 1969 aconteceria a primeira edição do “Robertão”, após o fim da Taça Brasil, restando esse como o único torneio de proporções nacionais. Mais uma vez o Palmeiras sagrou-se campeão, após vitória sobre o Botafogo por três gols a um no último jogo. Isto deixando claro a hegemonia paulista na primeira década de torneios nacionais no Brasil, restando aos cariocas se contentar com o papel de figurantes de luxo, uma vez que nas duas vezes que os paulistas não ganharam o título um mineiro (Cruzeiro) e um baiano (Bahia) festejaram o campeonato.

¹¹⁹ Folha de São Paulo, 5 de março de 1967. “Roberto Gomes Pedrosa começa hoje com 5 partidas.”

¹²⁰ Os times jogaram entre si em um turno único e foram divididos em dois grupos, dos quais os dois mais bem classificados se juntaram em um quadrangular final, em dois turnos, para a apurar o campeão.

CAPÍTULO 2: A invenção do Campeonato Nacional de Clubes

2.1 Panorama político e econômico

O contexto no qual ocorre a criação do primeiro Campeonato Nacional de Clubes é bastante peculiar. Afastado o presidente Costa e Silva (diagnosticado com trombose cerebral, o que impossibilitaria sua volta ao poder), assume a direção política do país, no dia 31 de agosto de 1969, uma Junta Militar composta pelo

General Aurélio de Lira Tavares (Ministro do Exército), pelo Almirante Augusto Rademaker (Ministro da Marinha) e pelo Brigadeiro Márcio de Sousa e Melo (Ministro da Aeronáutica), violando a Constituição, que determinava a posse do vice-presidente, o civil Pedro Aleixo. O sequestro do embaixador estadunidense - juntamente com a elaboração de diversos atos institucionais - criam profunda instabilidade no país, que seria teoricamente resolvida com a antecipação das eleições para presidente.

Eleito indiretamente Emílio Garrastazu Médici, os militares mantinham-se no poder. Se na política externa as bases da “diplomacia da prosperidade” são mantidas pelo chanceler Mario Gibson Barbosa e sua “diplomacia do interesse nacional”¹²¹, o governo Médici é marcado pelo aprofundamento da centralização política. A escolha meticulosa de cada um dos governadores dos estados em 1970 e as intervenções na ARENA são algumas das ações autoritárias do novo presidente do país.

Com o respaldo das urnas nas eleições de 1970 (mesmo com cerca de 30% de abstenção) e com o Legislativo dominado pelo partido governista, Médici contruiu um ambiente perfeito para realizar o governo mais marcante dos vinte e um anos de Ditadura Civil-Militar no Brasil. Nem mesmo a tentativa malograda de Pedro Aleixo - que deixara a ARENA após ser preterido na sucessão de Costa e Silva - de criar um Partido Democrático Republicano, fiel aos princípios da “Revolução de 1964”¹²², abalaria a confortável situação política na Praça dos Três Poderes.

Em termos econômicos, desde 1968 as coisas pareciam caminhar bem. Eram tempos de crescimento acelerado do PIB, onde brasileiros (e mais do que nunca, brasileiras) são inseridos no mercado de trabalho e passam a ser consumidores vorazes das multinacionais que entram no país. O “Milagre Econômico” criou milhões de novos trabalhadores (empregadas domésticas, ambulantes, técnicos de automobilísticas, empregados da construção civil etc.) que tinham na satisfação, no trabalho, na competitividade e no individualismo temas centrais de sua cultura política.¹²³

¹²¹ BUENO, Clodoaldo e CERVO, Amado Luiz. História da Política Exterior do Brasil. 2a ed. Brasília: UNB, 2002.

¹²² ABREU, Alzira Alves de, BELOCH, Israel, LATTMAN-WELTMAN, Fernando & LAMARÃO, Sérgio Niemeyer (orgs.) Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

¹²³ FURTADO, João Pinto. “Engajamento Político e Resistência Cultural Em Múltiplos Registros: Sobre ‘Transe, Trânsito’, Política e Marginalidade Urbana nas décadas de 1960 a 1980” In Aarão, Daniel Reis, Motta, Rodrigo Patto Sá e Ridenti, Marcelo. O golpe e a ditadura militar – 40 anos depois (1964-2004).” . Edusc, São Paulo, 2004.

Enquanto isso, os jovens que buscavam no enfrentamento revolucionário o caminho para acabar com a Ditadura Civil-Militar e com o capitalismo estavam “perdendo a guerra” para esses regimes. Movimentos da esquerda armada, como ALN e MR – 8, depois do sucesso inicial - que tem como maior exemplo a cinematográfica ação no sequestro do embaixador estadunidense em 1969 - não resistem ao terrorismo de Estado e à eficiência dos serviços de informação. Em pleno ano de 1972, restava apenas um projeto ambicioso do PC do B: a guerrilha foquista no seio da floresta Amazônica. A Guerrilha do Araguaia foi o movimento armado mais duradouro contra o regime, que levou quase dois anos para derrotar os comunistas no interior do Pará.

Ao mesmo tempo em que eram mobilizados “milhares de homens” para combater a guerrilha comunista, o regime militar estava em festa. Contra uma análise simplista, que opõe o chamado período de “Anos de Chumbo” ao dos “Anos de Ouro”, Janaína Martins Cordeiro afirma que o governo Médici foi “muitas vezes, os dois ao mesmo tempo, ou ainda: se foi um e outro, é preciso perceber que há um enorme espaço entre quem os viveu como anos de ouro e quem os viveu como anos de chumbo, configurando, entre um pólo e outro, uma diversidade enorme de comportamentos sociais”¹²⁴

Sobre o momento festivo, o que mais chamou a atenção foi a grande comemoração promovida em torno do sesquicentenário da independência do país. Vários foram os eventos criados pelo governo; os mais destacados seriam a reedição de livros sobre o processo de independência ligados ao IHGB, o lançamento de novas notas de Cr\$ 500,00 (estas teriam a reprodução de uma série de mapas históricos do Brasil), o já tradicional desfile de 7 de setembro - neste ano mais incrementado - e, é claro, um torneio de futebol protagonizado pela seleção tricampeã mundial¹²⁵.

Em paralelo, nas demais regiões do país, diversos festejos ocorriam e levavam o “selo” do Sesquicentenário¹²⁶, como por exemplo o lançamento de uma réplica da caravela “Anunciação” na lagoa do Taquaral em Campinas. No estado da Guanabara,

¹²⁴ CORDEIRO, Janaína Martins. “Anos de chumbo ou anos de ouro? A Memória social sobre o governo Médici. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 22, no 43, janeiro-junho de 2009, p. 85-104.

¹²⁵ Aqui podemos notar outra semelhança entre as comemorações de 1922 e 1972; em 1922, ainda nos primórdios da implementação do futebol no Brasil, também foi realizado um campeonato de seleções para o evento. Este reuniu Paraguai, Argentina, Chile, Uruguai e Brasil, que foi o campeão.

¹²⁶ Em Ouro Preto, palco da Conjuração Mineira, toalhas bordadas foram colocadas nas janelas dos casarões coloniais; em Belém ocorre um concerto da Banda Militar Britânica, além de inauguração de parte da Transamazônica; Porto Alegre foi a sede da III Olimpíada do Exército, sendo o dia 26 de abril data do início dos jogos chamado de “Dia D” nas propagandas oficiais; em São Paulo o metrô seria inaugurado em caráter experimental, além de uma Semana da Arte Moderna.

somente nos primeiros dias de comemorações em abril, os fluminenses puderam assistir desde o hasteamento da bandeira pelo ministro do Exército Orlando Geisel - diante de 3 mil pessoas na praça Duque de Caxias¹²⁷ - até a presença de cinquenta mil estudantes no estádio do Maracanã para o I Encontro Cívico Nacional¹²⁸, passando pela apresentação no Teatro Municipal do balé “Descobrimo o Brasil”, baseado em uma peça musical de Heitor Villa - Lobos.

Nos cinemas, destaca-se a estreia do filme *Independência ou Morte*, dirigido por Carlos Coimbra, na semana do sete de setembro. O filme foi realizado com recursos próprios do diretor mas, como foi encampado¹²⁹ pela propaganda oficial, até hoje é fortemente associado ao governo Médici, o que causa desconforto àqueles que trabalharam na obra¹³⁰.

O estímulo à produção nacional cinematográfica por parte do governo é personificado através da criação da Embrafilmes, ainda em 1969. O próprio Ministério da Educação incentivava a produção de filmes históricos, inclusive com a indicação de temas. O resultado pode ser visto no ano de 1972, com o lançamento de películas como *Setenta anos de Brasil*, de Jurandir Noronha (cuja temática é o Brasil do século XX), o documentário *O dia em que Getúlio morreu*, de Jorge Ileri, ou ainda o documentário que retrata a chegada dos restos mortais de D. Pedro I, patrocinado pela Comissão Estadual do Sesquicentenário do Rio Grande do Norte¹³¹.

É neste contexto que o filme *Independência ou morte* é enviado a Brasília para tentar obter a redução da classificação de dez anos pela censura. Membros do governo assitiram e gostaram tanto do filme que não só reduziram sua classificação etária, como recomendaram o mesmo à exibição para alunos, auxiliando na sua distribuição¹³². *Independência ou morte* tinha forte apelo popular, trazendo como

¹²⁷ Firth ressalta o simbolismo da cerimônia de hasteamento de uma bandeira, uma vez que esta representa a sociedade e é associada a “emoções materiais de grande importância para o ego” de um povo. FIRTH, Reymond. “Symbolism of Flags and Private”. Geoge Cornell University Press, Ithaca, New York, 1973.

¹²⁸ O I Encontro Cívico foi um evento de âmbito nacional. Em praças públicas o povo foi reunido para ouvir o pronunciamento do presidente da república, hastear a Bandeira e cantar o hino nacional.” In: Cordeiro, Janaína Martins. Opt. Cit.

¹²⁹ BERNARDET, Jean Claude e RAMOS, Alcides Freire. Cinema e História do Brasil, São Paulo: Ed. Contexto, 1988.

¹³⁰ PICCINO, Evaldo. “Pra Frente Brasil: ‘Independência ou morte’ e o uso de música e cinema como propaganda oficial: engajamento ou encampação?”. 5 Encontro de Música e Mídia – E(st)éticas do Som.

¹³¹ ALMEIDA, Adjovanes Thadeu S. Opt. Cit.

¹³² O próprio chefe da AERP, coronel Octávio Costa, enviou ao produtor do filme um telegrama elogiando a película: “Quero dizer-lhe o meu entusiasmo pelo trabalho realizado. Trata-se, em verdade, de um grande filme (...). Considerando “Independência ou Morte” um dos pontos altos das

protagonistas o casal de atores de sucesso nas novelas da Rede Globo, Tarcísio Meira (D. Pedro I) e Glória Menezes (Marquesa de Santos), além de uma produção com qualidade hollywoodiana.

Imagens dessa produção foram usadas pela Agência Nacional de Propaganda, e o filme, que tem grande sucesso de bilheteria, passa a servir como referência para outras produções do cinema nacional. Mesmo mostrando um D. Pedro I inconsequente e adúltero, *Independência ou morte* mereceu elogios do próprio presidente da república, que recebeu dirigentes e artistas da produção cinematográfica:

Acabo de ver o filme ‘Independência ou Morte’ e desejo registrar a excelente impressão que me causou. Está de parabéns toda a equipe: diretor, atores, produtores e técnicos pelo trabalho realizado, que mostra o quanto pode fazer o cinema brasileiro nos caminhos de nossa história. Este filme abre amplo e claro horizonte para o tratamento cinematográfico de filmes e emocionam e educam, comovem e informam a nossas platéias. Adequado na interpretação, cuidadoso na técnica, sério na linguagem, digno nas intenções e sobretudo muito brasileiro, *Independência ou Morte* responde à nossa confiança no cinema Nacional.¹³³

Entretanto, o evento que mais chamou a atenção foi o traslado de parte dos restos mortais de D. Pedro I,¹³⁴ que aqui chegaram simbolicamente no dia em que se comemorava os 472 anos da “descoberta do Brasil”. A revista semanal *Veja* traz em sua capa a chegada triunfal daquele que abdicou em 1831 e, em extensa reportagem, procura relacionar a figura do Imperador com os festejos, redimensionando o papel de D. Pedro I na história do Brasil.

A figura de um D. Pedro I militarizado, eternizado pela pintura de Pedro Américo no museu do Ipiranga, foi a escolhida pelo governo. Didaticamente, as Forças Armadas mais uma vez legitimavam seu governo através de um passado histórico, trazendo a ideia de que o Regime Militar nada mais era que uma continuidade da obra do Imperador. Assim, usar D. Pedro I seria uma tentativa de “expressar identidade, coesão e estabilidade social (...) através do recurso à invenção

Comemorações do Sesquicentenário, expresso a minha confiança de que esse filme muito contribuirá para desenvolver, nos jovens, o amor pelo estudo de nossa história e para melhor fixar o perfil das personagens principais da cena de nossa emancipação política.” Idem, *ibidem*.

¹³³ Idem, *ibidem*.

¹³⁴ Parte dos restos mortais, pois o coração de D. Pedro I ficou em Portugal, sua terra natal. In: FICO, Carlos. Opt. Cit. P. 64.

de cerimônias e símbolos que evocam continuidade com um passado muitas vezes ideal ou mítico”¹³⁵.

Sob o título de “Traços de União”, a matéria de *Veja* é ilustrada com fotos da partida da urna de jacarandá de Lisboa, no dia 11 de abril de 1972, e faz uma breve biografia do monarca conhecido como D. Pedro IV em Portugal. Até mesmo suas últimas palavras para o povo brasileiro são lembradas, como uma justificativa para sua nova morada:

Deixo meu coração à cidade do Porto, teatro da minha verdadeira glória, e o resto do meu despojo mortal à cidade de Lisboa, lugar de minha nascença. Porém vós possuíis a relíquia mais preciosa, a encarnação vivente do meu ser, meu filho ...meu único filho... Com esta dádiva, eu resgatei tudo quanto deixei de cumprir convosco do excelso dever a que o Ser Supremo me tenha chamado.¹³⁶

A máquina da propaganda do governo sempre é lembrada como fundamental para classificarmos como “Anos de Ouro” o período que vai de 1969 a 1974. É importante ressaltar que a preocupação do regime com sua promoção não é algo que surge somente a partir das celebrações de 1972; logo após a vitória da “Revolução Democrática”, os militares já debatiam sobre a melhor forma de se relacionar com a imprensa e como realizar a propaganda do governo.

2.2 Construindo a propaganda ufanista

O regime procura aproveitar o crescimento econômico para modernizar algumas instituições, e uma delas seria justamente a mídia. O setor de telecomunicações era de grande relevância no projeto do governo, baseado na ideologia da segurança nacional. Era impreterível defender nossas fronteiras (a Floresta Amazônica era uma constante fonte de preocupação dos militares) e controlar o território nacional, a fim de inibir qualquer tentativa (por comunistas, terroristas e subversivos) de perturbação da ordem. Para tal fim, os meios de comunicação deveriam ser cada vez mais desenvolvidos.

No intuito de instalar uma rede básica de telecomunicações, o governo havia criado em 1965 a Empresa Brasileira de Comunicações (Embratel) e, para

¹³⁵ CASTRO, Celso. “A invenção do Exército brasileiro”. Série Descobrimos o Brasil. Rio de Janeiro: 2002. P. 11.

¹³⁶ Revista *Veja*, “Traços de União”. Dia 26/04/1972.

acompanhá-la com o devido suporte político, o Ministério das Comunicações. Sete anos depois, cria-se a Telecomunicações Brasileiras S.A (Telebrás) para coordenar a telecomunicação em todo o país. Segundo Alzira Alves Abreu e Fernando Lattman – Weltman, a Embratel “com um plano de estações repetidoras e canais de microondas, permitiria a formação e a consolidação das redes de televisão no país”¹³⁷. Desta forma, viabilizou-se a ampliação das emissoras de televisão.

Nos anos 1960, as emissoras de televisão procuraram popularizar suas grades de programação, possibilitadas pelo crescimento significativo da venda de aparelhos no país. Entre 1967 e 1979, aumenta em 24,1% a venda de aparelhos em preto-e-branco. Neste momento, a classe média e a elite elegem a TV como principal meio de entretenimento, informação e comunicação e, aproveitando-se disso, é criada a TV Globo, que em pouco tempo tornou-se a principal emissora do país¹³⁸. Também os militares percebem a força deste meio de comunicação, utilizando-se do mesmo como um difusor da ideologia do regime.

Ao mesmo tempo, a modernização dos meios de comunicação passava por importação de equipamentos gráficos e pela construção de novos edifícios para as redações (o prédio do Jornal do Brasil próximo à ponte Rio-Niterói - considerada uma das “obras faraônicas” do período - é um exemplo claro desta simbiose). Os capitais necessários eram obtidos através de empréstimos facilitados nos bancos de fomento do governo ou publicidades oficiais. A criação do Grupo Executivo da Indústria de papel e Artes Gráfico (GEIPAG), que analisava as importações de equipamentos no setor e era ligado ao Ministério da Indústria e Comércio, é uma prova paupável deste esforço do regime¹³⁹.

Obviamente, se o governo garantia a expansão dos meios de telecomunicações, ele também faria com este setor o que tentava fazer com os outros: controlá-lo. Estariam assim consolidados os chamados “pilares básicos” de uma ditadura, uma vez que a polícia política e a espionagem já existiam; faltava agora a formulação de um aparelho propagandístico e a censura. A mídia seria fundamental

¹³⁷ ABREU, Alzira e LATTMAN-WELMAN, Fernando. *“Uma instituição ausente nos estudos de transição: a mídia brasileira”* In: *A Democratização no Brasil – atores e contextos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

¹³⁸ A Rede Globo de Televisão seria uma importante aliada na legitimação do regime. Propagandas oficiais nos intervalos das suas telenovelas com dizeres como “Até 1964 o Brasil era o país do futuro. E então o futuro chegou” foram indispensáveis para o regime. Com relação ao futebol, a expansão da emissora coincidiu com as transmissões ao vivo das partidas e a consolidação do Campeonato Brasileiro.

¹³⁹ Idem, Ibidem.

também para aferir a legitimação do regime através da divulgação de suas benfeitorias e/ou ocultação de fatos ou índices que manchariam a imagem do governo. De acordo com Anne – Marie Smith:

O regime acreditava que uma imprensa fidedigna seria um instrumento importante para garantir o êxito de seu desempenho em legitimar-se. Alguém precisava proclamar as conquistas do regime. Os departamentos de relações públicas oficiais se esforçavam arduamente em divulgar as informações sobre construção de novas estradas, pontes e usinas hidrelétricas, e a imprensa poderia ser um forte aliado do regime para a disseminação dessa informação (embora, ao mesmo tempo, uma ameaça se ela pusesse a questionar ou criticar os custos sociais dessas realizações).¹⁴⁰

A produção de uma boa imagem do governo era alvo de debates acalorados dentro dos círculos militares; ainda no governo Castelo Branco levantou-se a hipótese da criação de um órgão de propaganda, porém o próprio presidente mostrou-se contra, pois associava esta iniciativa aos tempos do Estado Novo e seu DIP¹⁴¹. A criação da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP)¹⁴² teve como embrião um certo desgaste da imagem de Costa e Silva no momento da sucessão, e por isso foi criado um grupo de trabalho para “favorecer uma imagem do candidato e equacionar o problema de comunicação social no Brasil, como vistas ao futuro governo.”¹⁴³ Oficialmente foi instituído no dia 15 de janeiro de 1968, pelo decreto número 62.119, como uma assessoria e não um “serviço nacional” – tudo para tentar afastar-se de Vargas ou mesmo de Hitler.

A ideia era justamente apropriar-se dos meios de comunicação a fim de propagandear os feitos do regime, atraindo a simpatia da população e esvaziando o discurso de oposição contra os militares. E, mesmo tentando ao máximo se desvincular do culto ao líder dos tempos varguistas, a AERP procurava apresentar os presidentes como “boa gente”, pessoas comuns, o que ligava os mandatários máximos a seu povo. Nesse sentido, Costa e Silva seria o “seu Artur”, enquanto seu sucessor Médici costumava ser fotografado escutando rádio de pilha no Maracanã ou cabeceando uma bola de futebol. O cronista Carlos Heitor Cony relembra tal associação em sua coluna na Folha de São Paulo em 2002, comparando a forma

¹⁴⁰ SMITH, Anne-Marie. “Um acordo forçado – O consentimento da imprensa à censura no Brasil” Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

¹⁴¹ FICO, Carlos. Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: ED. Da FGV, 1997.p 91 – 99.

¹⁴² No início do governo Geisel a AERP foi desativada, porém após a derrota eleitoral em 1974, acaba sendo retomada como Assessoria de Relações Públicas (ARP). Idem, ibidem.

¹⁴³ Idem, Ibidem.

mediana com que Fernando Henrique Cardoso (então presidente do Brasil) gostava de futebol e a paixão de Médici, ex-jogador do Grêmio de Bagé, tinha pelo esporte:

(...)Médici era fanático por futebol, e não foi armação do regime militar a divulgação de algumas de suas fotos mais famosas – ouvindo jogo no radinho de pilha, enrolado na bandeiras nacional por ocasião do tricampeonato e fazendo embaixadas com alguma perícia, o que revelava intimidade com a bola.¹⁴⁴

O presidente Médici criaria ainda o Sistema de Comunicação Social do Poder Executivo, cujo objetivo era “formular e aplicar a política capaz de, no campo interno, predispor, motivar e estimular a vontade coletiva para o esforço nacional de desenvolvimento e, no campo externo, contribuir para o melhor conhecimento da realidade brasileira.”¹⁴⁵ Segundo Carlos Fico:

De fato, prevaleceu a exaltação otimista dos comerciais da AERP, que falavam de “amor” e “participação” na fase mais truculenta da repressão – o governo do general Emílio Garrastazu Médici. A televisão foi inundada por anúncios que destacavam valores éticos-morais associados à ‘democracia cristã’ e a supostos traços característicos do Brasil e dos brasileiros, como a alegria, o otimismo, a cordialidade etc., tudo transparecendo a tradição, de razoáveis antecedentes, segundo a qual a pretensa singularidade da sociedade brasileira era garantida para que o país se transformasse em uma grande potência.¹⁴⁶

A temática usada pela AERP/ARP era fundamentada na construção de um novo país a partir da Ditadura Militar e nas transformações realizadas pela mesma. A ideia de que o Brasil estava seguindo o rumo certo com os militares no poder era consubstanciadas através de campanhas anuais, como “Em tempo de Construção”, de 1971 ou “Você Constrói o Brasil”. Os filmes criados e veiculados na TV procuravam passar a sensação de que os militares não somente estariam trazendo crescimento econômico e segurança interna, como também criavam um novo tempo de “amor entre os homens”¹⁴⁷.

Ao lado da propaganda, a censura também é elemento integrante na construção do otimismo pelos militares. Com o fim do Estado Novo e o desmonte de seu aparato censor, o governo seguinte, do general Eurico Gaspar Dutra, criou através do decreto n.20.493, de 24 de janeiro de 1946, a Divisão de Censura de Diversões

¹⁴⁴ Carlos Heitor Cony, “Médici e FHC”, em Folha de São Paulo, 6 de março de 2002.

¹⁴⁵ ABREU, Alzira e LATTMAN – WELTMAN, Fernando. Op.cit.

¹⁴⁶ FICO, Carlos. “A Pluralidade Das Censuras E Das Propagandas Da Ditadura” In. *O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964 – 2004)*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

¹⁴⁷ Idem, Ibidem. pag 124.

Públicas (DCDP). Seu intuito básico seria cuidar dos chamados “atentados à moral e aos bons costumes” (palavrões, cenas de nudez ou mesmo letras de duplo sentido) e suas atividades contavam com o apoio de grande parcela da sociedade. Os militares, desta forma, apenas seguiam uma tendência dos políticos brasileiros de “incriminar os meios de imprensa que não explicariam convenientemente sua ação.”¹⁴⁸ Carlos Fico ressalta que é a partir de 1968 que a censura passa a preocupar-se “de maneira mais enfática” com questões políticas, realizando o que ele chama de uma “dupla censura” no país¹⁴⁹.

Desde a criação do SNI existe uma preocupação com o que a imprensa veiculava e, por conseguinte, procurava-se controlar as informações. Cabe notar que havia uma ligação direta entre os proprietários dos grandes jornais e figuras do governo. Existe um interesse comum, um projeto político para o Brasil que era capitaneado pelos militares com apoio ideológico dos grandes meios de comunicação do país. A troca de favores, uma vez que os militares concediam alguns benefícios para estes empresários (o GEIPAG era o órgão ideal para isto) fazia parte deste projeto mútuo, onde o trabalhismo janguista ou mesmo os projetos mais radicais das esquerdas não possuía espaço.

Após a promulgação do AI-5, há uma tentativa importante de regulamentação da censura com a criação do decreto-lei nº 1077, de 26 de janeiro de 1970, por parte do ministro da Justiça Alfredo Buzaid. Nele, o governo estabelece que “não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes”, alegando mais uma vez que tais publicações poderiam colocar em risco a segurança nacional. Assim, o Ministério da Justiça e a Polícia Federal ficam encarregados de realizar a censura, através do Conselho Superior de Censura e do Juizado de Menores. Com este decreto, o governo tinha o direito de controlar a “moral” dos espetáculos e recreações, em especial o cinema e a televisão.

O *Jornal do Brasil* e a recém-criada *Revista Veja*, são colocados sob censura prévia no período imediatamente após o AI-5¹⁵⁰, enquanto a *Tribuna de Imprensa* já

¹⁴⁸ JEANNENEY, Jean – Noel. “A mídia” In. Rémond, René. Por uma História Política. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

¹⁴⁹ Idem, ibidem.

¹⁵⁰ “(...) no mesmo dia 13 de dezembro de 1968, um coronel se apresentou a Roberto Civita no sexto andar do prédio da Abril e disse que estava ali para censurar a Veja. O coronel foi convidado a almoçar. Roberto Civita contou-lhe a história da Abril, e serviu-lhe macarrão e vinho em abundância. Achava que devia manter boas relações com o censor. (...)” In CONTI, Mario Sergio. *Notícias do Planalto – A imprensa e Fernando Collor*. São Paulo: Companhia das Letras, 199. Pag.368.

estava sob os cuidados dos censores desde outubro de 1968. Algumas edições *do Estado de São Paulo* e *do Jornal da Tarde* são confiscadas, tal qual pequenas publicações como *Repórter* e *Em Tempo* e *Resistência*. No entanto, o *Correio da Manhã* seria o veículo de imprensa mais prejudicado. Sob a alegação de que o jornal estava publicando artigos e reportagens de oposição ao regime, sua proprietária, Niomar Muniz Sodré, fica presa por vinte e três dias¹⁵¹. Apesar destes exemplos, o número de publicações que foram alvo da censura prévia não vai muito além de uma dezena, algo que demonstra sua pouca abrangência se comparada ao total de publicações no país. Anne-Marie Smith descreve os alvos dos militares:

(...) *Pasquim*, novembro de 1970 a 1975; *O Estado de S. Paulo*, setembro 1972 a janeiro de 1975; *Folha de São Paulo*, junho de 1973 a junho de 1978; *Opinião*, janeiro de 1973 a abril de 1977; *Veja*, 1974 a junho de 1976; *Movimento*, abril de 1975 a junho de 1978; e *Tribuna da Imprensa*, vez por outra entre 1968 e 1978.(...)¹⁵²

A imprensa reage de diversas maneiras à censura, em especial porque tinham muito a perder. A publicidade oficial representava boa parte da receita dos grandes jornais do período; estimativas afirmam que este número chegava a 30% das contas das agências de propaganda, sendo que 15% da receita total do *Jornal do Brasil* no ano de 1978 vinham diretamente do Estado. Os prejuízos com publicações confiscadas também eram significativos. Por isso, a maior parte das empresas de comunicação realiza uma espécie de “acordo forçado”, expressão empregada por Anne Marie-Smith no título de seu livro que aborda este período.¹⁵³ Autocensura (ou seja, a imprensa seguia as indicações da Polícia Federal sobre aqueles assuntos que não deveriam ser divulgados), aceitar o ato censório após efetivamente realizado, ou acatar os bilhetinhos enviados às redações eram práticas comuns. Apesar da formação de uma memória construída acerca de uma possível resistência, poucos são aqueles que efetivamente enfrentaram a estrutura repressora.

Por outro lado, a censura era realizada de forma difusa. A censura prévia é posta em prática sem regras claras, o que também colabora para o estímulo à autocensura praticada em jornais e revistas. É necessário evidenciar o despreparo de muitos agentes da censura na realização do seu trabalho; inúmeras vezes - por

¹⁵¹ BARBOSA, Marialva. Opt. Cit.

¹⁵² SMITH, Anne-Marie. Opt.cit.

¹⁵³ Idem, Ibidem.

incompetência ou mesmo medo de seus superiores - os censores cometiam erros e censuravam artigos sem propósito algum, entendessem ou não o conteúdo deles.

2.3 Os usos e abusos da seleção pelo governo Médici

Inúmeros são os trabalhos que relacionam a vitória da Seleção na Copa do Mundo de 1970 com o apoio popular ao regime militar. Copas do Mundo de Futebol para alguns países são momentos em que o povo sai às ruas e expressa, nas mais diversas formas, manifestações de nacionalismo. É a “pátria de chuteiras” em campo que, para os militares, seria excelente usar a vitória no México para propagandear os feitos do regime, associando a conquista dos jogadores a organização política e econômica do país após 1964.

A eliminação precoce da Seleção em 1966 tem como consequência direta um maior interesse do governo nos rumos da CBD¹⁵⁴. Pedidos de CPI vinham do Legislativo e até mesmo o temido Serviço Nacional de Informações (SNI) passou a perseguir João Havelange. Por sua vez, Havelange substitui a comissão técnica da equipe por uma Comissão Seleccionadora Nacional (Cosena), promovendo o retorno de Aymoré Moreira para o comando do escrete que após péssimos resultados nos amistosos de 1968 foi demitido. Juntamente com a extinção da Cosena vinha um novo terinador: João Saldanha¹⁵⁵.

Irreverente e ligado às esquerdas que o regime combatia nos porões, Saldanha incomodou as lideranças militares. Usando as técnicas aprendidas em seus anos na imprensa, o novo técnico conseguiu atrair a atenção do povo para a seleção ao

¹⁵⁴O jogador Jairzinho, que participou da Copa do Mundo de 1966 resume assim o fracasso da campanha brasileira no Inglaterra: “Montaram uma Seleção. Uma série de erros contou para a nossa desclassificação. O primeiro deles, pra mim, foi o excesso de convocação, 44 jogadores. O segundo: jogadores que já não tinham mais condicionamento atlético para jogar esse tipo de competição, que é muito dinâmica, por ser curta. Jogadores que já vinham praticamente de 54. Imagine, não vou também citar o nome deles que não é por aí, mas vocês pesquisando vão ver que é verdade. E nós, eu, Carlos Alberto Torres, Djalma Dias, Tostão, nós estávamos com uma renovação pronta pra jogar mesmo em 66. E, outro detalhe é que nós levamos um mês e meio entre preparação e competição. Nesse mês e meio, nós ficamos aqui dentro do Brasil, cada semana nós jogávamos em dois Estados, dentro do Brasil e era um momento especial pra eles. Nós íamos pra nos mostrar e é errado isso. Você tinha que ter uma preparação já estabelecida no local certo pra você se preparar, você conhecer o grupo, o grupo te conhecer e, sucessivamente, o grupo conhecer a tua filosofia tática de jogo, etc. O que de fato culminou com a nossa desclassificação foram esses detalhes que eu estou passando pra vocês. Agora, eu tenho certeza absoluta de que pra mim foi maravilhoso, porque eu repeti da outra vez, olhei e gravei como não se deve preparar para uma Copa do Mundo e aí foi um bom ensinamento para que eu seguisse em busca do meu ideal que era tentar ser campeão do mundo.”Entrevista concedida ao autor em 28 de agosto de 2010.

¹⁵⁵ SARMENTO, Carlos Eduardo. *Opt. Cit.*

convocar jovens atletas que logo ficaram conhecidos como as “feras do Saldanha” (os onze escolhidos eram Claudio, Carlos Alberto, Djalma Dias, Joel, Rildo, Piazza, Gérson, Jair, Tostão, Pelé e Edu¹⁵⁶). No primeiro ano comandando o time, João Saldanha ganhou todos os nove jogos que disputou, tendo seu apogeu na vitória contra o Paraguai diante de cento e oitenta e três pagantes no Maracanã.

Ainda no estádio Mário Filho, Elói Menezes, membro da CND, queria aproveitar a ocasião em que a Seleção conquistou a vaga para a Copa de 1970 para pedir apoio para o então afastado presidente Costa e Silva. Foi prontamente impedido por Saldanha, tornando ainda pior sua relação com o poder. Ao final do ano, Pelé anotava seu milésimo gol contra o Vasco e posteriormente era recebido pelo presidente Médici, que não perdeu a oportunidade de aproveitar tal marco histórico para associar seus feitos aos do “atleta do século”. O jogador recebeu, na ocasião, a medalha de mérito nacional e o título de comendador.

Desgastado pelos constantes ataques dos militares, - com o Ministro Jarbas Passarinho declarando que o clima ruim em torno da Seleção seria ruim para o país - em clima de tensão com alguns atletas importantes do elenco (Saldanha ameaçava cortar Pelé devido a problemas de visão) e obtendo péssimos resultados em amistosos, o técnico acabou derrubado a poucos meses da competição. Ainda em março, a militarização da delegação brasileira é anunciada com a indicação do major-brigadeiro Jerônimo Bastos como chefe, auxiliado pelo major Ipiranga Guarany. Mário Zagallo¹⁵⁷ seria o técnico com a assistência da preparação física de oficiais formados na escola de Educação Física do Exército.

A preparação física da Seleção destaca-se nestes preparativos, significando uma ruptura em termos de planejamento, organização e método de treinamento esportivo. Cláudio Coutinho, Raul Carlesso e Carlos Alberto Parreira procuraram

¹⁵⁶ Entrevista com Jairzinho concedida ao autor em 28 de agosto de 2010.

¹⁵⁷ Um dos pontos lembrados é a polêmica em torno do atacante Dario. Médici queria ver o jogador com a camisa da Seleção brasileira o que era rejeitado de forma ríspida por Saldanha. Já Zagallo convoca o jogador para a Copa, o que gera suspeitas sobre uma intervenção direta do presidente na escolha do técnico. Em entrevista ao autor, Zagallo rebate seus críticos: “Não existiu nenhuma influência política um presidente da República falaria com um técnico de futebol? Como o Saldanha fez uma crônica criticando o presidente por ele ter falado do Dadá e logo depois eu convoquei ele. Olha, o Dadá nem foi para o banco na Copa se eu tivesse cumprindo ordens, pelo menos pro banco ele iria, né? Eu nunca sofri interferências do João Havelange ou do Ricardo Teixeira.”Entrevista concedida ao autor no dia 10 de novembro de 2009, disponível no sítio <http://blogdoruiodaniel.blogspot.com.br/search/label/Zagallo>. Carlos Heitor Cony acredita que não passou de uma lenda a intervenção direta de Médici, “onda promovida pela esquerda festiva”corroborada por amigos de Saldanha que não se conformaram com a sua demissão. Carlos Heitor Cony, “Médici e FHC”, em Folha de São Paulo, 6 de março de 2002.

associar a avançada técnica dos jogadores brasileiros com uma inovadora preparação física para que os atletas suportassem as adversidades climáticas do México.

A Comissão técnica daquela Seleção teve à sua disposição as teorias mais avançadas sobre treinamento físico e sobre adaptação em altitude na época. O método de adaptação à altitude e os estudos sobre a influência da temperatura nas atividades físicas foram fundamentais na competição. (...) Todavia, tanto os conhecimentos aplicados quanto alguns dos responsáveis pelo processo de organização e planejamento da Seleção de 70 são esquecidos ou secundarizados em louvor exclusivo aos “jogadores-heróis (Pelé, Tostão ou Jairzinho).”¹⁵⁸

Por sua vez, Zagallo sempre é considerado um homem de sorte, uma vez que apenas teria dado continuidade ao trabalho de Saldanha, o que é negado de forma veemente em entrevista ao autor, em que lembra:

O Saldanha jogava no 4-2-4. O resultado não seria bom e por isso eu já tinha na cabeça que isso tinha que mudar. Acho que o futebol de hoje já era jogado pela seleção de 1970. Fazíamos o bloqueio no meio-campo para proteger a defesa. Mudei o Rivelino para a ponta esquerda, o Tostão fazia o papel de pivô e o convívio com o Pelé desde os tempos de jogador foi fundamental para que ele produzisse bem.¹⁵⁹

O que se viu em campo no México foi uma das melhores (senão a melhor) Seleção da história. O presidente, preocupado com os rumos da equipe, ligava constantemente para o craque Rivelino: “O presidente cobrava muito da gente (...) depois de todo o jogo em Guadalajara ele ligava para a concentração e o Jerônimo Bastos falava que ele queria falar comigo (...) falei com ele até a semi-final (...) havia uma necessidade da vitória devido ao problema da Ditadura então eu dizia para ele que iríamos ganhar”¹⁶⁰. Com vitórias épicas, jogadas sensacionais e a vitória sobre a Itália com uma goleada, a vitória vem acompanhada do jogo bonito que consolida a ideia da especificidade do futebol brasileiro, difundida até hoje (mesmo sem muito respaldo nos resultados em campo).

O resultado seria o auge da campanha ufanista em curso no governo. Slogans como “Ninguém mais segura este país”, “Ontem, hoje, sempre, Brasil” e “Brasil, ame-o ou deixe-o”, embalados pela marchinha “Pra frente Brasil”¹⁶¹ acompanharam

¹⁵⁸ BARTHOLO, Tiago Lisboa, SALVADOR, Marco Antonio Santoro e SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. “Copa de 70: o planejamento México.” In GASTALDO, Édison e GUEDES, Simoni Lahud. “Nações em campo – Copa do mundo e identidade nacional.” Niterói: Editora Intertexto, 2006.

¹⁵⁹ Entrevista concedida ao autor no dia 10 de novembro de 2009.

¹⁶⁰ Entrevista cedida ao programa “Kajuru Pergunta com Rivelino” disponível no sítio http://www.youtube.com/watch?v=_iL618fqHT0.

¹⁶¹ A música tema da seleção é cantada por todos, e em seus versos, a união entre povo e time tão desejada pelos militares, fica explícita (“Noventa milhões em ação/Pra frente Brasil, no meu coração/Todos juntos, vamos pra frente Brasil/Salve a seleção!!!/De repente é aquela corrente pra frente, parece que todo o Brasil deu a mão!/Todos ligados na mesma emoção, tudo é um só coração!/Todos juntos vamos pra frente Brasil!/Salve a seleção!/Todos juntos vamos pra frente Brasil!/Salve a seleção!”).

a seleção desde sua partida para o México até a volta triunfal, com os jogadores carregando a taça Jules Rimet em carro aberto nas principais capitais do país¹⁶². Nesse contexto elabora-se também o “pacote de notícias”, no qual a imprensa recebia declarações ou notícias já prontas dos órgãos do governo. De números da economia à agenda oficial, os chamados *press releases* eram lidos em voz alta por funcionários do governo ou reproduzidos em toca fitas.

Dois anos depois, os festejos do Sesquicentenário da independência do Brasil tomariam conta do país. No discurso oficial de abertura das comemorações, o presidente Emílio Garrastazu Médici conclamava o povo, afirmando que os interesses do país estavam acima de todos e deixando claro que tal evento tinha como objetivo “assegurar a subordinação, a obediência e a lealdade” dos brasileiros¹⁶³:

(...)Mais brasileiros cada dia, na simplicidade de nossa casa e de nosso trabalho, coloquemos acima de quaisquer interesse o interesse nacional, buscando a solução nossa e a prevalência de nossa arte e de nosso engenho. Com entusiasmo ainda maior, entreguemos – nos a realização dos programas nacionais de desenvolvimento e integração, ativando setores ociosos, eliminando desperdícios, recuperando o tempo, a energia e a riqueza malbaratados. (...)¹⁶⁴

Vários foram os eventos associados aos festejos, como o Torneio Internacional de Vôlei no Estado da Guanabara entre 15 e 27 de setembro, e a já mencionada Olimpíada do Exército que ocorreu no Rio Grande do Sul entre vinte e seis de abril e sete de maio. Até mesmo as vitórias de Emerson Fitipaldi nas pistas foram exploradas pelo regime, sendo o Grande Prêmio Brasil disputado em Interlagos integrado às comemorações oficiais.

Campeonatos Estaduais de futebol batizaram seus vencedores como “Campeão do Sesquicentenário”. Em São Paulo o Corinthians, “Campeão do Centenário”, pois vencera o estadual de 1922, buscava agora a vitória em 1972. Megulhado em disputas políticas, viu o título ser conquistado pelo maior rival, o Palmeiras¹⁶⁵. Na antiga Capital Federal, a final da Taça Guanabara foi marcada para o dia 7 de setembro. Flamengo e Fluminense levaram milhares de torcedores ao estádio

¹⁶² JÚNIOR, Hilário Franco. A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

¹⁶³ HOBBSAWM, Eric J. e RANGER, Terence (org.). Opt. Cit.

¹⁶⁴ JORNAL DO BRASIL, “A mensagem presidencial”. Dia 22 de abril de 1972.

¹⁶⁵ REVISTA PLACAR, número 106, de 24 de março de 1972. “A paz de um homem só – Todo mundo no Corinthians fala em pacificação. Miguel Martinez, Vicente Mateus e Vadi Helu. Mas todos os três colocam a mesma condição: ‘A paz, sim, desde que eu mande’. Por isso, a paz sonhada, implorada, chorada po Chico Mendes, não vem.”

Mário Filho no feriado, que assistiram a vitória do rubro – negro, time preferido do presidente Médici no Rio de Janeiro.

Na programação das festas do Sesquicentenário foi incluída uma mini – copa (chamada de Supercopa devido ao número de equipes por alguns dirigentes) do Mundo de futebol, em que a protagonista foi a seleção tricampeã do mundo¹⁶⁶. A Taça da Independência foi resultado da convergência de interesses da FIFA (uma vez que o torneio iria expor a marca da entidade dois anos após o Mundial), da CBD (seria mais uma oportunidade para João Havelange demonstrar sua capacidade organizativa e gerencial¹⁶⁷) e do Regime Militar (a comemoração da independência mais uma vez uniria o nacionalismo ufanista e a seleção brasileira)¹⁶⁸.

Até mesmo o presidente da FIFA, que veio ao Estado da Guanabara em junho de 1971 anunciar o Torneio, elogiou a infra – estrutura dos estádios do Brasil para sediar tal torneio, indo ao encontro do clima de euforia desenvolvimentista que tomava conta do país das “obras faraônicas” e do “Milagre Econômico:

Em todos os estados do país, senti que o povo dessas regiões tem em seu estádio um símbolo de orgulho, que somente o bem poderá acarretar. Isto é ótimo para que a juventude pratique todo tipo de esportes, estaremos desarmando as más ações, como a subversão e outras. Isto não existe em país nenhum, apenas no Brasil. Em meu país, por exemplo, dezenas de anos, quando o povo pensou em construir um grande estádio, construíram uma catedral. Agora, quando quase ninguém mais vai à igreja, pode ser que surjam grandes praças de esporte em lugar das catedrais, pois a população já está preferindo os estádios, como aqui no Brasil (...)¹⁶⁹.

O torneio deveria reproduzir uma Copa do Mundo, reunindo todas as seleções campeãs mundiais, mais alguns convidados. Além de mostrar ao mundo a eficiência brasileira na organização de um grande evento, assim como uma população feliz e ordeira, o objetivo da CBD e do governo era criar um clima de euforia nacionalista. Para tal, Havelange autorizara a transmissão dos jogos ao vivo para todoo território nacional.

¹⁶⁷ A capa da Revista Veja no mês do Torneio traz uma foto de João Havelange na piscina com o título “O Rei da CBD”. A matéria de capa mostra como Havelange usa o Torneio e outras manobras para conseguir votos suficientes para ganhar as eleições para presidente da FIFA em 1974. REVISTA VEJA, 14 de junho de 1972.

¹⁶⁸ SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF.* /Coordenação Adelina Maria Novaes Cruz, Carlos Eduardo Sarmiento e Juliana Lage Rodrigues; Texto Carlos Eduardo Sarmiento. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 176 f.

¹⁶⁹ Folha de São Paulo, dia 7 de agosto de 1971. “Rous divulga grupos da Copa Independência.”

Mas alegações oficiais de dificuldades com o calendário diferenciado¹⁷⁰ e alguns problemas logísticos da CBD não permitiram a vinda das principais seleções europeias (Alemanha, Inglaterra, Itália, Holanda, Bégica, Áustria e Espanha), o que reduziu o charme da competição. Na verdade, a disposição dos países europeus de não associarem suas imagens a um governo que violava os direitos humanos e o distanciamento da campanha de Havelange para a presidência da FIFA foram elementos decisivos para a ausência dessas seleções¹⁷¹. Mesmo assim, conseguiu-se reunir seleções de quatro continentes (África, América, Europa e Ásia) e o evento se tornou o maior torneio de futebol de seleções depois da Copa do Mundo.

O que não esperavam os organizadores do Torneio do Sesquicentenário é que este não caísse no gosto popular. Nas oito cidades espalhadas por todas as regiões do país onde foi disputada a fase eliminatória, poucos se aventuravam a comprar ingressos para as partidas. A exceção era Campo Grande; como a cidade do Mato Grosso não possuía times fortes capazes de atrair grandes jogos regularmente para a região (o estado somente seria representado no Campeonato Nacional a partir de 1973) e inaugurava o “Morenã”, estádio para 52 mil pessoas, a população local, além de paraguaios e bolivianos vizinhos, atenderam à expectativa das autoridades.

As pequenas rendas proporcionadas pelas partidas da primeira fase não cobriam as despesas dos jogos que, eram de aproximadamente 552.000 cruzeiros, enquanto as receitas esperadas giravam em torno de 300.000 cruzeiros. Havelange não perdia o otimismo: “Eu gostaria que viessem Alemanha, Inglaterra e Itália, porque o brasileiro, em sua paixão pelo futebol, gosta de jogar contra esses times. Mas um jogo entre Brasil e Escócia, ou Uruguai e União Soviética, é atração em qualquer lugar do mundo.”¹⁷²

A baixa qualidade de algumas seleções convidadas foi um elemento fundamental para o distanciamento do público. Por exemplo, a seleção da CONCACAF (que reunia jogadores de seleções da América Central e México) colecionou goleadas no torneio. Segundo o centroavante da Seleção Brasileira Dario Maravilha: “Jogam futebol inocente, sem malícia. Ninguém tem características para

¹⁷⁰ A URSS formou duas equipes: uma que disputaria o Campeonato europeu de seleções e um time B enviado ao Brasil.

¹⁷¹ ALMEIDA, Adjovanes Thadeu. Opt. Cit.

¹⁷² REVISTA VEJA, . “Taça Independência, o torneio dos votos de João”. Dia 14 de junho de 1972

fazer gol mirabolante, como eu.”¹⁷³ Vazios os estádios não ficariam, uma vez que foram distribuídos ingressos a estudantes.

Exemplo do fiasco de público foi final da chave 2 no estádio da Fonte Nova. Com capacidade para 100.000 espectadores, somente 10% desta foi ocupada para o jogo entre França e Argentina. Além do desinteresse dos espectadores, preocupava os dirigentes o péssimo futebol apresentado pela seleção brasileira. Aqueles que esperavam reviver os momentos mágicos do México em gramados brasileiros viram “um futebol apático, irritante, sem mobilidade”, que foi vaiado no Maracanã¹⁷⁴. Jogadores como Gérson (“Neste país, fora do campo, só o Zagallo entende de futebol”) e Paulo César (“Essa bronca contra mim é racismo, porque sou preto e tenho carrão e roupas bonitas e isso incomoda muita gente”) não aceitavam as críticas e, em declarações polêmicas, entravam em conflito com os torcedores¹⁷⁵.

Mesmo com um futebol que não agradava ao público, a Seleção chega à final no dia nove de julho. Com uma trajetória de vitórias sobre a Iugoslávia, Escócia e um empate contra a Tchecoslováquia, o time brasileiro chega à última etapa do torneio justamente contra a Seleção de Portugal, liderada pelo maior jogador de futebol da história deste país: Eusébio. Era o melhor cenário possível para as celebrações do Sesquicentenário.

Em sua coluna no *Jornal do Brasil*, o jornalista Armando Nogueira lamenta o futebol pouco vistoso apresentado pela Seleção, mas salienta que o futebol – competição não deixava mais espaço para os espetáculos. E termina sua coluna com bom humor: “Informação de um leitor anônimo: foram entrevistar a Taça Independência, ontem, e ela, ouriçada, declarou amavelmente: - ‘Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, digam ao povo que fico!’”¹⁷⁶.

Na mesma página 63 do *Jornal do Brasil*, chama a atenção uma coluna à esquerda, avisando aos torcedores que os hinos nacionais dos dois países seriam tocados antes do jogo e trazendo a letra dos hinos para que estes pudessem acompanhá – los. A matéria de centro tinha como título: “Milito, de meia-direita a Presidente da República”. Milito era o apelido de infância de Médici, que segundo a matéria, iria ao “Maracanã se misturar entre os milhões de brasileiros como um torcedor que se distingue dos demais por uma série de circunstâncias, mas que se

¹⁷³ REVISTA VEJA, “O circo menor”. Dia 21 de junho de 1972.

¹⁷⁴ REVISTA VEJA, “Os maxi prejuízos da Taça”. Dia 12 de julho de 1972.

¹⁷⁵ Idem, *ibidem*

¹⁷⁶ Armando Nogueira, Coluna “Na Grande Área”. Em *Jornal do Brasil*, 9 de julho de 1972.

igual a todos na paixão pelo esporte e na confiança pela vitória da Seleção Nacional”¹⁷⁷.

Um presidente que “se misturava entre os milhões de brasileiros” e que também “se iguala a todos”. Mais uma vez o futebol serviu aos interesses da máquina propagandística do governo, aproximando o mandatário máximo de um regime autoritário ao mais comum e singelo torcedor da Seleção, buscando sempre a aproximação entre Médici e o povo.

O Maracanã recebeu quase cem mil pessoas, que assistiram à vitória da Seleção Nacional frente aos portugueses por 1 a 0. Se a qualidade do futebol apresentado pelos brasileiros distanciava – se daquele apresentado dois anos antes, ao menos cumpriu com o desejo de Havelange e das autoridades de proporcionar “grandes alegrias aos brasileiros”. O correspondente Jaques Ferran, do jornal francês L’Equipe, escreve dois dias depois da conquista no Jornal do Brasil e na matéria “O futebol do milagre” associa o esporte ao momento vivido pelo país: “(...) Jair, autor de outro gol decisivo e maravilhoso frente aos escoceses marcou esta Taça com seu espírito real. Pode – se dizer que ele nos fez ver por que o futebol brasileiro é o futebol do milagre e do homem providencial”¹⁷⁸.

Muitas celebrações ainda estavam por vir nos dois meses que separaram a final da Taça Independência do sete de setembro. Mas sem dúvida nenhuma, apesar dos discursos contrários, o resultado do torneio não foi o esperado pelo governo. O prejuízo financeiro para os cofres públicos (que através do CND pagou o traslado das delegações – como fazia com os times do Campeonato Nacional) e a pequena atenção do público aos jogos que não envolviam a Seleção Brasileira não deram a coloração popular que as comemorações do Sesquicentenário pretendiam¹⁷⁹.

Se de alguma forma a competição teve êxito na sua organização, exportando uma imagem de um país que consegue abrigar eventos esportivos de grande porte (participaram do Torneio vinte seleções enquanto a Copa do Mundo abrigava apenas dezesseis naqueles tempo), o grande vitorioso foi o presidente da CBD. Se as dívidas contraídas com o evento foram enormes, o lucro político para João Havelange foi maior: dois anos depois ele é eleito presidente da FIFA.

¹⁷⁷ JORNAL DO BRASIL, “Milito, de meia – direita a Presidente da República”.Dia 9 de julho de 1972.

¹⁷⁸ JORNAL DO BRASIL, . “O futebol do milagre”. Dia 11 de julho de 1972.

¹⁷⁹ ALMEIDA, Adjovanes Thadeu. Opt. Cit.

2.4 Em 1970, a Placar e a Loteria Esportiva

Conforme constatado no primeiro capítulo, a elite política (desde governadores a vereadores, passando por prefeitos e deputados interessados em ver suas cidades representadas no Nacional) estava convencida dos benefícios e dos dividendos eleitorais da instrumentalização da maior paixão nacional: o futebol. Entretanto, não apenas os políticos tinham interesse no Nacional, pois diversos outros agentes sociais perceberam que poderiam se beneficiar da competição .

A *Revista Placar*, por exemplo, desde sua criação, defendia a organização de um campeonato que reunisse as principais agremiações do Brasil, a exemplo do que já ocorria em outros países. A revista, do grupo Abril, foi idealizada ainda nos primórdios da criação do grupo editorial, mas somente ganha edições semanais a partir de março de 1970. A proximidade da Copa do Mundo de 1970 e a euforia gerada pela expansão da Loteria Esportiva dominavam as páginas de seus primeiros números.

A Loteria Esportiva foi criada no mesmo ano de 1970. Testada entre abril e junho em diferentes capitais do país (extração experimental), foi oficialmente lançada em meio à Copa do Mundo do México em 1970, no dia 7 de junho de 1970. Seu funcionamento era simples: após preencher o “volante” com a relação de jogos, os palpites eram transferidos para cartões IBM e perfurados pela máquina manual Por a Punch, emitindo assim o recibo do apostador. O prêmio seria de 30% do total arrecadado. Os outros 70% seriam divididos entre órgãos governamentais ligados aos esportes e à educação, além de obras de assistência social.¹⁸⁰

A escolha dos jogos de cada rodada, algo fundamental para a lisura da loteria, era realizada por uma agência designada pela Caixa Econômica Federal, a Sport Press. Como critérios para escolha, estavam se o jogo era um clássico onde a diferença de pontos dos envolvidos não era grande, times com campanhas semelhantes (de preferência aqueles que disputavam colocações no meio da tabela de classificação), times grandes que jogavam fora de seus domínios, (onde o risco de derrota é maior) e clássicos regionais ou locais¹⁸¹.

¹⁸⁰ A arrecadação da Confederação Brasileira de Desportos e do Conselho Nacional do Desporto depois de realização de vinte e quatro concursos da Loteria seria superior a 20 milhões de cruzeiros. Folha de São Paulo, 22 de novembro de 1970. “Loteria pára em dezembro e só volta um mês depois.

¹⁸¹ O ato regulamentando a Loteria Esportiva seria criado em janeiro de 1970. Sua principal determinação estabelecia que os concursos seriam organizados de acordo com as tabelas de

Também chamado de “Bolão” (hoje Loteca), a nova loteria despertava grande interesse dos apostadores, que formavam grandiosas filas no centro do Estado Guanabara, levando até mesmo a falta de cupons para atender o público, com casas lotéricas fechando as portas um dia antes do prazo final para o encerramento das apostas. O primeiro concurso foi um sucesso, com “mais de 2 mil pessoas se ofereceram para abrir lojas com finalidade de vender cupons aos apostadores.”¹⁸² Em agosto de 1970, a loteria chegava à cidade de São Paulo, aumentando assim sua arrecadação e, conseqüentemente, sua premiação. Considerada uma forma de ascensão social no contexto do “Milagre Econômico”, para aqueles que não eram beneficiados diretamente com os adventos do crescimento dependente e excludente, a *Placar* cria seções (Tabelão, Bolão, Palpites e Por dentro do Bolão – destinadas a esclarecer dúvidas sobre regulamento, agências credenciadas ou mesmo problemas dos times) voltadas apenas para a nova loteria federal, com patrocínio da própria Administração do Serviço da Loteria Federal, que tinha como slogan “Está aí a profissão mais rendosa do Brasil: palpiteiro”¹⁸³. A *Placar* apresentava sempre uma análise completa da rodada, com um pequeno texto de cada jogo e, ao final da seção especial, os palpites da revista para orientar os apostadores. Times desconhecidos do interior do país escolhidos pela loteria eram apresentados aos apostadores, e a revista enviou seis repórteres para recrutarem uma “rede de correspondentes” espalhada pelo Brasil.

Entusiasmados com a novidade, os apostadores de São Paulo enfrentaram no último dia de apostas do décimo segundo teste da Loteria Esportiva alguns problemas idênticos àqueles vivenciados nos dias de jogos nos grandes estádios do Brasil: longas filas, mulheres grávidas sem prioridade, suspeitas de irregularidades no recebimento de bilhetes por parte de alguns lotéricos (supostamente estes somente aceitariam apostas acima de 50 cruzeiros) e apostadores desmaiando durante a espera; cenas de

competições esportivas nacionais ou internacionais, inclusive competições amistosas oficialmente programadas, indicadas pelo CND à Caixa Econômica Federal periodicamente. Folha de São Paulo, 29 de janeiro de 1970. “Ato regulamenta Loteria Esportiva”.

¹⁸² Revista *Placar*, 12 de junho de 1970. “Bolão chega a SP em Julho”.

¹⁸³ Na peça publicitária, mulheres de todas as idades, homens de terno e um negro apareciam como “palpiteiros” abaixo de um texto que dizia: “Não dê mais palpites de graça. Agora seu palpite vale muito dinheiro. Indique quem vai ganhar os jogos da semana. Ou se vai haver empates. Num mesmo jogo, você pode dar palpite duplo. E até palpite triplo: ganha este, ganha aquele e empatam. Pode fazer isto com quantos jogos quiser. Ao todo, são treze jogos, cada um valendo 1 ponto. Quem fizer o maior número de pontos leva a bolada. Semanalmente, todo mundo tem chance de enriquecer. Os que gostam de futebol e os que não gostam. Os que entendem e os que não entendem. Palpiteiros do Brasil, pendurem as chuteiras, fiquem ricos” Revista *Placar*, 7 de agosto de 1970.

verdadeira histeria coletiva em torno da possibilidade de ficar rico através dos conhecimentos futebolísticos¹⁸⁴.

Na semana posterior ao primeiro concurso realizado em São Paulo, a capa da *Placar* mostrava o campo da final da Copa de 1970 ao fundo e uma mão segurando o bilhete da loteria, com a seguinte chamada: “Placar entrou no bolão, para ajudar você”¹⁸⁵. Era a primeira de muitas capas dedicadas ao “bolão”, que segundo o jornalista Juca Kfourri garantiram o sucesso de vendas do semanário¹⁸⁶. Outros meios de comunicação, como a *Folha de São Paulo*, com o tempo passam a publicar em suas páginas colunas de palpites e quadros informativos da rodada.

Como o leitor da revista poderia se diferenciar neste contexto? Antes de realizar seus palpites, quem acompanhava o semanário seria beneficiado com informações privilegiadas sobre todos os jogos que compunham a rodada, uma vez que a revista possuía representantes em toda a parte do país, analisando os times escolhidos pela Loteria. A partir de outubro de 1970, mais uma vantagem: a revista seria acompanhada de um “volante oficial” ou seja, um cartão da Caixa Econômica Federal para a realização das apostas. Até mesmo aqueles que desejavam ganhar sozinhos, apostando na chamada “zebra”, poderiam seguir as sugestões para a composição dos cupons neste sentido¹⁸⁷.

Dona Carmela Mondelli, que ganhou Cr\$ 1.892.720,00 no teste número 9, sem saber o que é um bom meio-campo, o que é retranca, o que significa futebol-força e torcedora do Flamengo por pressão da família,¹⁸⁸ era exemplo de que nem sempre informações e conhecimentos sobre os jogos eram imprescindíveis. Às vezes uma boa dose de sorte ajudava; mas se a sorte tivesse a ajuda dos repórteres de *Placar*, as chances aumentavam de forma significativa. Um incentivo a mais para os leitores.

Os primeiros frutos para o incremento do esporte amador provenientes dos recursos da Loteria seriam apresentados já no início de 1971. A Confederação Brasileira de Basquetebol promoveria um Campeonato Mundial, utilizando 500 mil

¹⁸⁴ *Folha de São Paulo*, 21 de agosto de 1970. “Loteria: no derradeiro dia surgem as falhas.”

¹⁸⁵ *Revista Placar*, 14 de Agosto de 1970. Número 22.

¹⁸⁶ Entrevista ao autor no dia 16 de dezembro de 2011. Na segunda metade de 1970, a revista tinha uma circulação nacional e vendia cerca de 100 mil exemplares por semana.

¹⁸⁷ A importância da loteria também refletia na programação da televisão. No dominical Fantástico, o apresentador Léo Batista mostrava os gols dos 13 jogos que compunham a rodada acompanhado pelo bilhete (que era marcado de acordo com os resultados) e pela “zebrinha”, que aparecia quando um resultado inesperado ocorria.

¹⁸⁸ *Revista Placar*, 14 de Agosto de 1970. Número 22.

cruzeiros da loteria, enquanto o Comitê Olímpico Brasileiro recebeu 1 milhão para preparar a a equipe que representaria o Brasil nos Jogos Panamericanos de Cali no mesmo ano¹⁸⁹.

2.5 Em campanha pelo Nacional

Passada a euforia da conquista do tricampeonato, ainda em julho de 1970, a *Revista Placar* demonstra uma característica que até hoje marca seu editorial: uma postura crítica com relação à administração do futebol nacional. Estampada na capa de sua vigésima edição estava a matéria “A Falência dos Cartolas – misérias do futebol milionário”, a qual apresentava a dicotomia entre os resultados em campo e os desmandos fora das quatro linhas.

Nesse aspecto, nos cabe analisar o papel da *Placar* nas transformações no campo esportivo brasileiro. Seguindo as análises de Pierre Bourdieu, a construção deste campo ocorre “a partir de que conjunto de condições sociais se pode verdadeiramente falar de esporte em oposição ao simples jogo”, formando assim um “espaço de jogo, com sua lógica própria, este lugar com práticas sociais inteiramente particulares”¹⁹⁰. No Brasil, o futebol possui os requisitos essenciais para criar um campo autônomo: profissionais especializados na prática do esporte, ampla cobertura da mídia e instituições que traçam as diretrizes e regulamentos deste esporte.¹⁹¹

A *Placar* busca alterar as relações dentro desta campo. Ao propor mudanças não só no calendário, mas em relação à profissionalização do esporte nacional, novos dirigentes e, principalmente, à elaboração de um Campeonato Nacional de clubes. Com uma cúpula politizada, composta por vários elementos ligados às esquerdas, levantava bandeiras como a moralização no esporte, não poupando os dirigentes máximos do futebol brasileiro. Dessa forma, podemos detectar que sua relação com a CBD foi difícil desde as origens.

“O momento era favorável para a criação do Nacional”¹⁹², afirma o jornalista Juca Kfoury, contratado pela Editora Abril para trabalhar no Departamento de

¹⁸⁹ Aroldo Chiorino. “Os efeitos da Loteria Esportiva”. *Folha de São Paulo*, 31 de janeiro de 1971.

¹⁹⁰ BOURDIEU, Pierre. “Questões de Sociologia”. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

¹⁹¹ NINA, Afonso, JÚNIOR, Marco Antonio Caetano e ASSUMPÇÃO, Luis Otávio Teles. “Educação Física, Socialização, Capital e Campo”.

¹⁹² Entrevista ao autor, dia 16 de dezembro de 2011.

Documentação e Pesquisa, auxiliando na ligação deste setor com o projeto alfa, que tornaria-se posteriormente a *Revista Placar*. Segundo Kfoury, que foi editor da revista entre 1979 e 1995, a impulsão das vendas da *Placar* e sua consolidação no mercado midiático podem ser atribuídas ao Nacional.

Um exemplo notório do engajamento da revista seria uma série de reportagens escritas pelos jornalistas Michel Lourance e Narciso James intituladas “A Falência dos Cartolas”, cogitando explicações para os problemas ligados ao principal esporte nacional. Tendo como alvo os “cartolas”, na segunda das cinco reportagens, o presidente da CBD Jean-Marie Faustin Goddfrois D’Havelange é apontado como o grande culpado pelas mazelas do nosso futebol. De acordo com os jornalistas, Havelange, assim como os demais dirigentes, preocupavam-se mais com seu prestígio pessoal do que com os rumos do futebol nacional. O enriquecimento da CBD, juntamente com a Federação Paulista de Futebol e a Federação Carioca de Futebol, também chamam a atenção em meio a clubes falidos e levantavam críticas dos jornalistas, que apontavam soluções:

Uma Confederação Brasileira de Futebol teria poderes para executar a única solução capaz de impedir a falência dos clubes: a elaboração de um calendário anual e do Campeonato Brasileiro. Uma Confederação preocupada com os problemas do futebol interessa aos clubes, aos torcedores, a todos. Menos a Jean-Marie Faustin Goddfrois D’Havelange. A ele não interessa por um simples motivo: teria que se decidir entre a CBD e a Confederação de Futebol. De qualquer maneira, seria perder prestígio, ou dos esportistas amadores ou do futebol. Com todos os problemas centralizados na CBD, sob seu comando, seu prestígio continua grande, influente.¹⁹³

Além dos lucros com a seleção brasileira, a CBD arrecadava 15% sobre a renda dos jogos interestaduais e 5% sobre os jogos dos estaduais. Este dinheiro era distribuído entre investimentos na Seleção Nacional, no acabamento de salões na sede da rua da Alfândega e em modalidades amadoras que compunham a CBD¹⁹⁴. Já neste momento, acreditava-se que o principal interesse de Havelange seria a presidência da entidade máxima do futebol, a FIFA, usando a confederação como trampolim para atingi-la.

Propostas como a já citada confederação apenas para o futebol, assim como a mudança do calendário e a transformação dos clubes em sociedades anônimas (as duas últimas até hoje almeçadas por muitos), tinham por objetivo modernizar o futebol nacional. Em consequência natural destas reivindicações, apareceria na revista a

¹⁹³ *Revista Placar*, 7 de Agosto de 1970. “Nome: Havelange. Veredicto: Culpado.”

¹⁹⁴ *Revista Placar*, 14 de Agosto de 1970. “A CBD não joga, A CBD enriquece.”

proposta de criação de um Campeonato Nacional de clubes. Os primeiros argumentos usados seriam aqueles ligados à ampliação do mercado dos clubes dentro do Brasil e a maior facilidade para a elaboração de um calendário racional. Uma visão evolucionista dá o tom das argumentações, como se um campeonato de proporções nacionais fosse um estágio obrigatório para o desenvolvimento do futebol no país, mesmo sabendo-se que isso poderia acarretar na falência de pequenos clubes :

O Campeonato Nacional terá que acontecer mais cedo ou mais tarde, mesmo que venha a representar o desaparecimento, pelo menos no plano futebolístico, de muitos clubes por todo o Brasil. Afinal, não é justo que os clubes grandes continuem se sacrificando financeiramente em favor dos clubes pequenos, principalmente quando isso nada mais representa do que garantir os cargos de alguns péssimos dirigentes.¹⁹⁵

Com uma chamada de capa que dizia: “Senhores Dirigentes, Eis o Campeonato Nacional”¹⁹⁶, os jornalistas apresentam a alguns dirigentes, exceto aqueles ligados à Confederação Brasileira de Desportos que não aceitaram dialogar com a reportagem, um calendário ideal, com férias, espaço para as excursões ao exterior e uma tabela racional, aonde os clubes fariam deslocamentos de uma maneira a gastar menos com passagens de avião, viável economicamente. Até mesmo como seria a participação da televisão no orçamento dos clubes era ponto de debate pela revista.

A reação dos dirigentes às propostas da Placar são interessantes. O supervisor do Fluminense, Almir de Almeida, ressalta as dimensões do Brasil como o velho obstáculo para a criação do Nacional, argumentando que as longas viagens e climas díspares iriam impactar na preparação dos times; por outro lado, ressalta os ganhos técnicos com a integração do futebol nacional. Mais enfático, o presidente do Atlético Mineiro diz que é responsabilidade da CBD realizar o campeonato, uma vez que “o Robertão já está superado”, pois seria uma competição dos clubes da preferência de Havelange, e um país tricampeão do mundo deveria organizar um campeonato à altura. Já Felício Brandi, presidente do Cruzeiro, afirmava que seu time iria lutar pelo Campeonato Nacional.¹⁹⁷

Ainda em Minas Gerais, surgem os primeiros descontentes com a proposta. João Frota, diretor do Flamengo de Varginha, afirmava que seria o fim dos times pequenos. No Sul, os dirigentes do Grêmio e do Internacional estavam juntos na

¹⁹⁵ Idem, *Ibidem*.

¹⁹⁶ *Revista Placar*, 21 de agosto de 1970.

¹⁹⁷ *Revista Placar*, dia 11 de setembro de 1970. “Estão com a palavra os senhores dirigentes”.

oposição ao campeonato nas bases propostas pela revista. Na Bahia, os dirigentes do Vitória eram favoráveis, enquanto aqueles do Bahia achavam que o Robertão era o maior do mundo, não necessitando de reformulação. O preparador físico do Santos, Júlio Mazzei foi além:

Devemos copiar a mentalidade profissional que existe no basquete, no beisebol e no futebol dos Estados Unidos. Só assim o Campeonato Nacional atingirá seus verdadeiros objetivos. O nosso futebol tem de ser comercializado. O nosso futebol tem que ser uma indústria, onde nada seja feito de improviso. Tudo tem que ser feito com exatidão e inteligência.¹⁹⁸

Parte da imprensa aproveitou a postura crítica da *Placar* para também marcar posição perante a situação do futebol brasileiro. Jornalistas da *Folha de São Paulo*, como Aroldo Chiorino, reivindicavam para este meio o pioneirismo da modernização do futebol nacional, uma vez que ainda nos anos 1950 a *Folha* organizara um congresso cujo tema era a redefinição dos rumos do esporte nacional.¹⁹⁹

No dia dez de outubro de 1970, com a matéria “*As derrotas de um futebol sem estrutura*”, a *Folha* endossava as críticas de *Placar*, criticando duramente os dirigentes encarados como aberrações e incompatíveis com a dinâmica do futebol, que boicotavam qualquer tentativa de organização. A começar pela CBD, passando pelos presidentes de federações e chegando até aos dirigentes de clubes, seriam figuras vaidosas, que colocavam interesses políticos e pessoais à frente do futebol, que pagaria um preço alto por isso.²⁰⁰

Os efeitos da série veiculada por *Placar* chegaram também a Brasília. No dia 24 de setembro, o ministro da Educação e Cultura Jarbas Passarinho, apresentava uma série de sugestões de reformas na estrutura do esporte brasileiro ao CND. Muitas destas propostas solicitadas pelo político da ARENA constavam nas linhas de *Placar* desde sua criação, como o aumento das férias dos jogadores de 15 para 30 dias por ano, reexame da lei do passe, estabelecimento de um número máximo de partidas de um jogador no ano, necessidade de renovação de um terço de cada diretoria de Federação em mandatos máximos de dois anos, entre outros pontos.

¹⁹⁸ Idem, *ibidem*.

¹⁹⁹ Neste contexto de elaboração de propostas para a reformulação dos esportes nacionais, a *Folha de São Paulo* anuncia a organização de um amplo e aberto seminário no início do ano de 1971, juntamente com a Rádio e Televisão Bandeirantes. O ministro Jarbas Passarinho declarou, em dezembro de 1970, que aguardava pelas sugestões do seminário, mostrando bastante preocupação pelo fato de “não alcançarmos o nível satisfatório nos esportes amadores, nem a juventude pratica com a intensidade desejada.” *Folha de São Paulo*, 20 de dezembro de 1970. “MEC aguarda sugestões do Seminário da *Folha*.”

²⁰⁰ *Folha de São Paulo*. “As derrotas de um futebol sem estrutura.”

Segundo o ministro, tais medidas visavam “dar ao esporte uma nova estrutura capaz de permitir o seu desenvolvimento pleno e, ao mesmo tempo, garantir a apuração das denúncias sobre irregularidades existentes.”²⁰¹ Em fevereiro de 1971, o ministro recebeu o editor de esportes da *Folha de São Paulo*, o já citado Aroldo Chiorino, em conversa que durou quinze minutos e abordou principalmente as necessárias mudanças no decreto-lei 3.199, que regia o esporte brasileiro desde 1941, e mostrava-se claramente anacrônico. Esta inserção de um jornalista com opiniões críticas acerca da estrutura esportiva nacional, demonstra uma inflexão da política do governo, demonstrando o desejo por mudanças e um certo diálogo - algo que não ocorria em outros setores - além de uma redefinição dentro do “campo esportivo”.

Passarinho não se limitava a reivindicar novas leis no esporte, mas preocupava-se com a condução dos rumos da seleção nacional por parte da CBD. Em outubro, através de carta ao sr. João Havelange, o ministro reiterava seus medos com as consequências da formação de combinados que representariam a seleção brasileira, expondo assim a Seleção tricampeã a possíveis vexames no exterior. Segundo o ministro, o renome do futebol nacional estava em jogo, e ele preferia que estes combinados se apresentassem como “representação da CBD” e não como a Seleção brasileira. Em evidência estava que o regime queria desfrutar por tempo maior da alegria do povo com a conquista no México, não desejando que uma derrota suscitasse críticas aos campeões mundiais²⁰².

Pelé seguia a mesma linha de raciocínio do ministro, sugerindo a formação de duas seleções, uma para fazer amistosos no exterior, cobrando pelas exibições e divulgando o futebol tricampeão, e outra “alternativa”, aproveitando jovens jogadores, que disputaria os próximos jogos oficiais:

Precisamos aproveitar o prestígio conseguido no México. A seleção que ganhou a Copa é muito boa. Temos um grande título e ninguém mais o tira de nós. Agora vai começar tudo de novo. Uma nova taça, com outro nome, porque a Jules Rimet é nossa definitivamente. Poderemos então aproveitar esse fato e lançar uma nova seleção, para disputar essa nova taça. Ficariamos ganhando dinheiro com exibições da seleção tricampeã e não haveria problemas de perda de prestígio, pois as partidas oficiais ficariam com a nova seleção.²⁰³

2.6 O último Robertão

²⁰¹ *Folha de São Paulo*, dia 25 de setembro de 1970. “Passarinho quer nova legislação esportiva.”

²⁰² *Folha de São Paulo*, dia 04 de outubro. “Passarinho pede à CBD que evite comprometer o futebol.”

²⁰³ *Folha de São Paulo*, dia 08 de outubro. “Pelé sugere duas seleções à CBD”.

Considerado por muitos como o embrião do Campeonato Nacional, a última edição do Torneio Roberto Gomes Pedrosa foi celebrada no dia seis de setembro de 1970, com o objetivo de conhecer o melhor time do Brasil do “ano do Tri”. Justamente por isso, é considerado por alguns como o mais difícil dentre os quatro torneios disputados. Roberto Sander, em seu livro *Taça de Prata de 1970 – O campeonato brasileiro mais difícil de todos os tempos, conquistado pelo Fluminense*, afirma:

Com tantas feras dentro e fora de campo e o torcedor motivado como nunca, a expectativa era a realização de um Brasileiro dos sonhos. O campeão dessa disputa entraria para a história, sem dúvida alguma, como o vencedor de um dos campeonatos mais disputados e difíceis (se não o mais) de todos os tempos. Seria o campeão do ano do Tri, do ano em que o Brasil se tornava, ao superar a Itália e o Uruguai em títulos mundiais, a maior potência futebolística do planeta.²⁰⁴

O regulamento e o número de participantes (dezessete clubes) eram os mesmos dos dois anos anteriores. As mudanças diziam respeito apenas aos participantes, uma vez que a Portuguesa foi substituída pela Ponte Preta, que destacou-se no campeonato paulista daquele ano e conseguiu sua inclusão junto à CBD e, no Paraná, o Atlético entrava no lugar do Coritiba.

Para *Placar*, os jogos desinteressantes dos campeonatos estaduais ficariam para trás com o início da Taça de Prata – nome pelo qual o torneio ficou conhecido naquele ano. José Maria de Aquino em sua coluna na revista, afirmava que a competição seria um “caminho mais certo a ser percorrido quando se quiser salvar o eterno déficit financeiro”²⁰⁵ do futebol tricampeão do mundo. Enquanto o *Jornal do Brasil* tratava a disputa como a mais importante do futebol brasileiro, lamentando o fato de nenhum carioca ter conquistado a taça, a cobertura de *Placar* é panfletária.

Anunciado como o melhor de todos os tempos, o Robertão de 1970 reuniria os vinte melhores clubes do país. Contestações aos critérios utilizados pela CBD para a inclusão dos clubes, a ausência de tempo adequado para a preparação dos times para o torneio ou mesmo a tabela desequilibrada, o que fazia com que alguns clubes

²⁰⁴ SANDER, Roberto. “Taça de Prata de 1970 – O campeonato brasileiro mais difícil de todos os tempos, conquistado pelo Fluminense”. Rio de Janeiro: Maquinária Editora, 2010.

²⁰⁵ *Revista Placar*, dia 18 de setembro de 1970. “O que é que a Bahia tem?”.

jogassem mais jogos fora de casa que outros, sendo assim privilegiados,²⁰⁶ eram recorrentes.

A julgar pela primeira edição após o início do torneio, a grande quantidade de clássicos conseguiu ofuscar os problemas existentes. Juntamente com a primeira partida, foi criada a Bola de Prata, acompanhada pelo ranking *Placar*. O objetivo era aproximar o futebol do Brasil dos grandes eventos que aconteciam mundo a fora, com direito a uma premiação semelhante ao Oscar ou mesmo à Chuteira de Ouro²⁰⁷ europeia, e, claro, “dar uma força para o Robertão”²⁰⁸. Todos os jogos seriam acompanhados pelos jornalistas da revista, que atribuíam notas de 3 a 10 para os jogadores que entravam em campo; ao final do torneio, o melhor de cada posição seria premiado, recebendo o jogador com a maior média a Bola de Ouro.

A participação dos times do Rio de Janeiro no torneio foi a grande novidade. Enquanto o Vasco, campeão carioca de 1970, ficou em último lugar, Flamengo e Fluminense realizavam ótimas campanhas. O torcedor carioca - que tinha a maior presença nos estádios desde o primeiro Roberto Gomes Pedroza - agora possuía mais um incentivo para lotar as arquibancadas do Maracanã. Empatados com vinte pontos, o Fluminense, por ter saldo de gols superior ao rubro-negro carioca e ao Internacional de Porto Alegre, consegue a última vaga para o quadrangular final.

Fluminense, Palmeiras, Atlético e Cruzeiro eram os protagonistas da final. O inédito título nacional de um time do Rio de Janeiro ocorre justamente na quarta e última edição do “Robertão”. A *Placar* do dia vinte e cinco de dezembro de 1970 trazia uma ampla cobertura das finais do torneio, estampando em sua capa o artilheiro tricolor Mickey, abraçado aos seus companheiros sob o título “O Flu é campeão do Brasil! Acabou o Torneio da Bola de Prata”. Na coluna de Hedy Valle Júnior, um balanço da competição é realizado, ressaltando que Taça de Prata não foi mal, mas poderia ser melhor: “(...) Muita coisa ajudava. Como, por exemplo, dois turnos: acordo com as tevês; uma tabela mais arrumadinha; acabar com as rodadas intermediárias; bandeirinhas neutros, um quilo nas coisas que podem dar ao Robertão seu nome definitivo de Campeonato Nacional.”²⁰⁹

²⁰⁶ Dos grandes times do Estado da Guanabara, o Botafogo foi o único prejudicado com a tabela, jogando mais fora de casa.

²⁰⁷ Elaborado pela revista francesa France Football, esta seria uma premiação atribuída aos principais artilheiros do continente europeu.

²⁰⁸ *Revista Placar*, dia 25 de dezembro de 1970. “Coluna tiro livre – Uma Taça Melhor em 1971.”

²⁰⁹ Idem, *ibidem*.

A evolução pedida por *Placar* e por outros veículos de imprensa passava pela criação do Nacional. As pressões vinham dos jornalistas, passando por alguns dirigentes e chegando até ao Ministro da Cultura, Jarbas Passarinho. A todos, a CBD respondia prometendo mudanças no calendário de 1971, tanto para os clubes mas também para a seleção brasileira de futebol. Novos tempos eram anunciados.

2.7 Finalmente, um Campeonato Brasileiro de Clubes

Em reunião no dia 4 de fevereiro de 1971, a CBD anuncia a criação de um novo campeonato para o futebol tricampeão mundial. Resultado prático do movimento incrementado em 1970 pedindo uma reorganização do futebol nacional, o Campeonato Nacional de Clubes - Divisão Extra - era anunciado por João Havelange no Rio de Janeiro.

A política de bastidores envolvida na elaboração do novo torneio apresenta alguns elementos-chave. O primeiro deles, o desejo de João Havelange de candidatar-se à presidência da FIFA, declarado já naquele momento. Havelange, que já contava com os votos das federações sul-americanas, não poderia enfrentar problemas políticos dentro de seu próprio país, especialmente com um governo que, na preparação para a Copa de 1970, interveio de maneira brusca na preparação do selecionado nacional.

Também não poderia desagradar a elementos como os presidentes das federações estaduais. O coronel José Guilherme, o general Oldenor Maia e Rubem Moreira, presidentes das federações mineira, cearense e pernambucana, respectivamente, tiveram seus pedidos atendidos: desejavam fortalecer seu capital político com a criação do Campeonato Nacional. O nordeste assim, ganharia mais dois representantes em comparação ao número de participantes do Robertão. Eram dois de Pernambuco (um a mais que em 1970) e outro do Ceará, somados a vaga da Bahia. Minas Gerais seria representada por três clubes.

A fim de resolver a insatisfação dos gaúchos, que desde o projeto apresentado por *Placar* mostravam-se contrários à ideia da criação de um campeonato nacional, Havelange prometia o aumento do número de representantes do estado para a segunda edição do Nacional. E, para a felicidade de todas as federações, os campeonatos regionais controlados por elas seriam prioritários no calendário, com suas datas até agosto, deixando o Nacional com pouco mais de três meses de duração.

Neste contexto, o Campeonato Brasileiro foi dividido em Série Especial e Divisão de Acesso (também chamada de 1º Divisão). Na Série Especial estariam vinte clubes divididos em duas chaves, disputando três etapas para se conhecer o campeão: preliminar (todos os times da chave jogavam entre si), semifinal (os cinco clubes mais bem classificados de cada chave seriam divididos em dois grupos, A e B, e jogam todos entre si, em turno e retorno) e a final (duas equipes de cada grupo se classificam por pontos ganhos, todos jogam entre si e desta forma seria decidido o primeiro campeão do Brasil). O destaque neste regulamento é que, da primeira para a segunda fase, três times por grupo passam para a segunda fase por pontos obtidos no campo de jogo. Outros dois por grupo passam pelo critério de média de renda por jogo, ou seja, os clubes que mais levarem público aos seus jogos passam de fase.

Elaborado por Antônio do Passo, o documento apresentado à imprensa como forma de divulgação do campeonato, tem como base a experiência considerada bem sucedida da última Taça de Prata. A separação em duas divisões abria aos clubes da primeira divisão a possibilidade de subir à divisão extra (onde se encontravam os principais clubes) desde que atendessem ao mínimo de exigências de “caráter profissional”, principalmente um estádio e condições para receber as delegações visitantes.

O grande obstáculo ressaltado neste plano ainda tratava-se das longas distâncias entre as capitais de um país de dimensões continentais. E a confederação fazia um apelo ao governo federal por recursos para subsidiar as viagens²¹⁰. Problema para ser administrado pelo Brigadeiro Jerônimo Bastos, novo presidente do CND que substituiu o General Loi Menezes no início de 1971. Com larga vivência no esporte, - como militante e dirigente - Bastos, que chefiou a delegação brasileira de futebol que ganhou a Copa do Mundo do México, teria como missão encarar o problema suscitado pelo projeto da CBD, que abertamente defendia o financiamento público do Campeonato Nacional:

Verificamos que, sobre o Campeonato Nacional, dificultando a sua extensão, no futuro, a outras unidades da federação Brasileira, pesarão dois graves ônus: as taxas (aluguel de campo) que incidem sobre os jogos e o transporte aéreo da delegação (a ser pago pelo fundo de transportes, com os 5% descontados da renda). (...) Essa compensação estaria na absorção dos custos das taxas (aluguel de campo) e dos transportes aéreos pela verba destinada ao CND, originária do produto arrecadado pela

²¹⁰ A proposta do presidente da Sadia Transportes Aéreos seria aproveitar os assentos vazios nos vôos internos, assim diminuindo o preço das tarifas de aproximadamente 5.000 bilhetes emitidos por conta dos transportes das delegações envolvidas no Nacional. A Placar chama, de forma irônica, de “vôos da bola”. *Revista Placar*, 12 de fevereiro de 1971. “Uma ideia para a CBD”.

Loteria Esportiva. Concluída a fase preliminar, e cada um dos turnos finais do Campeonato Nacional, a CBD remeteria ao CND os boletins de renda de cada um dos jogos, comprovando os custos das taxas, bem como o preço das passagens usadas pelas associações nos transportes aéreos, para que fosse feito, à conta da rubrica da verba originária da Loteria, o reembolso dessas despesas, processando-se, em seguida, pela CBD, o rateio às associações.(...).²¹¹

A revista *Placar*, que lutara durante todo o ano de 1971 pela criação do Nacional, acaba adotando uma postura cautelosa. Com o título “Até que enfim um Campeonato Nacional – mas tem que melhorar”²¹², a revista critica a hegemonia dos fatores políticos em detrimento dos aspectos futebolísticos. Para a revista, o Nacional “não passaria de um Robertão um pouco diferente”, o que não contribuiria para alterar a estrutura arcaica do futebol brasileiro. Não há descenso, os critérios de seleção dos clubes são atrelado aos estaduais,²¹³ não ficando claro os parâmetros usados para o número de vagas de cada estado, deixando muitas federações de fora da competição (como Rio de Janeiro, Goiás, Santa Catarina e Amazonas). Para a revista, mais uma vez o grande vitorioso foi Havelange:

(...) Verdadeiramente o que aconteceu foi uma vitória do sr. João Havelange que, com a nova fórmula aplicada ao futebol brasileiro, reforçou seu esquema político e agora, tranquilamente, pode tratar de sua candidatura à presidência da FIFA – mas sem pensar em abandonar a CBD.²¹⁴

A *Folha de São Paulo*, na coluna “Sete dias nos Esportes” do editor Aroldo Chiorino, ressalta que, na pauta dos trabalhos preparatórios para o Seminário a ser realizado em poucas semanas, em primeiro lugar figuravam estudos para a criação do certame nacional de clubes e que, com o anúncio da CBD, este ítem estaria superado. Chiorino elogia a iniciativa da confederação, afirmando ser uma feliz decisão uma vez que “não é de hoje que o nosso futebol estava necessitado de um certame nacional”²¹⁵ e prevendo uma expansão do número de estados incluídos em um futuro próximo.

²¹¹ *Revista Placar*, dia 12 de fevereiro de 1971. “Até que enfim um Campeonato Nacional – mas tem que melhorar”.

²¹² *Idem*, *Ibidem*

²¹³ É interessante notar que, uma vez alterado o calendário, todos os campeonatos regionais terminaram na mesma data, evitando assim uma sobreposição de datas com o Nacional. Na semana do dia 25 de junho de 1971, *Placar* traz como título de capa “O maior domingo do nosso futebol”, enaltecendo as decisões estaduais, reforçando algo que ainda era visto nas ruas: eles eram muito mais populares que o Nacional.

²¹⁴ *Idem*, *ibidem*.

²¹⁵ *Folha de São Paulo*, dia 7 de fevereiro de 1971. Coluna “Sete Dias nos Esportes: O fim de um decreto-lei”.

O *Jornal do Brasil* traz na coluna de Armando Nogueira uma visão bem otimista sobre o Nacional. Nogueira afirmava que a criação do campeonato seria um passo decisivo para a consolidação do futebol profissional no Brasil. O jornalista declara-se tão entusiasmado com o Nacional que ficava constrangido em realizar críticas ao projeto de Antônio do Passo, afinal de contas:

(...) faz tanto tempo que a gente reclama uma revolução assim no futebol brasileiro. Primeiro, veio o Torneio Rio-São Paulo, aproximando os dois maiores centros brasileiros e abrindo caminho ao fortalecimento dos clubes numa fase em que, no plano nacional, o interesse se restringia ao futebol de seleções estaduais. Depois, a jogada mais ousada da CBD, que foi a ampliação do Torneio Gomes Peroza, melhor conhecido como Taça de Prata, que, agora, vai ser sucedida pelo Campeonato Nacional.²¹⁶

É interessante perceber que, se existiam estádios que não recebiam público, outras praças esportivas que possuíam times para jogar o Campeonato não apresentavam estádios em boas condições, o que deixavam seus dirigentes apreensivos e temerosos de não receber os grandes jogos que estavam por vir, como Recife, Manaus, Belém e Florianópolis. Para Juca Kfoury, o grande desafio desta equação é saber o que veio primeiro: os estratosféricos estádios e a necessidade de um grande campeonato para dar utilidade aos “elefantes brancos”, ou um campeonato de grandes proporções e a necessidade da construção de maiores estádios²¹⁷.

A julgar pela data da construção dos grandes estádios no Brasil durante os tempos de excesso dos militares-políticos, a resposta é objetiva: primeiro vieram os estádios. Nesse sentido, por exemplo, o Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão) tem origens ainda no ano de 1959, sendo sua obra totalmente concluída no ano de 1965; em Maceió, o estádio Rei Pelé ou Trapichão foi inaugurado em outubro de 1970; a população de Campo Grande assiste à inauguração de seu estádio, o Pedro Pedrossian, mais conhecido como Moreirão, em março de 1971. O único grande estádio fora deste marco cronológico é o estádio Governador Plácido Castelo, vulgo Castelão, de Fortaleza, com capacidade para setenta mil pessoas e inaugurado em novembro de 1973.

Assim que é divulgada a lista da CBD com a relação de vagas a que cada estado tinha direito e como cada estado deveria preencher a (s) sua (s) vaga (s)²¹⁸,

²¹⁶ Armando Nogueira, “Na grane área”. *Jornal do Brasil*, dia 6 de fevereiro de 1971.

²¹⁷ Entrevista ao autor, dia 16 de dezembro de 2011.

²¹⁸ Duas eram as chaves, previamente a CBD decidiu quais os estados forneceriam times e quantos seriam estes. Na Série A: dois cariocas, três paulistas, um mineiro, um gaúcho, um paranaense, um

muitos foram os protestos e poucos os elogios ao presidente da CBD na época, João Havelange. Participar do Campeonato Brasileiro transformou-se em uma questão política, e governadores associaram-se a dirigentes de clubes para fazer pressão por seus times. Em Goiás, o governador Leonino Caiado apoiou a idéia de Halê Selassié Pinheiro, presidente do Goiás em realizar um torneio paralelo ao Campeonato Brasileiro: o Torneio de integração Nacional, tendo como participantes times que ficaram de fora da “festa da CBD”²¹⁹. A alegação é sempre mesma: o futebol seria uma bela promoção para seus estados. Em Pernambuco, o governador Eraldo Gueiros anunciou estar disposto a envolver o governo estadual na luta pela reforma do estádio Arruda²²⁰.

Enquanto isso, cada estado tem sua disputa particular para resolver quem entra no campeonato. A Revista Placar publica no dia vinte e oito de maio de 1971, uma matéria sobre como cada estado via a criação do Campeonato Brasileiro:

O Campeonato Brasileiro já começou: times de todo país lutam com todas as suas forças por uma vaga, por maiores rendas, por novos grupos. E o Campeonato Nacional já terminou: para os conformados com a situação de pequenos em relação ao resto do país, alijados da grande disputa (...). A felicidade dos americanos mineiros entra em choque: 1) com a bronca dos gaúchos, que também tem vaga; 2) com a bronca dos baianos e paranaenses que querem mais vagas; 3) com a bronca dos amazonenses, que tem uma promessa e não tem vaga; 4) com a bronca dos que não tem promessa nem vaga.²²¹

Em meio à emoção causada pela despedida de Pelé dos gramados com a camisa da seleção em julho, os clubes já estavam definidos pela Confederação Brasileira de Desporto e se preparavam para o campeonato que começaria no dia 6 de agosto. Os vinte melhores times²²² do Brasil naquele ano estavam presentes, no que estava sendo chamado de “a maior festa do futebol do mundo” pela *Revista Placar*.

2.8 Reações diferentes na imprensa

pernambucano e um cearense. Na Série B: três cariocas, dois paulistas, dois mineiros, um gaúcho, um baiano e um pernambucano.

²¹⁹ “Um torneio para unir todo o país”. Revista Placar, nº 62, 21 de maio de 1971.

²²⁰ “O problema de todos: não há estádios”. Revista Placar, nº60, 7 de maio de 1971, pág. 21.

²²¹ “A primeira grande guerra – quem não tem vaga, reclama. Quem tem vaga, também. Os cartolas brigam pelo torneio que começa em agosto”. Revista Placar, nº63, de 23 de maio de 1971.

²²² Os times são: América –MG, América – RJ, Atlético – MG, Bahia, Botafogo, Ceará, Corinthians, Coritiba, Cruzeiro, Flamengo, Fluminense, Grêmio, Internacional, Palmeiras, Portuguesa, Santa Cruz, Santos, São Paulo, Sport e Vasco.

A grande mídia não recebeu com tanto entusiasmo a realização do Nacional. Por diversos fatores, tais como a participação dos atletas brasileiros nos Jogos Panamericanos de Cali, a maior importância dada aos Estaduais (alguns terminaram praticamente na véspera da primeira rodada do Brasileiro,²²³ outros somente terminaram já durante o Nacional), o fato de alguns setores perceberem o campeonato apenas uma continuação da Taça de Prata²²⁴ e o contato constante com os jogadores da seleção, fazem os jornais de maior circulação no país cobrirem sem grande destaque os preparativos ou mesmo a primeira rodada.

A conquista da Copa Roca diante da Argentina em Buenos Aires, a despedida oficial de Pelé da seleção brasileira e seus impactos para os rumos da equipe canarinho, geravam muito mais atenção do que o campeonato propriamente dito. A revista *Veja*, na semana da criação do campeonato, traz como título da sua seção de esportes “Aberta a I feira Nacional do Craque” referindo-se ao campeonato como uma forma de mostrar a Zagallo, treinador da seleção naquele momento, os possíveis substitutos do maior “jogador do século”. O entrevistado não é nenhum jogador de clube ou dirigente, mas sim o técnico da seleção, deixando claro que o campeonato era apenas um pano de fundo:

Mais do que um simples campeonato nacional de clubes, no último fim de semana começou a grande exposição-feira do jogador brasileiro, onde o prêmio maior será a convocação para o selecionado que disputará em 1972 a míni-copa do mundo promovida pela CBD (...). Com o Nacional pode-se ter uma ideia ainda melhor, segundo Zagallo: ‘Existem jogadores que só são bons em seu campo e com a sua torcida. No Campeonato Nacional a gente fica sabendo quem sabe jogar apenas em casa (...).’²²⁵

A *Folha de São Paulo*, jornal de maior circulação no estado mais populoso do país, na sua edição do sábado da primeira rodada, trazia em letras garrafais as seguintes manchetes: “*Um encontro presidencial na Amazônia*” (sobre o encontro do presidente Médici na selva amazônica com o presidente Misael Pastrana Borrero, da

²²³ O caso do Campeonato Cearense é um exemplo interessante, pois a decisão do Estadual teve uma arbitragem polêmica. Desta forma, a torcida do Fortaleza e parte da imprensa ainda discutiam a validade ou não da vitória do Ceará e a sua consequente classificação para o Nacional, quando o Vasco da Gama viajava para disputar a primeira partida pelo campeonato em Fortaleza. No Rio de Janeiro, A Taça Guanabara acabou no domingo dia 2 de agosto de 1971 e teve o Fluminense campeão após ganhar do Flamengo de 3 a 1.

²²⁴ A *Folha de São Paulo* do dia 8 de agosto de 1971 na matéria “Sport e Ceará aparecem pela primeira vez” cita na matéria justamente o fato destes grupos não participarem anteriormente da Taça de Prata e se refere ao novo campeonato apenas como uma continuação do anterior: “(...) Das equipes que jogam hoje, duas ainda não haviam participado da Taça de Prata, agora transformada em Campeonato Nacional: a do Sport de Recife e a do Ceará Sporting”.

²²⁵ *Revista Veja* edição 153 de 11 de agosto de 1971.

Colômbia, no qual assinaram uma declaração conjunta sobre a integração da Amazônia); “*Caetano chega para gravar com João Gilberto*” (Caetano romperia seu exílio londrino para gravar um especial com João Gilberto); “*Termina hoje no Pacífico a mais longa missão espacial*” (relatando a chegada da Apollo 15 após esta realizar fotos de um duplo eclipse da Lua e do Sol) e, por fim com menor destaque: “*Nacional começa hoje; São Paulo e Corinthians jogam.*”²²⁶”

É interessante notarmos que, na seção de esportes, existe apenas uma ficha técnica dos dois jogos envolvendo os clubes paulistas, uma breve explicação da fórmula do campeonato e breve citação sobre os demais jogos daquele sábado²²⁷. Nada mais do que isso, enquanto ocuparia um grande espaço a decisão da CBD de realizar o torneio em homenagem ao sesquicentenário da independência do Brasil. A Taça da Independência, resultado da convergência de interesses da FIFA (uma vez que o torneio iria expor a marca da entidade dois anos após o Mundial), da CBD (seria mais uma oportunidade para João Havelange demonstrar sua capacidade organizativa e gerencial) e do regime militar (a comemoração da independência mais uma vez uniria o nacionalismo ufanista e a seleção brasileira)²²⁸ faz com que mais uma vez a seleção nacional deixe o campeonato que acabara de ser criado “para escanteio.”²²⁹ Até mesmo o presidente da FIFA, que estava no Rio de Janeiro, elogiava a infra-estrutura dos estádios do Brasil para sediar tal torneio, eclipsando os jogos inaugurais do campeonato:

Em entrevista coletiva ontem à tarde na sede da CBD, Sir Stanley Rous, presidente da FIFA, divulgou os resultados da reunião realizada pela manhã com João Havelange presidente da CBD, quando foram definidos os grupos, locais e datas da Copa Independência, que será realizada em junho e julho do próximo ano, no Brasil.(...) ‘Em todos os estados do país, senti que o povo dessas regiões tem em seu estádio um símbolo de orgulho, que somente o bem poderá acarretar. Isto é ótimo para que a juventude pratique todo tipo de esportes, estaremos desarmando as más ações, como a subversão e outras. Isto não existe em país nenhum, apenas no Brasil. Em meu país, por exemplo, dezenas de anos, quando o povo pensou em construir um grande estádio, construíram uma catedral. Agora, quando

²²⁶ O Corinthians neste dia colocaria a prova o seu Esquema -71, que consistia em um plano elaborado pelo capitão Castelo Branco e executado pelo coronel Nilo Floriano Peixoto de estabelecer um regime disciplinar semelhante ao adotado nos quartéis militares, enfatizando a preparação física e a disciplina dos jogadores. Era um reflexo do ambiente político e do tricampeonato de 1970, onde um esquema semelhante foi utilizado.

²²⁷ É importante lembrar que existia uma euforia muito grande naquela época com a Loteria Esportiva, que segundo a propaganda oficial do governo proporcionaria aos fanáticos pelo esporte a possibilidade de ascensão social através do futebol. E como resultados de jogos de todo o país estavam no bilhete, os apostadores interessavam-se por resultados do “Oiapoque ao Chui”. Era a “integração nacional através das apostas”.

²²⁸ Sarmiento, Carlos Eduardo. Opt. Cit.

²²⁹ A seleção brasileira ganhou o torneio após três vitórias contra Portugal, Escócia e Iugoslávia e empate sem gols com a Tchecoslováquia.

quase ninguém mais vai à igreja, pode ser que surjam grandes praças de esporte em lugar das catedrais, pois a população já está preferindo os estádios, como aqui no Brasil (...).²³⁰

Maior concorrente da *Folha*, *O Estado de São Paulo* difere da linha editorial do concorrente. Mesmo não trazendo grande destaque para o campeonato, em seu segundo clichê existia uma pequenina matéria na parte inferior da capa, com o título “Começa o Nacional de Clubes”, juntamente com uma foto do treino do São Paulo, que realizou o jogo de abertura contra o Grêmio às quatro da tarde no Morumbi.

O que chama a atenção na cobertura do *Estadão* é que no domingo o jornal trazia em sua seção de esportes uma apresentação dos vinte clubes que participavam do campeonato. Cada partida recebeu a sua ficha técnica e uma breve apresentação do elenco e da história dos clubes envolvidos. O Atlético Mineiro dirigido por Telê Santana, e um dos favoritos ao título, foi apresentado da seguinte forma:

Num terreno baldio – onde, hoje, está a prefeitura e Belo Horizonte – um grupo de meninos pobres, que não tinham condições de comprar uma bola ou de jogar com os adultos, decidiu fundar um clube de futebol. Assim nasceu, a 25 de março de 1908, o Atlético Mineiro Futebol Clube, hoje apenas Atlético Mineiro. Três anos depois, o Atlético fazia seu primeiro jogo oficial, contra o Minas Gerais (0 a 0). A primeira vitória ainda demorou um ano e só aconteceu a 30 de março de 1912, contra o Acadêmico (4 a 1). O primeiro título foi conquistado em 1915 e repetido em 26,27,31 e 32, ainda no amadorismo. No Profissionalismo, o Atlético conseguiu sua primeira vitória em 1936 e, de lá para cá, levantou 17 dos 25 certames disputados.²³¹

Dadá Maravilha, o craque do time, foi descrito pelo jornal como “ex-interno do SAM, começou a jogar em Campo Grande (MT), transferindo-se para o Atlético por setenta mil cruzeiros. É tricampeão do mundo e ídolo da torcida”. Assim, o jornal apenas indicava que algo de novo estava ocorrendo no futebol brasileiro.

No Rio de Janeiro, *o Jornal do Brasil* na terça-feira anterior à abertura do Nacional, ressaltava a dificuldade na elaboração dos jogos da Loteria Esportiva. O teste 53 da loteria trazia dez jogos do Campeonato Nacional, o que dificultava as previsões dos analistas (existia uma coluna com a probabilidade de cada resultado para facilitar as apostas), uma vez que “(...) os jogos do Campeonato Nacional já são difíceis, pois quase todos são clássicos, onde qualquer resultado é possível. Com os times reestruturando suas bases, buscando reforços ou disputando apenas inofensivos amistosos, a avaliação torna – se mais confusa.”²³² Ainda na terça – feira, o jornalista Armando Nogueira escreve em sua coluna “Na Grande Área”, que o

²³⁰ *Folha de São Paulo*, dia 7 de agosto de 1971. “Rous divulga grupos da Copa Independência.”

²³¹ *Estado de São Paulo*, 8 de agosto de 1971. “Atlético pensa no Nacional há três meses.”

²³² *Jornal do Brasil*, 3 de agosto de 1971. “C. Nacional dificulta as previsões no teste 53.”

Campeonato tinha indícios que seria um sucesso técnico e financeiro, mesmo não concordando com os critérios técnicos usados para a elaboração da tabela.

Na sexta-feira, o jornal trazia longa matéria com o presidente do Conselho Nacional do Desporto, o Brigadeiro Jerônimo Bastos. Este divulgava o destino dado ao dinheiro arrecadado pelo governo com a Loteria Esportiva. Parte deste seria destinado ao custeio das passagens dos clubes participantes do Nacional (o que explicita a participação do governo no evento). Depois de negar a proposta dos clubes que desejavam o repasse direto da verba relativa às vinte e cinco passagens aéreas para o deslocamento de suas equipes de um estádio para o outro, Bastos aproveita para propagandear a imagem de saneadores da ordem pública e incorruptíveis dos militares que governavam o Brasil:

(...) Cartola, com o presidente do CND, só viaja às suas próprias custas e não com o dinheiro de sua entidade.

- Estou também velho demais e com a vida realizada para fazer política de boa vizinhança. Quem quiser gostar de mim tem que me aceitar como sou. Com dinheiro dos outros não se brinca – declarou (...).²³³

Mas a partir de então, o *JB* trata o Nacional sem *glamour*, não colocando notícia alguma relacionada ao evento no sábado 7 de agosto, mas sim uma foto da vitória da seleção de basquete nos jogos Panamericanos sobre Cuba (o que no contexto de Guerra Fria e Ditadura Civil-Militar fazia todo o sentido). No dia seguinte, mais uma vez o Campeonato Brasileiro é ignorado pelo *JB*, que em sua capa preferiu noticiar a morte de um massagista da delegação cubana e o quadro de medalhas dos jogos de Cali.

Se a grande imprensa não demonstrava animação com o Campeonato Brasileiro, a mídia especializada dava mais atenção ao fato. Os dois jornais pesquisados deste nicho, o *Jornal dos Sports* (que circulava apenas no Rio de Janeiro) e a revista semanal *Placar* (recém-inaugurada com a proposta de ser uma revista de circulação nacional) realizam diversas matérias sobre o assunto. Desde o início do ano, mas principalmente a partir de maio, várias são as reportagens que buscam entender os mecanismos de funcionamento do campeonato²³⁴, quais as rupturas e

²³³ *Jornal do Brasil*, 6 de agosto de 1971. “CND já sabe como aplicar verba no esporte.”

²³⁴ A tabela e o regulamento somente seriam divulgados no dia 15 de julho de 1971, ou seja, a menos de três semanas para o início da competição; mesmo assim alguns clubes tentaram modificar a forma de acesso, o que foi negado pelo presidente da CBD João Havelange – a fórmula foi alterada sim, mas já durante a competição.

continuidades com relação ao Torneio Roberto Gomes Pedrosa, críticas com relação aos critérios usados para o ingresso de clubes no campeonato ou mesmo da forma como a CBD tratou o assunto.

Ao apresentar as equipes cariocas que disputariam o Nacional, o *Jornal dos Sports* apresenta o Fluminense da seguinte forma: “Flu parte para o Bi com toda a força”. Ou seja, assim como a *Placar* no ano anterior (esta trouxe como título “O Flu é campeão do Brasil! Acabou o Torneio da Bola de Prata. Palmeiras na Taça Libertadores!”), o *Jornal dos Sports* trata o Fluminense como campeão brasileiro mesmo sem a existência oficial do Campeonato Nacional, considerando o Torneio Roberto Gomes Pedrosa como tal. Anos mais tarde essa questão viria a ser de grande relevância e alvo de disputas esportivas e políticas.

Contudo, a análise das matérias do jornal sobre o Nacional, percebe entusiasmo com o novo campeonato, chegando a celebrar em sua capa que o futebol brasileiro cresceria a partir do sábado 7 de agosto, após a realização da partida de abertura. Sob o título “Futebol abre hoje uma paixão nacional”, o “cor-de-rosa”(como era chamado pelo povo carioca) afirma que:

O futebol brasileiro ganha uma nova dimensão a partir das 16h de hoje, quando São Paulo e Grêmio, no Morumbi, disputam o primeiro jogo do campeonato Nacional que reúne os maiores e mais importantes clubes do país e desperta uma nova realidade em vários estados: Rio, São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Bahia, Ceará e Pernambuco.²³⁵

No domingo, uma extensa matéria relata a história dos torneios nacionais, explicando desde a criação da primeira competição interestadual entre times cariocas e paulistas até o Campeonato de 1971. O ufanismo tão característico daquele momento é absolutamente perceptível em tal matéria. Frases de um nacionalismo exacerbado “(...) Agora, onde se joga o melhor futebol do mundo, realiza-se o maior campeonato, reunindo em qualidade e quantidade equipes como em nenhum outro país existe (...)” e títulos como “Um futebol para 800 mil pessoas”, coadunam-se com a ideologia dos militares da época, e estão presentes no jornal esportivo mais vendido no Rio de Janeiro.

Para cidades e estados que estavam fora do eixo Sul-Sudeste, a exposição de seus clubes, cidades e estádios no Campeonato Brasileiro, passa a ser uma questão de afirmação política e regional. Como Geoges Vigarello afirma em seu texto “Estádios:

²³⁵ *Jornal dos Sports*, 7 de agosto de 1971. “Futebol abre hoje uma paixão nacional.”

o espetáculo esportivo das arquibancadas às telas”, o esporte já no início do século XX passa a ser um objeto cobiçado pelos políticos. A partir do momento que a midiaticização do esporte leva à criação de heróis e a imprensa passa a narrar o “drama das vitórias”, os políticos passam a desejar o esporte (no caso o futebol) para levar a sua mensagem e propaganda para o povo²³⁶.

Dois dos jornais aqui analisados são justamente de cidades fora do principal eixo do futebol nacional: a *Gazeta do Povo* (de Curitiba) e o *Jornal do Povo* (do Ceará). As formas pelas quais estes jornais abordam o campeonato, com entusiasmo e orgulho da participação de seus times no certame, são importantes fontes de análise sobre os diferentes impactos da elaboração do campeonato e, por outro lado, de como este foi usado para a fixação de determinadas imagens e características do povo, infraestrutura ou mesmo como propaganda turística daqueles que participaram.²³⁷

A *Gazeta do Povo* traz em letras garrafais em sua capa, ao lado do acordo de Médici na Colômbia e da chegada dos astronautas da Apollo 15, o início do campeonato, destacando a grandiosidade do torneio: “Começa hoje a maior prova de futebol de todo o mundo”. Abaixo, uma breve explanação acerca da grandiosidade do campeonato:

Hoje, finalmente, será a abertura do campeonato brasileiro nacional de clubes que pela expressão técnica e material de seus participantes é a maior competição de futebol do mundo. Reunindo vinte clubes que disputarão jogos, divididos em duas áreas, em onze estádios cuja a capacidade total chega a 905.440 lugares, o campeonato tende a apresentar um sucesso que garantirá fatalmente sua ampliação ano que vem.(...)²³⁸

No dia seguinte, o jornal celebra a chegada da delegação do Cruzeiro à cidade de Curitiba com a manchete: “Campeões do Mundo na festa do Coritiba”. A chegada de jogadores como Tostão, Wilson Piazza, Dirceu Lopes, Evaldo, Zé Carlos e ainda o argentino Perfumo era algo atípico. O jogo de abertura, que também serviu para a entrega de faixas para o Coritiba que sagrou-se campeão estadual e, com isso, obteve a vaga no nacional, foi um evento grandioso na cidade. Já em cidades como São Paulo e o Rio de Janeiro, os jogos deste patamar eram relativamente comuns.

²³⁶ VIGARELLO, Georges. “Estádios: o espetáculo esportivo das arquibancadas às telas”In. Corbin, Alain (org). A História do Corpo. Volume III. Petrópolis: Vozes, 2008.

²³⁷ Em Pernambuco, o governador Eraldo Gueiros anunciou estar disposto a envolver o governo estadual na luta pela reforma do estádio Arruda. Ver em “O problema de todos: não há estádios”. *Revista Placar*, nº60, 7 de maio de 1971, pág. 21.

²³⁸ *Gazeta do Povo*, dia 7 de agosto de 1971.

O caso do Ceará é ainda mais interessante. O Ceará Sporting Club ganhara o campeonato estadual no meio da semana, obtendo assim a vaga no Campeonato Brasileiro. Após o jogo polêmico com o arquirrival Fortaleza na final, o time do “Vovô” foi recebido pelo governador estadual César Cals de Oliveira no Palácio da Abolição para tirar uma tradicional foto com o chefe do Executivo “pelo fato de o alvinegro ser o primeiro clube cearense a participar do Campeonato Nacional de Clubes.”²³⁹ Este ato por si só demonstra a importância que se deu a participação do time no campeonato.

Enquanto parte da imprensa local ainda se degladiava acerca da participação do juiz na final do estadual, o jornal celebrava a chegada do Vasco da Gama na capital do estado e a inclusão do estado na principal competição do país:

Pouco mais de seis anos (29 de junho de 1965), foi a última vez que o Vasco da Gama esteve nesta capital, com sua equipe de profissionais. Realizou apenas um jogo, amistoso por sinal, coincidentemente, diante do Ceará Sporting Clube, seu adversário de amanhã. A diferença é que amanhã será pelo Campeonato Nacional de Clubes.²⁴⁰

Os estados do Norte e do Centro-Oeste alimentavam a esperança de um dia ingressar no campeonato. Se estes ficaram fora dos vinte selecionados que participaram do primeiro campeonato (que teve o Atlético Mineiro como campeão), ainda nos anos 1970 estes conseguiriam seu espaço, aspecto abordado no próximo capítulo.

O regionalismo que foi de fundamental importância para a composição do Campeonato Brasileiro nos anos 1970, e mostrou-se decisivo nas diferentes formas de cobertura da imprensa, hoje é a principal característica deste torneio. O futebol “feio e duro” do sul do país entra em confronto com o descompromisso e a leveza do futebol carioca, rival do profissionalismo paulista que, por sua vez inveja a empolgação e assiduidade dos torcedores nordestinos. As longas viagens de avião e os jogos disputados em diferentes climas são aspectos exaltados no atual futebol hoje pentacampeão mundial.

2.9 Bye Bye, Brasil

²³⁹ *Jornal do Povo*, dia 7 de agosto de 1971.

²⁴⁰ *Idem*, *Ibidem*.

Se a previsão inicial era de 5000 passagens aéreas com o deslocamento das vinte equipes que protagonizaram o primeiro Nacional, poderíamos ampliar bastante este número se fosse somado a este número o deslocamento de torcedores, jornalistas e árbitros em cada rodada no campeonato.

Roberto Porto, jornalista que à época trabalhava no *Jornal do Brasil*, fala com entusiasmo das viagens semanais para acompanhar as delegações cariocas²⁴¹. Aquele dinheiro extra que os jornalistas ganhavam sazonalmente quando os times excursionavam, agora era semanal, o que aumentava de forma considerável o salário dos profissionais envolvidos na cobertura esportiva.

Porto afirma que a consolidação do campeonato mudou a dinâmica das redações em um momento de dificuldades nas comunicações à longa distância. A ampliação do número de empregados na seção de esportes e um maior interesse pela área, estigmatizada como sendo de menor importância²⁴², foram algumas destas modificações.

Além de afetar a organização do jornalismo esportivo, as viagens proporcionadas com cada vez mais frequência pelo Nacional também reforçavam o capital político das torcidas organizadas nas arquibancadas dos estádios. Estas recebiam ingressos e até mesmo ajuda financeira dos dirigentes, interessados tanto no apoio políticos destas agremiações quanto com o efetivo incentivo que as organizadas poderiam proporcionar aos seus times mesmo quando jogavam como visitantes²⁴³.

Elemento contraditório, embora inegavelmente importante, na construção do futebol brasileiro, as torcidas organizadas representam uma experiência coletiva nos estádios de futebol, promovendo a projeção de pertencimento a um grupo. Seria entre os anos 1970 e 1980 que estas se aproximariam do estilo violento já praticado na Europa (que tem nos chamados *hooligans* ingleses seu principal expoente)²⁴⁴. Segundo análise mais aprofundada do assunto, promovida por Carlos Alberto Máximo

²⁴¹ Entrevista concedida ao autor no dia 15 de agosto de 2011.

²⁴² Para Roberto Porto, esta subvalorização dos esportes fazia com que os censores não tivessem tanto apreço com o que era escrito nas páginas esportivas, o que favoreceu, por exemplo, uma postura mais assertiva da imprensa contra as posturas de João Havelange ou mesmo o Almirante Heleno Nunes na Confederação Brasileira de Desportos.

²⁴³ As excursões pelo Brasil se tornaram verdadeiras fontes de rendas para as torcidas organizadas, formando assim os chamados “torcedores – profissionais”, que ganhavam dinheiro com a sua atividade dentro das agremiações.

²⁴⁴ MAGALHÃES, Livia Gonaçalves. “Ensino e Memória – Histórias do Futebol”. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010.

Pimenta, há uma íntima relação entre a construção deste novo tipo de torcidas organizadas com o modelo sócio-econômico estabelecido pelos militares:

(...) a juventude, cada vez mais esvaziada de consciência social e coletiva; o modelo de sociedade de consumo instaurado no Brasil, que valoriza a individualidade, o banal e o vazio; o prazer e a excitação gerados pela violência pelos confrontos agressivos.²⁴⁵

Neste contexto de fortalecimento das torcidas jovens, com o Campeonato Nacional de Clubes, “a malha clubística se amplia ainda mais, com a incorporação de novos estados,”²⁴⁶ incrementando as já articuladas relações entre torcidas de diferentes estados. Com as viagens, adeptos de outros clubes poderiam simpatizar com determinada agremiação organizada, formando assim laços de “amizade” que poderiam ser duradouros ou não, alterando as relações de força entre as torcidas de um determinado estado.

Este potencial para fomentar o turismo interno era debatido já em fevereiro de 1971, quando a CBD anuncia a criação do Nacional. O jornalista Armando Nogueira, amigo pessoal do presidente da EMBRATUR Carlos Alberto de Andrade Pinto, sugeriu uma aproximação entre a CBD e a EMBRATUR com o objetivo de fomentar o “estreitamento entre esporte e turismo – mais precisamente entre o Campeonato Nacional e o calendário turístico do país.”²⁴⁷

Com Dario artilheiro, doze vitórias, dez empates e cinco derrotas, o Atlético Mineiro comandado por Telê Santana sagrou-se como o primeiro campeão Brasileiro em 1971. O triangular final opôs Botafogo, São Paulo e Atlético Mineiro. Os mineiros venceram a partida final no Maracanã com gol do artilheiro Dario, proporcionando alegria para a maior torcida de Minas Gerais e deixando os cariocas em último na fase final²⁴⁸.

²⁴⁵ PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. “As Torcidas organizadas de futebol: Identidade e identificações, dimensões cotidianas”. Texto reescrito a partir da comunicação apresentada no Seminário “Esporte: Teorias, Paixão e Risco”, promovido pelo NECCU, da PUC/SP, Brasil, de 09 a 11 de outubro de 2000; das discussões promovidas em FLACSO, Quito Equador, de 8 a 10 de novembro (II Reunião da CLACSO); da publicação na *Revista São Paulo em Perspectiva* (Pimenta, 2000: 122-128).

²⁴⁶ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

²⁴⁷ Armando Nogueira, “Na grande área” *Jornal do Brasil*, dia 6 de fevereiro de 1971.

²⁴⁸ Nilton Santos, então diretor de futebol do Botafogo, inconformado com a expulsão de dois de seus jogadores e a não marcação de um penalti a favor do time de General Severiano, entrou em campo e agrediu o juiz da partida Armando Marques, entrando esta cena para o folclore do futebol brasileiro.

Mesmo com todos os problemas apresentados, em especial as três mudanças de regulamento no meio do campeonato - o que comprometeria a competição perante o público - a estafúrdia pontuação de acordo com a presença de público e o fraco desempenho dos jogadores tricampeões mundiais no México (Pelé, por exemplo, fez apenas um gol em todo o campeonato), para a maioria da imprensa esportiva, que lutou pela elaboração do Nacional, sua execução foi a consubstanciação de uma vitória.

Todos parecem unânimes em um ponto: o campeonato precisaria de melhorias. Comparado com os anos anteriores, público e renda foram maiores, porém a qualidade técnica, pior. Com dois jogos na semana, pouco restava a treinadores e preparadores senão manter a forma inicial dos jogadores, o que acarretou em times mais preocupados em se defender e placares com poucos gols anotados. A *Revista Placar* faria a seguinte sugestão bem humorada aos dirigentes da CBD: “Que tal aparafusar a mesa no chão e pensar num Campeonato em dois turnos sem modificações, senhor Antônio do Passo?”²⁴⁹

Visto como inevitável devido às pressões políticas e às dimensões do Brasil, o aumento do número de clubes no Nacional era analisada com muita preocupação pela imprensa especializada.

O grande problema apontado não era tão somente o aumento do número de participantes, mas sim a manutenção das datas disponíveis, ou seja, o mesmo número de semanas com mais jogos. Isto resultaria em deterioração na qualidade do espetáculo e no aumento das distâncias naquela fórmula considerada ideal: turno e retorno com pontos corridos.

Se as especulações neste momento eram com relação ao aumento de 10% ou 20% no número de clubes, mal sabiam os envolvidos nas pressões pela criação do Nacional que, ao longo da década de 1970, o torneio seria transformado em moeda de troca política de forma mais escandalosa do que fora nos seus primeiros anos, e que ele chegaria ao final da década quase cinco vezes maior do que em seu início, no ano de 1971.

SANTIAGO JR., José Renato Sátiro. “Os Arquivos dos Campeonatos Brasileiros”. Panda Books, São Paulo, 2006.

²⁴⁹ Revista Placar, dia 31 de dezembro de 1971. “Foi bom para quase todo mundo.”

CAPÍTULO 3: A politização do Campeonato Nacional de Futebol

3.1 As origens do crescimento

Em seu primeiro ano de existência o Campeonato Brasileiro de Futebol era composto, como já observado anteriormente, por vinte clubes. Deste total, quatro times do Nordeste, treze do Sudeste e três do Sul, excluindo totalmente as regiões Centro – Oeste e Norte do evento. Tal configuração seria reflexo da hegemonia econômica que o Sudeste exercia – e ainda exerce – na federação, agravada pelo fato de que a maior parte dos principais clubes brasileiros estão localizados nesta região. Desta forma, 65% dos participantes do primeiro Campeonato Nacional estavam no eixo Rio de Janeiro – São Paulo – Minas Gerais. Tal disparidade regional – econômica²⁵⁰ ainda hoje é presente no campeonato²⁵¹, uma vez que entre os clubes participantes da Primeira Divisão, não há nenhum representante do Norte, um do Centro – Oeste (o Atlético Goianiense) e apenas dois do Nordeste (Sport, Náutico e Bahia).

Sendo o Brasil um país com dimensões continentais, o campeonato com apenas vinte clubes deixou um considerável número de insatisfeitos, dentre estes, importantes políticos ligados aos dois partidos da época. Já em 1971, com apoio do governador de Goiás, criou – se um campeonato paralelo, composto por aqueles que foram excluídos do Nacional²⁵². Tal descontentamento, encabeçado por lideranças

²⁵⁰ Diferenças regionais – econômicas também ocorrem em outros países. Na Bundesliga alemã, não há nenhum representante da antiga RDA entre os dezoito participantes na temporada 2011/2012.

²⁵¹ Os dados acima apresentados tem como base os participantes do Campeonato Brasileiro de 2012.

²⁵² O governador de Goiás Leonino Caiado apoiou a idéia de Halê Selassié Pinheiro, presidente do Goiás em realizar um torneio paralelo ao Campeonato Brasileiro: o Torneio de integração Nacional,

políticas importantes da ARENA, não seria bem visto pelos arquitetos do projeto de “integração nacional”. Campeonatos paralelos ou a simples exclusão de regiões inteiras iam na contramão do discurso oficial e, na visão governista, isso deveria ser resolvido.

Em seu segundo ano de existência, algumas alterações seriam naturais no modelo de disputa da competição, até porque, ainda em sua primeira edição, alguns equívocos já haviam levado a mudanças nas regras durante a execução dos jogos, algo já analisado no segundo capítulo, o que gerou intensas críticas dos meios de comunicação. Além da alteração da fórmula de disputa, no segundo Campeonato Nacional seis novos clubes foram absorvidos, o que significou a duplicação do número de vagas dos clubes nordestinos e a inclusão da região Norte, com a presença de uma vaga para o Pará e outra para o Amazonas.

Sucessivamente, em 1973 o número de participantes aumenta para quarenta (número este mantido no ano seguinte), crescendo ainda mais em 1975. No entanto, as grandes mudanças coincidem com a eleição do Almirante Heleno Nunes para a presidência da CBD e o início do projeto “Geisel – Golbery” de abertura “lenta, gradual e segura”. Considerada por muitos analistas como uma “transição por cima”, o processo que pretendia “garantir uma institucionalidade elitista que excluísse setores populares”, por muitas vezes foi ameaçado pela mobilização da sociedade civil organizada através da OAB, Comunidades Eclesiásticas de Base, ABI, jornais políticos e culturais de oposição (“imprensa alternativa”) e o novo movimento sindical.²⁵³

Nesse contexto, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) fortalece seu discurso de oposição ao regime estabelecido em 1964, contando com suporte de diversos segmentos das esquerdas e, principalmente, obtendo resultados significativos nas urnas. Segundo o Dicionário Histórico – Biográfico Brasileiro²⁵⁴, “o apoio dado ao MDB foi altamente concentrado nas regiões Sudeste e Sul, que, em conjunto, foram responsáveis por, respectivamente 71,3%, 77, 1%, 40,6% e 77,3% dos votos do

tendo como participantes times que ficaram de fora da “festa da CBD”. In “Um torneio para unir todo o país”. *Revista Placar*, nº 62, 21 de maio de 1971.

²⁵³ ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. “A Ditadura Militar em tempo de transição (1974 – 1985) In. Martinho, Francisco Carlos Palomanes. Democracia e Ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

²⁵⁴ ABREU, Alzira Alves de, BELOCH, Israel, LATTMAN-WELTMAN, Fernando & LAMARÃO, Sérgio Niemeyer (orgs.). Opt.Cit.

partido nas eleições de 1966, 1970, 1974 e 1978”²⁵⁵. Desta forma, enfraquecê-lo era de fundamental importância para a execução do projeto de abertura idealizado pelos “castelistas”, bem como os votos para a ARENA - que garantiriam o apoio a estas medidas de flexibilização - tornavam-se essenciais. Em paralelo a este movimento político-partidário, o Campeonato Nacional modificava cada vez mais sua estrutura (fecha a década com noventa e quatro times participando de seus jogos²⁵⁶, sendo o Nordeste a região com o maior número de representantes), o que deixa bastante nítido uma politização do mesmo no decorrer do período mencionado.

Não podemos imaginar que este aumento da participação de nordestinos e nortistas, assim como a presença – ainda que tímida - dos times do Centro – Oeste²⁵⁷, seja mera obra do acaso; certamente convergem e fazem parte do projeto de abertura e fortalecimento da ARENA no legislativo nacional. Segundo David V. Fleischer:

Apesar das manipulações das regras eleitorais, a tendência de um crescente eleitorado oposicionista e consciente nas grandes e mesmo médias cidades já era aparente nos resultados de 1974 e 1978. (...) Em todas as regiões, porém, a relação inversa era muito clara – quanto menor a população de um município, maior a proporção de votos conquistada pela ARENA. Esta tendência “governista” era mais acentuada nas duas regiões menos desenvolvidas (Norte /Nordeste).²⁵⁸

E se a seleção brasileira não conseguiu o tetracampeonato em 1974, por que não contar com a presença de times como o Flamengo e o Corinthians em “currais eleitorais” de políticos favoráveis às orientações do regime? É importante observar que tal recurso também foi utilizado por políticos emedebistas, mas em alguns casos aqui analisados a força política da ARENA é mais notória.

3.2 O projeto de abertura e as eleições de 1974

O retorno do grupo de militares moderados, conhecidos como o grupo da Sorbonne ou castelistas, ocorre no final do ano de 1973, em um momento no qual o governo ainda desfrutava de bons índices econômicos, apesar de “seu povo ir mal”. Segundo o

²⁵⁵ SANTIAGO JR., José Renato Sátiro. “Os arquivos dos Campeonatos Brasileiros”. São Paulo: Panda Books, 2006.

²⁵⁶ A ideia original era da participação de noventa e seis clubes, mas Santos e São Paulo recusaram-se a integrar o campeonato devido ao excesso de times, reduzindo assim para noventa e quatro o número de competidores.

²⁵⁷ Tal participação limitada deve-se ao fato de que os times da região não despertavam a paixão do público local, que preferia torcer para os times do Sudeste, que levavam milhares de torcedores aos estádios quando lá jogavam.

²⁵⁸ FLEISCHER, David V. “Da Distensão à Abertura – as eleições de 1982”. Editora UNB. Brasília: Distrito Federal, 1988.

historiador Francisco Carlos Teixeira, “foi a eficiência econômica do governo Médici que favoreceu a sucessão Geisel – Golbery e, portanto, a abertura do regime”.²⁵⁹ Em depoimento, Jarbas Passarinho afirma que amigos de Médici diziam que a vitória dos castelistas já estava assegurada quando da composição do governo com políticos próximos de Geisel em postos-chave²⁶⁰.

Os moderados divergiam daqueles conhecidos como “linha-dura”²⁶¹ (militares próximos dos setores de informação e componentes do aparelho de “contra – insurgência”) no que dizia respeito aos rumos do regime. Desde o início do governo desejavam a transição do poder para os civis num futuro próximo. Defendiam a tese do chamado “golpe cirúrgico”, alegando que a “presença militar no centro do poder político trazia consequências nefastas para o profissionalismo militar, já que amplia (...) a presença de valores distintos da hierarquia e da disciplina e que, portanto, debilita seus próprios fundamentos.”²⁶² Enquanto isso, os “duros” pregavam a longevidade do regime e a manutenção do aparelho repressor.

A partir de sua volta ao poder em 1974, o grupo da Sorbonne colocaria em prática um projeto de liberalização etapista do regime, que fracassara na sucessão de Castelo Branco. Percebia-se a necessidade de conter a autonomia crescente dos setores ligados à “comunidade de segurança”, bem como de rechaçar os riscos de quebra da disciplina e hierarquia militar²⁶³. Era hora do retorno aos quartéis de forma “lenta, gradual e segura”, justificada da seguinte forma por Geisel:

²⁵⁹ TEIXEIRA, Francisco Carlos. “Crise da Ditadura Militar e a Abertura Política” In. Delgado, Lucila de Almeida Neves e Ferreira, Jorge (org). O Brasil Republicano – O tempo da ditadura (o regime militar e os movimentos sociais em fins dos século XX). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

²⁶⁰ REGO, Antonio Carlos Pojo do. “O Congresso Brasileiro e o Regime Militar (1964 – 1985)”. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008.

²⁶¹ A dicotomia entre castelistas ou moderados e linha-dura é contestada nos dias de hoje e vista como simplista. Tal visão é eternizada por grande parte da literatura e pelos próprios castelistas, corroboradas pelos livros do jornalista Elio Gáspari e pela entrevista concedida por Geisel ao CPDOC em que afirma que a “eleição de Costa e Silva foi uma vitória da linha dura. Embora Costa e Silva endossasse ou apoiasse essa linha, ele era, pessoalmente um homem pacato. Mas achou que era melhor apoiar essa linha dura porque lhe servia para chegar à presidência da República. Ver em D’ARAÚJO, Maria Celina; CASTRO, Celso. “Ernesto Geisel”. Rio de Janeiro: Ed. Da FGV, 1997. Já em Mauad Chirio define os oficiais de linha dura como aqueles que “emitem um discurso de extrema direita, nacionalista e, de certa forma, reformistas” que não defendiam um discurso coerente, mas exigiam o expurgo radical e um conjunto de medidas economicamente nacionalistas opondo-se aos “hipócritas pudores democráticos do poder castelistas e com a política de abertura ao capital estrangeiro” adotada no primeiro governo militar. A autora também distingue as diferentes metamorfoses na linha-dura e outras correntes políticas entre os militares. Ver em CHIRIO, Mauad. “A Política Nos Quartéis – Revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2012

²⁶² SOARES, Samuel Alves. Opt. Cit.

²⁶³ Idem, Ibidem.

(...) Por que tem que ser lenta? Porque não pode ser uma abertura abrupta.(...) Ela tinha que ser gradual, progressiva. E tinha que ser segura, porque nós não podíamos admitir uma abertura que depois não funcionasse e voltasse o regime de excessão. Era preciso que ela fosse montada e organizada de maneira que representasse uma solução definitiva.²⁶⁴

Juntamente com o novo projeto, existe uma mudança no quesito institucionalização do Estado. Se nos dois primeiros governos militares foram lançadas as bases do Estado de Segurança Nacional e, no período imediatamente posterior, o “milagre econômico” servia de sustentação para legitimar o regime, a partir de 1974 gradualmente chega –se a conclusão de que o modelo de desenvolvimento associado e dependente do capital externo falira e que novos mecanismos para a busca do respaldo popular eram necessários. Segundo Maria Helena Moreira Alves, o projeto de “distensão” pretendia assegurar um afrouxamento da tensão sociopolítica, intentando “erigir mecanismos representativos elásticos que pudessem cooptar setores da oposição”²⁶⁵

Elemento fundamental deste projeto seria o fortalecimento eleitoral. Desta forma, o governo ganharia legitimidade através das urnas, eliminando as formas mais explícitas de coerção (Geisel deixa claro sua oposição aos “excessos” cometidos nos “porões” do regime) mas, ao mesmo tempo, mantendo sob o controle militar a maioria do Congresso capaz de aprovar reformas legais e estruturais indispensáveis para colocar em prática o projeto de redemocratização controlada.

Sendo assim, as eleições de 1974 ganharam importância estratégica para os castelistas que chegaram ao poder naquele mesmo ano, uma vez que almejavam um resultado simbólico nas primeiras eleições que enfrentariam. O clima de otimismo e confiança com a vitória da ARENA era tão grande que Geisel temia uma votação esmagadora, já que isto poderia passar um impressão de fraude ao povo e aniquilar a oposição. A grande derrota sofrida pelo MDB nas eleições de 1970 seria um indicativo do que estava por vir em 1974, uma vez que neste ano o governo gozava ainda de apoio oriundo dos tempos do “milagre”. A ARENA possuía vinte e um dos vinte e dois estados, além de 91% das prefeituras com 86% das câmaras de vereadores, ou seja, se obtivesse a esperada vitória esmagadora em 1974, deixaria o país praticamente sob um regime unipartidário. Na mais longa entrevista concedida pelo presidente aos jornalistas brasileiros nos dois primeiros anos de governo - quando de sua visita ao Japão no contexto do pragmatismo responsável e ecumênico -

²⁶⁴ General Ernesto Geisel, entrevista, in Costa Couto, Ronaldo (1999, p.209).

²⁶⁵ ALVES, Maria Helena Moreira. “Estado e a oposição no Brasil (1964-1984) Bauru:EDUSC, 2005.

Geisel falou sobre a importância das eleições sob o seu ponto de vista e sua opinião com relação ao partido único:

O importante é que os partidos se consolidem, inclusive a oposição, porque eu não quero partido único. Tem que haver oposição. (...) Isso não nos interessa, como também não nos atria o exemplo mexicano de partido único. Eu acho que tem que haver oposição.²⁶⁶

Na mesma entrevista concedida a bordo do trem – expresso que o trazia de Quioto para Tóquio, Geisel respondia que sua preocupação era a consolidação dos partidos, dando – lhes mais força e coesão, para que pudessem servir de base para a estrutura política do país. Para ele, desta forma, a ARENA assumiria seu papel e seria de fato um partido político²⁶⁷.

Mesmo procurando afirmar sua força no Congresso (denunciara o deputado Chico Pinto ao STF pois este acusou Pinochet no plenário de “assassino”, “mentiroso” e “fascista”)²⁶⁸ ou proibindo a imprensa paulista de noticiar a epidemia de meningite, o governo tentou manter um clima de relativa liberdade durante a campanha eleitoral. Ainda assim, o MDB temia que o afastamento da população das questões políticas e o desinteresse das esquerdas, que denunciavam o processo eleitoral como fraude para legitimar o regime, resultassem em um novo fracasso nas urnas - como ocorrera em 1970.

Na sexta – feira, quinze de novembro de 1974, Geisel e 80% do eleitorado inscrito (cerca de 36 milhões de brasileiros) participaram das eleições. Na seção eleitoral o presidente dizia aos jornalistas: “O fundamental é este clima de liberdade vigente no país, contrariando o que muitos dizem. Vim aqui como um cidadão para cumprir um direito e um dever. Espero que haja um mínimo de abstenção e que todos votem.”²⁶⁹ Os institutos de pesquisa já previam que o resultados das eleições não seriam aqueles desejados pelo governo. O jornal Folha de São Paulo ressalta que dois pontos em especial chamavam a atenção dos políticos: a disputa acirrada entre os partidos pelas cadeiras no Senado nos estados de maior importância política e a tentativa do MDB de conseguir, ao menos, 1/3 dos deputados federais para ter o poder

²⁶⁶ *Jornal do Brasil*, 2º de setembro de 1976. Entrevista concedida ao jornalista Alexandre Garcia. “Presidente não deseja Governo de Partido único”.

²⁶⁷ *Idem*, *Ibidem*.

²⁶⁸ Chico Pinto era um dos líderes do “autêntico” MDB que enfrentava o governo e as vezes a própria direção do MDB. Condenado a seis meses de prisão pelo Supremo Tribunal Federal, o deputado saiu do Congresso em direção ao cárcere. *Idem*, *Ibidem*.

²⁶⁹ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16/11/1974.

de requerer a formação de Comissões Parlamentares de Inquérito sem necessitar de assinaturas de políticos governistas²⁷⁰.

No dia seguinte ao pleito, os principais jornais do país destacavam a vitória de emedebistas nas urnas. Enquanto o *Jornal do Brasil* vinha com a manchete: “MDB vence as prévias na GB, RJ e SP”²⁷¹ a *Folha de São Paulo* apontava como grande vitorioso das eleições o presidente Geisel, que segundo o diário “presidiu às eleições como verdadeiro magistrado, com uma isenção exemplar que não se alterou mesmo diante de alguns excessos de opositores do governo”²⁷².

O impacto da vitória emedebista, confirmada após a apuração, deve ser analisada de forma cuidadosa. O partido, apesar de ter aumentado a sua representação na Câmara dos Deputados, que crescera devido o aumento da população de trezentos e dez para trezentos e sessenta e quatro cadeiras, o MDB praticamente dobrou seu número de representantes (de oitenta e sete nas eleições de 1970 para cento e oitenta e cinco em 1974), enquanto a ARENA recuou de duzentos e vinte e três para cento e noventa e nove deputados, garantindo mesmo assim uma maioria de 54,6% contra 45,3% do MDB. Mas a sua força foi demonstrada no Senado onde conseguiu dezesseis das vinte e duas vagas em disputa, somando assim um total de vinte deputados (antes eram apenas sete) contra a maioria arenista reduzida de cinquenta e nove para quarenta e seis senadores. Outro ponto chave na análise do processo eleitoral de 1974 foi a redução do voto de protesto em cerca de 9% com relação as eleições de 1970²⁷³.

Das seis cadeiras do Senado conquistadas pela ARENA, quatro foram obtidas no Nordeste; Alagoas, Bahia, Maranhão e Piauí ainda estavam com o partido governista que assistiu à vitória do MDB em cinco estados de uma região tradicionalmente favorável aos seus políticos. Enquanto isso, no Sul e no Sudeste a ARENA não ganhou em nenhum estado, chamando atenção a baixa votação em locais como a Guanabara (24,3%) e São Paulo (23,8%).

Rodrigo Patto Sá Motta, em seu livro “Partido e Sociedade – A trajetória do MDB” lista alguns fatores para o resultado eleitoral de 1974. O primeiro seria a atuação de grupos renovadores como os “autênticos” dentro do partido. Estes teriam aglutinado forças (inclusive de ex-militantes da esquerda armada derrotada pelo

²⁷⁰ *Folha de São Paulo*, 15/11/1974.

²⁷¹ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16/11/1974.

²⁷² *Folha de São Paulo*, 16/11/1974.

²⁷³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Partido e Sociedade – A trajetória do MDB”. Ouro Preto: Editora UFOP, 1997.

governo) e dado novo fôlego aos oposicionistas. O segundo seria a liberdade proporcionada pelo governo na campanha e no processo eleitoral, a maior desde o início do regime.

Saber utilizar canais como o rádio e principalmente a televisão foi o terceiro fator, de acordo com o autor. Enquanto o MDB elaborou material de orientação para seus candidatos com a ajuda de publicitários, criando uma linguagem próxima aos populares, os candidatos arenistas “sem qualquer experiência de falar no rádio e na televisão encontravam dificuldades em transmitir suas ideias em quatro minutos”²⁷⁴. Desde 1968 o público não entrava em contato com as mensagens oposicionistas e tal “ineditismo” - ampliado pelos meios de comunicação - conquistou os eleitores das grandes cidades.

As mudanças populacionais no país seriam o quarto fator. Enquanto a ARENA tinha no interior sua força eleitoral²⁷⁵, o MDB era um partido essencialmente urbano. Desta maneira, a urbanização crescente teria facilitado o crescimento eleitoral do partido de oposição, em detrimento da ARENA. O esgotamento do “Milagre Econômico” seria o quinto e último fator, uma vez que “indícios de que problemas econômicos estavam por vir eram claros para determinados setores empresariais”²⁷⁶. Em sua campanha, o MDB enfatizou a crescente taxa de inflação anual - que chegava a 40% ao ano - e os salários dos trabalhadores que não aumentavam de forma proporcional à inflação, levando aqueles que pagavam prestações do Banco Nacional de Habitação (BNH) a terem suas dívidas aumentadas²⁷⁷.

Para o jornalista Carlos Castello Branco, a intervenção do governo nas indicações de políticos da ARENA, excluindo a necessidade das convenções partidárias, seria uma explicação também plausível para a derrota nas eleições de 1974. Houve um clima de insatisfação com os candidatos escolhidos, uma vez que estes não contemplavam as demandas das diferentes facções internas do partido.

²⁷⁴ GRINBERG, Lucia. “Partido Político ou bode expiatório – um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional – ARENA (1965 – 1979). Rio de Janeiro: Mauad editora, 2009. pp 187.

²⁷⁵ Muitos políticos criticaram a Lei Etelvino Lins que procurava impedir abusos de candidatos ou partidos que trocavam votos por transporte nas cidades do interior, além de estabelecer que a propaganda eleitoral no rádio e na televisão seria restrita ao tempo designado pela Justiça Eleitoral, o que permitiu, tanto aos candidatos da oposição quanto aos candidatos oficiais, acesso ao horário eleitoral gratuito. “Lei Etelvino é elogiada mas causa confusão”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16/11/1974.

²⁷⁶ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Opt. Cit.* pp148.

²⁷⁷ REGO, Antonio Carlos Pojo do. *Opt. Cit.* Pag 138.

Considerava-se assim que o partido tinha sido “violentado”, deixando sem vez suas principais lideranças que, na maioria dos casos, decidiu afastar-se ou limitar sua participação nas eleições. O desprestígio dos políticos pelo regime, incluindo aí aqueles que eram seus aliados, seria um fator a mais nesta “derrota da ditadura”.

Ao final da apuração, ficou claro que os militares enfrentariam uma crescente dificuldade em obter a maioria parlamentar, com as eleições livres mergulhadas em um clima econômico adverso e uma oposição disposta a pressionar sempre para que se atingisse, o mais rapidamente possível, a democracia plena²⁷⁸. Na visão de Geisel, a partir deste momento a oposição “tornou-se mais virulenta, e essa virulência gerou uma reação e um fortalecimento da linha dura”²⁷⁹. Tal declaração é sintomática, uma vez que dali por diante os aparelhos repressores aumentam o cerco sobre o MDB, acusando o partido de infiltração comunista. Existiam quadros emedebistas que eram ligados ao “Partidão”, algo assumido pelo próprio Luiz Carlos Prestes em entrevista concedida na Europa no período. Assim, a repressão justificava-se como uma forma de desarticular a estrutura política do velho PCB e “dar um recado” para o MDB, que agora mostrava-se como uma real ameaça ao regime²⁸⁰.

Outra consequência das significativas vitórias do MDB foi a reavaliação, por parte do governo, sobre a necessidade ou não de se ter um órgão de imprensa. No início do governo Geisel, a AERP havia sido desativada, mas em janeiro de 1975 foi criada a AIRP (Assessoria de Imprensa e Relações Públicas) e, um ano depois, a ARP (Assessoria de Relações Públicas). Apesar das negativas daqueles envolvidos nestes projetos, estava evidente a intenção do governo de usar o órgão no jogo eleitoral. O que não poderia acontecer era a repetição dos resultados obtidos pela ARENA em 1974. Até mesmo a criação de um novo partido governista, com um caráter mais popular, foi cogitado junto ao presidente Geisel pelo ex-governador do Paraná, Paulo Pimentel, que reuniria “líderes da própria ARENA e do governo, com maiores possibilidades e maiores oportunidades de expansão e de estabilidade das instituições”²⁸¹. Tudo seria válido para não colocar a liberalização em risco.

²⁷⁸ REGO, Antonio Carlos Pojo do. “O Congresso Brasileiro e o Regime Militar (1964 – 1985)”. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008.

²⁷⁹ CASTRO, Celso; DARAÚJO, Maria Celina (Orgs.) . “Ernesto Geisel”. 5a. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997. pp383.

²⁸⁰ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “O MDB e as esquerdas”. (In) Aarão, Daniel Reis e Ferreira, Jorge. “Revolução e democracia (1964-...) – as esquerdas no Brasil”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

²⁸¹ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17/01/1975.

3.3 O futebol e as urnas

Tal como nos dias de hoje, também na década de 1970 o esporte – em especial o futebol - eram um excelente trampolim para a carreira política. Se atualmente alguns espantam-se com os elevados percentuais que elegeram ex- craques como Romário, Bebeto ou Roberto Dinamite em 2010, nas eleições de 1974 Djalma Campos, ídolo do Sampaio Correa, tentava bater mais um recorde nas urnas do Maranhão, enquanto Piazza já era vereador em Belo Horizonte.

Interessa-nos analisar o fenômeno dos dirigentes esportivos, uma vez que são eles os criadores das regras dos torneios e os responsáveis pela ampliação do Campeonato Nacional. Se na cidade do Rio de Janeiro os dirigentes não conseguiam votos suficientes para obter mandatos – João Havelange, Otávio Pinto Guimarães e Antonio do Passo são provas que nem mesmo a CBD convencia os cariocas, naquela época, a colocarem “cartolas” no Congresso – em outros estados a situação era diferente.

Em Minas Gerais, o MDB abrigava os principais dirigentes políticos. O vice – presidente do Atlético Mineiro era deputado federal e candidato à reeleição. Além dele, Said Paulo Arges (ex- dirigente do Atlético) e Amador de Barros (ex- presidente do América Mineiro) também tentavam vaga no Congresso Nacional.

Em São Paulo, a relação entre os dirigentes e a política tinha no Dr. Laudo Natel um símbolo. Presidente do São Paulo Futebol Clube entre 1958 e 1970, assumiu provisoriamente o cargo de governador no lugar de Ademar de Barros, cassado devido a divergências com os militares, entre junho de 1966 e janeiro de 1967. Fez um mandato alinhado ideologicamente com o regime, o qual lhe permitiu após três anos sair da presidência do clube direto para o Palácio dos Bandeirantes²⁸², uma vez que fora indicado por Médici para retornar ao cargo de governador (foi eleito pela Assembléia Legislativa em 3 de outubro de 1970)²⁸³. Outro destaque no mesmo período foi o presidente da Federação Paulista, João Mendonça Falcão, deputado

²⁸² LEVER, Janet. Opt. Cit. Pp 62.

²⁸³ ABREU, Alzira Alves de, BELOCH, Israel, LATTMAN-WELTMAN, Fernando & LAMARÃO, Sérgio Niemeyer (orgs.). Opt.cit.

estadual pelo MDB cassado pelo AI-5 em 1968, e assessor de Delfim Neto entre 1967 e 1974.

No pleito de 1974, o ex-presidente do Corinthians, Wadi Helu, o presidente da Portuguesa de Desportos, Oswaldo Teixeira²⁸⁴ (que era vereador), e Atiê Jorge Curi (ex-presidente do Santos) imaginavam obter legislaturas federais e estaduais pela ARENA. Em Pernambuco, sete foram os dirigentes de clubes²⁸⁵ tentando a eleição; cinco na Bahia,²⁸⁶ e apenas o ex-vice presidente do Grêmio, Sérgio Ilha Moreira, candidatando-se no Rio Grande do Sul²⁸⁷.

Como podemos perceber, políticos filiados aos dois partidos possuíam relações com o futebol. Como assinala Rodrigo Patto Sá Motta, “nem todos os emedebistas tinham perfil de oposição; alguns estavam mais para a linha do regime do que qualquer outra coisa”²⁸⁸. O mesmo partido que lançava a anti – candidatura de Ulysses Guimarães ou recebia comunistas em seus quadros tinha o político – dirigente Nei Ferreira, “acusado, com o vice-presidente do Vitória, deputado Henrique Cardoso, de ter mandado surrar o jornalista Cléo Meireles, do Diários Associados, em consequência de suas denúncias a respeito da contratação ilegal de um dos jogadores do clube”²⁸⁹. O político emedebista ganhou a alcunha de “Al Capone da Bahia.”

No entanto, neste pequeno levantamento, notamos que mesmo times de pequeno porte “forneciam” seus dirigentes para os quadros legislativos, principalmente em cidades também pequenas (ou mesmo nos subúrbios das grandes cidades), onde os clubes possuíam grande importância na socialização dos habitantes.

Usando os dados de uma pesquisa promovida por Alessandra Carvalho, concluímos que 60% dos políticos que atuaram durante o período ditatorial possuíam filiação anterior ao sistema bipartidário²⁹⁰. Desta forma, fica claro que o futebol é

²⁸⁴ Hoje, uma praça e o estádio da Portuguesa de Desportos localizados no Canidê são batizados com o seu nome.

²⁸⁵ Eram Antonio Palmeira (ex-dirigente do esporte Clube do Recife), Fernando Lira (dirigente do Central de Caruaru) e Ozir Ramos (dirigente do Santa Cruz) tentando o Congresso Nacional enquanto Alcir Teixeira (dirigente do Santo Amaro), Gilvan Brandão (dirigente do Ibis), Ribeiro Godé e Antônio Luis (dirigentes do Santa Cruz) tentando a legislatura estadual.

²⁸⁶ Nei Ferreira (ex-presidente do Vitória acusado de negócios ilícitos) tentava o cargo federal pelo MDB, enquanto Raimundo Rocha Pires (dirigente do Vitória), Cristóvão Ferreira (diretor do Ipiranga e filiado à ARENA), Francisco Bastos (ex-dirigente do Botafogo filiado ao MDB) e Francisco Trindade (presidente do Bahia filiado à ARENA) tentavam a Assembleia Legislativa da Bahia.

²⁸⁷ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16/11/1974.

²⁸⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Opt. Cit. pp 285.

²⁸⁹ ABREU, Alzira Alves de, BELOCH, Israel, LATTMAN-WELTMAN, Fernando & LAMARÃO, Sérgio Niemeyer (orgs.). Opt.cit.

²⁹⁰ CARVALHO, Alessandra. Opt.cit. pp 191.

usado tanto para a obtenção de cargos políticos pela primeira vez, como também serve para que indivíduos com trajetória anterior na política estreitem seu reconhecimento social e sejam aceitos como atores políticos, ou seja, fortaleçam seu capital político²⁹¹ através da projeção dada pelo clube.

3.4 Tempos de mudanças na CBD

Nelson de Melo e Souza, ex- diretor de planejamento da Organização dos Estados Americanos (OEA), foi indicado para elaborar propostas para a reformulação do esporte brasileiro. O discurso oficial não era de intervenção direta na CBD, mas ao publicar os frutos da análise de Melo e Souza fica evidente, ao menos, a intenção de pressionar o órgão. O fim do custeio das passagens dos times era uma das propostas, que visava a redução do número de clubes do campeonato. O resultado prático destas pressões foi a mudança no comando da CBD.

Se um clube poderia aumentar o capital político de um dirigente, o controle da entidade máxima do esporte nacional seria objeto de valor inestimável para o partido do governo naqueles tempos de mudanças, anunciadas pelas eleições de 1974. O projeto Geisel – Golbery busca o controle da CBD, utilizando-se, inclusive, de agentes do sistema de informações para pressionar João Havelange, então presidente da FIFA, a retirar-se da chefia da entidade.²⁹² Havelange, em sua campanha para a presidência da FIFA - já mencionada no capítulo 2 - engendrou métodos que desagradaram os novos mandatários do país.

Em entrevista ao autor, realizada no dia 15/12/2011, o jornalista Juca Kfourri corrobora afirmações dadas em entrevista à primeira edição da revista Caros Amigos, de 1997. Para Kfourri, o desvio de verbas destinadas ao Torneio do Sesquicentenário colocou o “cartola” Havelange em posição desfavorável:

(...) o Geisel resolveu tirá-lo da CBD, porque as contas da CBD estavam todas manipuladas, e mandou o Nei Braga, que então era o Ministro da Educação, avisá-lo que ou ele saía ou o governo ia intervir - coisa que o governo não queria fazer porque achava que ia pegar mal internacionalmente, afinal o Havelange era um brasileiro notório. Mas intervieram! Intervieram inclusive pondo o

²⁹¹ BOURDIEU, Pierre. A representação política. Elementos para uma teoria do campo político”. In : *O poder simbólico*. Lisboa : Difel, 1986.

²⁹² SARMENTO, Carlos Eduardo. “A regra do jogo: uma história institucional da CBF”. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 176 f.

presidente da ARENA do Rio de Janeiro, Almirante Heleno Nunes, na presidência da CBD.²⁹³

No dia vinte e seis de dezembro de 1974, Havelange deu adeus ao comando da instituição que presidiu por dezesseis anos, de forma altamente controversa. Apresentou à imprensa o Almirante Heleno de Barros Nunes, visivelmente constrangido uma vez que este não era o sucessor desejado. Segundo reportagem da Revista *Veja*, no breve discurso que realizou na sede da entidade “encontrou dificuldades em empregar palavras que enaltecessem o seu sucessor”²⁹⁴. Prefere exaltar a conquista de dezesseis títulos internacionais e três Copas do Mundo de futebol durante o período em que comandou a confederação, deixando evidente que as outras dez modalidades olímpicas ligadas à CBD pouco importavam para o ex-nadador do Fluminense.

Aclamado por unanimidade, aos cinquenta e nove anos de idade, Heleno Nunes chega oficialmente ao poder no dia dez de janeiro de 1975. Ex-dirigente do Bonsucesso e diretor de futebol do Vasco da Gama no momento de sua nomeação, três vezes deputado pela ARENA, ganhou projeção política ao ser secretário de Estado do Rio e liderar a ARENA estadual, passando pela diretoria de futebol da própria CBD antes de alcançar a presidência da entidade. Filho do ex-capitão Adalberto Nunes, era primo do jogador Gérson (o “canhotinha de ouro”), irmão do ex-ministro da Marinha no governo Medici (Adalberto de Barros Nunes) e do diretor de relações públicas da Petrobrás, o general Antônio Luiz de Barros. Em entrevista ao repórter Franklin Campos, o dirigente afirma que faria da CBD um dos corredores do MEC, não realizando nada sem o aval do ministério e demonstrando, portanto, sua identificação com a nova política de esportes contida no Plano Desportivo Nacional a ser implementado no ano seguinte.²⁹⁵

Afirmando que estava realizando o sonho de todo desportista ao chegar ao cargo máximo do esporte nacional (fora jogador de basquete do Tijuca Tênis Clube na juventude) e que, se pudesse, “transferiria o Maracanã para Teresópolis”²⁹⁶, Nunes promove deliberadamente uma militarização da entidade, sendo seus diretores de

²⁹³ Entrevista a “Caros Amigos”, número 1 (KFOURI, 1997).

²⁹⁴ *Revista Veja*, “CBD – O sucessor”, dia 1/1/1975.

²⁹⁵ *Idem*, *Ibidem*.

²⁹⁶ “Gosto mesmo é de passar os meus fins de semana em Teresópolis, cuidando das plantas e frutas do meu sítio, dos porcos e das quase 40.000 galinhas que crio (...) Se pudesse, transferiria o Maracanã para Teresópolis”. *Revista Veja*, dia 1/1/1975.

alguma forma ligados aos setores casernistas. Por exemplo, o de finanças era major (Carlos Alberto Cavalheiro), de coordenação de esportes coronel (Heleno Louzadas) assim como Glênio Ferreira de esportes terrestres e Amarilto Malaquias de administração.

No discurso de sua posse, Heleno Nunes ressalta dois objetivos de sua gestão: comandar a CBD “de acordo com os interesses das autoridades maiores da administração direta da União”²⁹⁷ e a fragmentação das atividades esportivas em confederações autônomas, com a promessa de criação da Confederação Brasileira de Futebol – sonho antigo de dirigentes, que associavam tal mudança a um desenvolvimento da modalidade²⁹⁸. Críticas à gestão anterior são elaboradas já nos primeiros dias de trabalho. Com Heleno, negócios particulares não mais seriam tratados dentro da entidade e as dívidas de quase doze milhões seriam quitadas. Com prestígio junto ao ministro da Educação, Nei Braga, o novo presidente da CBD poderia conseguir investimentos para os esportes olímpicos além de garantir, para o futebol, a manutenção do pagamento das passagens para os clubes participantes do Campeonato Nacional. Assim, não existiria necessidade de alterar a fórmula de disputa.

O autoritarismo de Nunes à frente da Confederação tem respaldo no legislativo nacional, uma vez que este aprova a Lei 6.251 (oito de outubro de 1975), a qual fortalecia o CND e a CBD, restringindo a participação dos grandes clubes na gestão das entidades. Tal consequência se deve ao fato de que o voto unitário ampliou o poder dos clubes pequenos nas federações e, no contexto da CBD, federações antes de menor importância ganham destaque. Como muitos destes eram políticos e com bases eleitorais nos redutos do interior do país, o novo presidente da CBD tem apoio para elaborar seus planos políticos – eleitoreiros.

Com um novo diretor de futebol, André Richer (ex-presidente do Flamengo), o campeonato seria oficializado como Primeira Divisão (acabando assim com a separação dos quarenta clubes em duas divisões de vinte), ampliando o número de equipes. O Espírito Santo coloca dois novos clubes na disputa e a Paraíba ganha seu primeiro representante, garantindo assim, que todos os estados do país possuíssem times na competição. Os quarenta e dois clubes seriam divididos em quatro grupos, sendo dois com dez equipes e os outros dois com onze equipes. A Caixa Econômica

²⁹⁷ Idem, *Ibidem*.

²⁹⁸ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11/01/1975.

Federal oferece a Copa Brasil, troféu de posse transitória, que ficaria definitivamente com aquele clube que ganhasse por três vezes seguidas ou cinco retalhadas o Nacional.²⁹⁹ Segundo Carlos Eduardo Sarmiento, é em 1976 que podemos sentir uma “evidente manipulação política do torneio”³⁰⁰. Se, com João Havelange, o crescimento da competição dependia do ritmo das alianças elaboradas pelo dirigente máximo, a partir de 1975 um homem da ARENA estava no comando da confederação. Doravante, ocorre uma “adesão mais efetiva das CBD aos propósitos da máquina política que sustentava o regime, estreitando os vínculos entre a sociedade e o futebol.”³⁰¹ É com esta politização, concomitante à expansão do número de clubes, que se popularizou a frase até hoje atribuída ao almirante-dirigente: “onde a Arena vai mal, um time no Nacional”.

Resultado dos já mencionados esforços elaborados pelo MEC e de estudos realizados pelo Ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto, a Lei n.º 6.354, de 02/09/1976, estabelece a autoridade da Justiça Desportiva como órgão responsável pela regulamentação dos esportes no Brasil, bem como define a profissão de jogador de futebol e institucionaliza o vínculo do jogador com o time, o chamado “passe”. Também neste ano é lançado o Plano Nacional de Educação Física e Desportos (PNED), que apresentava como principal objetivo a reorganização do esporte de massas.

Uma das consequências mais relevantes do PNED seria o desvinculamento dos esportes amadores subordinados à CBD. As novas confederações começavam a ser criadas a partir de 1977, inicialmente aquelas ligadas aos esportes olímpicos. O objetivo final seria a criação da Confederação Brasileira de Futebol (que herdaria o principal patrimônio da CBD, o prédio na rua da Alfândega), cuja criação, de acordo com o planejamento inicial, estava marcada para janeiro de 1979, assim como a Confederação dos Esportes Não – Olímpicos (hóquei em patins, beisebol, malha, tênis de mesa e outros).

²⁹⁹ A posse deste troféu até hoje é alvo de disputa judicial. Popularmente chamada de “Taça das Bolinhas” devido a sua composição, foi levantada de forma definitiva pelo Clube de Regatas do Flamengo em 1992, ano em que a agremiação conquistou pela quinta vez o Campeonato Brasileiro. Porém, respeitando decisão da justiça comum, que considera o Sport de Recife o legítimo campeão de 1987, a CBF nunca entregou o troféu para o time carioca, permanecendo este, desde então, em um cofre na instituição financeira.

³⁰⁰ SARMENTO, Carlos Eduardo. Opt.cit.

³⁰¹ FRANCCISCHINI, Sandro. Opt. Cit.

3.5 O Nacional com Heleno Nunes

As transformações na política desportiva brasileira durante o ano de 1976 alcançam também o Nacional. Foram criadas doze novas vagas, (crescimento de mais de 30%) totalizando cinquenta e dois o número de times participantes, divididos em seis chaves com nove participantes cada e gerando quatrocentos e onze jogos entre os dias vinte e nove de agosto e doze de dezembro. Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande Do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo ganharam mais um participante cada um³⁰². Em sua coluna “Sete dias no esporte”, o jornalista Aroldo Chiorino afirma que:

Esta Copa do Brasil é a mais política de todas as que já foram disputadas, daí o número elevado de clubes concorrentes, uma vez que a Confederação Brasileira de Desportos teve interesses políticos em atender este ou aquele, chegando a este exagero. Falamos em exagero porque um número bastante apreciável de clubes que foram convidados para a Copa do Brasil não reúne condições técnicas para a importância que se pretende dar a este campeonato.

José Inácio Werneck, que na época assinava a coluna Campo Neutro no Jornal do Brasil, também criticava o aumento do número de clubes. Para ele, a CBD preocupava-se em agradar a todos e o Campeonato que acabara de começar era “um único, imenso e prolongado bocejo – um bocejo que vai durar pelo menos até fins de outubro, quando só então saberemos quem definitivamente será eliminado”³⁰³.

Cinco anos após a elaboração da primeira edição do Campeonato Nacional, ainda existiam significativas resistências por parte da imprensa e dos torcedores. Enquanto os cariocas ainda decidiam a final do seu campeonato regional entre Vasco e Fluminense, os paulistas jogavam a primeira rodada do Nacional de 1976. O jornal Folha de São Paulo chamava o Campeonato Brasileiro de “a última versão do Rio – São Paulo”, em matéria cujo título era bastante sugestivo: “Começou a cansativa festa”³⁰⁴, na qual o leitor podia conferir um box com perguntas e resposta sobre a edição do ano anterior, com o intuito de demonstrar como os torcedores não davam

³⁰² Os times que ingressaram são: CRB de Alagoas, Fluminense de Feira de Santana da Bahia, Rio Branco do Espírito Santo, Mixto do Mato Grosso, Uberaba de Minas Gerais, Londrina do Paraná, Volta Redonda do Rio de Janeiro, ABC do Rio Grande do Norte, Caxias do Rio Grande do Sul, Avaí de Santa Catarina e Botafogo de São Paulo.

³⁰³ José Inácio Werneck, “Campo Neutro”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20/09/1975.

³⁰⁴ *Foha de São Paulo*, São Paulo, 30 de Agosto de 1976. “Começa a cansativa festa.”

importância para a competição³⁰⁵. Criticando o discurso da CBD de que o Nacional teria como principal objetivo a integração e a interiorização do futebol, o jornal posiciona – se contra a inclusão de equipes fracas na competição.

Ao menos nas nove primeiras rodadas, o público parece ter aderido ao campeonato. Mesmo com mau tempo em quase todo o país naquelas primeiras semanas de setembro, a média de público era de 16.478 pessoas nos 185 jogos disputados, sendo o jogo de maior arrecadação aquele entre Santos e Internacional no Estádio do Morumbi, rendendo quase Cr\$50 milhões.

A inclusão de novas equipes atendia a critérios políticos e isto era claro para boa parte dos brasileiros naquele momento; sendo assim, eram cada vez mais comuns as contestações de partes dos apaixonados pelo esporte. O almirante Heleno Nunes recebia uma romaria de dirigentes interessados na inclusão de seus times, levando consigo até a rua da Alfândega gráficos da população de suas cidades ou mesmo orçamentos dos municípios para convencer o dirigente máximo.

A proximidade com os políticos da ARENA, que ainda possuía em seu diretório regional o presidente da CBD, era um dos fatores decisivos para a escolha de um time. Foi deste critério que o presidente da Ponte Preta - Lauro de Moraes Filho – utilizou-se para a inclusão de seu time. O dirigente dizia que jamais pensou que sua equipe ficaria de fora, uma vez que “acreditava muito nos poderes públicos e na ARENA”, pois as repercussões poderiam ser desagradáveis dentre sua grande torcida em Campinas³⁰⁶. Na Bahia, o time de Alagoinhas - que obteve um ótimo desempenho no campeonato regional - não participou do Nacional, e em seu lugar o Fluminense de uma cidade bem maior (Feira de Santana³⁰⁷) foi o “eleito” pelo almirante - político - dirigente.

³⁰⁵ “Há quem se divirta com a festa que os torcedores fazem nas esquinas e nos bares, telefonando aos jornais para dirimirem dúvidas e apostarem: - É do jornal ‘x’?”

- É.
- Poderia me dizer quem foi o campeão brasileiro de 1971?
- O Atlético Mineiro.
- O senhor pode repetir a informação para o amigo aqui do lado? Vou passar o telefone para ele. Nós fizemos uma aposta.
- Pode passar...
- Então, o que o senhor me diz?
- É...o campeão foi o Palmeiras.

E nunca se sabe o que acontecia depois no outro lado da linha.” Foha de São Paulo, São Paulo, 30 de Agosto de 1976. “As mil faces e histórias do Campeonato.”

³⁰⁶ *Foha de São Paulo*, São Paulo, 30 de Agosto de 1976. “As mil faces e histórias do Campeonato.”

³⁰⁷ Após a escolha de Feira de Santana, a CBD entra em conflito com a prefeitura local pois esta cobrava uma taxa extra nos jogos do nacional lá realizados. A confederação, inclusive, chegou a ameaçar inverter o mando de campo caso tal taxa fosse mantida.

Das trinta e uma cidades contempladas com clubes no campeonato, vinte eram capitais estaduais e as demais, sedes de clubes convidados pela CBD³⁰⁸. Este quadro levava a quase quinhentas viagens aéreas em um contexto de alta no preço do barril de petróleo – episódio que gerou, inclusive, a proibição das corridas automobilísticas pelo governo sob o pretexto de economizar combustível. O futebol não poderia parar e aqueles excluídos receberam a promessa de que, nas próximas edições, independentemente dos gastos com longas viagens, participariam da competição.

Tal despesa custava caro à confederação. No dia vinte e quatro de setembro de 1976, o *Jornal do Brasil* publica matéria cujo título era: “CBD não sabe como enfrentar gastos do Nacional”. Dona de uma dívida de Cr\$5 milhões somente em passagens aéreas com o deslocamento das delegações, a entidade - através do dirigente André Richer - entrou em contato com o presidente da Caixa Econômica para se aconselhar. O presidente da Caixa, Claudio Medeiros, revela que para adiantar receitas provenientes da Loteca necessitaria de leis e regulamentos, sugerindo que o presidente Heleno Nunes procurasse diretamente o ministro Nei Braga³⁰⁹.

E, para tornar a situação mais grave, estas viagens tão caras ao projeto de integração do país, eram contestadas por muitos clubes, que alegavam que as altas taxas cobradas no Nacional faziam com que sobrasse pouco para seus cofres. Os gastos com “bichos”, hotéis e transporte reduziam os lucros e tornavam os amistosos no interior de seus estádios mais rentáveis que a participação no principal torneio do país.

Alterações no regulamento acontecem novamente, com mais uma ampliação do número de participantes e o critério de três pontos para o time vencedor por mais de um gol de diferença. Fora das quatro linhas, um novo concurso aparece para atrair a atenção do público: a Boloteca. O “bolão”, administrado pela Caixa Econômica Federal, premiaria aquele apostador que acertasse, pela ordem, os seis primeiros colocados da fase preliminar do campeonato com Cr\$ 12 milhões e os que ficassem em segundo com a bagatela de Cr\$5 milhões. Tal concurso de prognósticos não caiu no gosto popular, aparentemente porque pagava menos que a Loteria Esportiva e devido ao pouco tempo que o público teve para aprender seus métodos.

³⁰⁸ Feira de Santana (BA), Campina Grande (PB), Campo Grande (MT), Londrina (PR), Caxias do sul (RS), Santos, Ribeirão Preto e Campinas (SP), Uberaba (MG), Campos e Volta redonda (RJ).

³⁰⁹ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1974: “CBD não sabe como enfrentar gastos do Nacional.”

O bicampeonato nacional do Internacional de Falcão e do artilheiro Dario, compartilhou a atenção do mundo futebolístico com a “Invasão Corinthiana”. Mais de 70 mil paulistas dividiram as arquibancadas do maior estádio do mundo com a torcida do Fluminense, assistindo no local a classificação do seu time para a final. Se o objetivo era a integração pelo futebol e a diminuição das distâncias em um país de dimensões continentais, os corinthianos demonstraram que os cerca de quatrocentos quilômetros que separam o Rio de Janeiro de São Paulo não seriam obstáculos para uma torcida apaixonada.

3.6 O crescimento do MDB como desafio em 1976

Enquanto Nunes inchava o Nacional, o Executivo procurava evitar o crescimento do partido de oposição no Congresso, restringindo a propaganda eleitoral no rádio e nas televisões com a Lei Falcão. Na avaliação do governo, a habilidade do MDB no uso dos meios de comunicação para realizar sua campanha em 1974 teria sido um fator preponderante para o excelente resultado obtido pelos opositoristas. Em entrevista no ano de 1989, o ex- ministro Armando Falcão afirma que:

(...) a lei teve o seu momento histórico, o instante em que se tornou necessária. Mas, evidentemente, como eu sempre disse, primeiro, a Lei Falcão não era só a Lei Falcão. Foi uma lei votada pelo Congresso Nacional, que durou cerca de 10 anos. Cheia de imperfeições, de lacunas, de defeitos, ela foi substituída por uma legislação que hoje também é alvo de restrições gerais, o que prova que o problema da transmissão, principalmente da mensagem dos candidatos nos períodos eleitorais, é difícil, é complexo. (...) ³¹⁰

Iniciando uma série de engendros que objetivavam favorecer o partido governista, a Lei Falcão reduziu a propaganda política na televisão às fotografias e a um breve currículo dos candidatos às eleições municipais. Acusações de importantes lideranças do MDB de que os candidatos da ARENA usavam-se de propagandas oficiais para atingir os eleitores eram inúmeras. Segundo Laerte Vieira:

³¹⁰ Entrevista concedida no dia 16/10/1989 pelo ministro da justiça dos governos Kubistchek e Geisel, Armando Falcão, ao programa Roda Viva da TV Cultura. Disponibilizada no sítio http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/27/entrevistados/armando_falcao_1989.htm

Em diversos pontos do país vem sendo comum a utilização, pelo partido do governo, dos slogans, da música e da propaganda oficial. Vale dizer que os recursos públicos de promoção do governo estão sendo utilizados para a propaganda de um partido político.³¹¹

Mesmo diante de tal manobra arenista, nas grandes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Porto Alegre e Campinas (sim, não adiantou a inclusão da Ponte Preta no Nacional para a ARENA vencer na cidade, como acreditava o presidente da agremiação Lauro de Morais Filho) o MDB foi o grande vitorioso. Apesar do clima de aparente tranquilidade que o governo tentava passar para a população, alguns fatos deixam transparecer que tal liberdade tão difundida muitas vezes não correspondia à realidade.

No Rio de Janeiro, a Aliança Anticomunista Brasileira (AAB) responsabilizou-se pelo atentado a bomba cometido contra o jornal *Opinião*, na madrugada do dia quinze de novembro. A bomba, tão sofisticada que somente poderia ser manuseada por especialistas, segundo os investigadores, foi colocada na varanda da casa onde funcionava o jornal e explodiu por volta das três da manhã. No panfleto, a AAB dizia que “(...) decidiu que não é mais possível deixar sem resposta as ações criminosas a soldo de Moscou, que este grupo de traidores vem realizando há longo tempo em proveito da comunização do Brasil, através do jornaleco ‘Opinião’ e outras publicações.”³¹²

Escolher o dia das eleições para atacar o jornal que defendia o retorno da democracia - ainda mais após atentados semelhantes contra a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e o sequestro do bispo Adriano Hipólito - seria um prenúncio dos atentados que os aparelhos de informação viriam a executar no início dos anos 1980, em protesto contra a abertura promovida pelo governo Figueiredo. Interessante foi a reação do inspetor do Departamento Geral de Investigações Especiais, Borges Fortes. Este afirmava ser mais fácil descobrir os autores quando estes crimes eram realizados pela esquerda pois esta era mais organizada, e em se tratando de grupos isolados de direita, ficava mais difícil a solução do caso³¹³.

Infringir a lei eleitoral foi algo muito comum no pleito de 1976. Casos como o do candidato arenista para a prefeitura de Barra Mansa, João de Barros, que bloqueou a rua principal da cidade oferecendo encher o tanque dos motoristas em troca do voto,

³¹¹ *Folha de São Paulo*, 28 de setembro de 1976.

³¹² *Folha de São Paulo*, “Bomba no ‘Opinião’; AAB é responsável.” 16 de novembro de 1976.

³¹³ *Idem*, *Ibidem*.

demonstram como eram as práticas eleitorais naqueles tempos. Em Caxias do Sul, o governo federal não mediu esforços para manter a cidade com a ARENA. Victor José Faccioni condicionou sua candidatura à federalização da Universidade local, uma visita pessoal de Geisel e a execução de um plano habitacional destinado aos trabalhadores, o que foi realizado pelo governo. Ainda assim, a vitória foi do emedebista Mansueto Serafim.

Em Caruaru, não obstante a forte atuação do “autêntico” Fernando Lira, a vitória foi do candidato da ARENA Drayton Nejaim. Famoso por manter sob cárcere privado sua própria esposa e então deputada Araci Nejaim, fez um governo marcado pela construção de habitações populares e do estádio do Central Esporte Clube, hoje “Lacerdão”, financiado por vinte e dois bingos públicos. O DOPS advertiu o candidato a vereador pela ARENA, Clodoaldo Amaral, quando este aliciava eleitores em “boca de urna” no bairro da Prainha, enquanto em Joinville, o cabo eleitoral arenista João de Oliveira foi morto com seis facadas no coração. Já em Brasília, mais de 30 mil não compareceram às urnas, justificando seu voto³¹⁴.

O balanço final do processo eleitoral foi mais uma vez positivo para os emedebistas. Em São Paulo, foram 56,49% dos votos contra 40,65% da ARENA, enquanto no município recém criado do Rio de Janeiro, o MDB obteve o dobro de votos da ARENA (502.186 contra 226.255), angariando catorze das vinte e uma vagas de vereadores.

3.6 Intervenção direta em 1977

O ano de 1977 inicia-se de forma turbulenta para o governo. Cada vez mais, os reflexos da falência do “milagre econômico” podiam ser observados, o que obrigava o governo a anunciar medidas impopulares de arrocho na economia, “indispensáveis para a redução da inflação e do endividamento externo.”³¹⁵ Tensões entre os setores empresariais e a presidência também compunham tal quadro de desgaste. No plano político, o temor era a exploração da situação por parte dos oposicionistas, principalmente porque se previa que as próximas eleições para o Executivo dos estados seria direta. As reações da ARENA eram diversas: desde a cassação dos oposicionistas gaúchos Glênio Perez e Marcos Klassman sob a acusação

³¹⁴ Idem, Ibidem

³¹⁵ MOTTA, Marly. “Pacotete de Abril” em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/PacoteAbril>

de serem “agentes do comunismo”, até forte pressão sobre o Congresso para a aprovação da reforma do Poder Judiciário.

É no dia primeiro de abril de 1977, depois de analisar a situação política com o Conselho de Segurança Nacional e escutar de membros dos serviços de informações que o crescimento do MDB logo o transformaria no maior partido do Congresso, que o presidente Geisel decidiu decretar o recesso do Congresso Nacional por tempo indeterminado. Em pronunciamento à nação, o presidente justifica sua atitude:

Venho esta noite à televisão para dar conhecimento aos brasileiros de medidas relevantes que adotei, hoje pela manhã, após ouvir o Conselho de Segurança Nacional.

Elas são uma decorrência dos problemas que se suscitaram nestes últimos dias, com relação à reforma do Poder Judiciário. Esta reforma, de interesse de toda a Nação, constitui fator importante para o nosso desenvolvimento. (...)

Agora, em março deste ano, verificamos que o Partido da Oposição apresentava reivindicações que nada tinham a ver com o reforma em si e nem tinham sido objeto do diagnóstico feito pelo Supremo Tribunal Federal. Assim mesmo, procurou – se negociar com a Oposição, transigindo em determinados pontos, a fim de ver se chegaríamos a um resultado conciliatório, que não privasse o nosso povo de uma melhor justiça. Infelizmente, não conseguiu resultado algum pois a oposição resolveu fechar a questão, impedindo que os seus representantes no Senado e na Câmara votassem a favor da reforma. (...)

Como a ARENA não possuía os 2/3 necessários para emendar a Constituição, Geisel aproveita-se do AI-5 para fechar o Congresso por catorze dias. Neste período, um conjunto de “dispositivos acautelários para o regime”³¹⁶ foram elaborados, modificando significativamente as regras do jogo político: mandato de seis anos para o presidente da República; eleições indiretas dos governadores; eleição indireta de um dos dois senadores a serem eleitos em cada estado da federação nas eleições de 1978³¹⁷; possibilidade de alteração da Constituição por maioria simples; redução do prazo de inegibilidade para três meses; instituição de sublegendas na eleição direta dos senadores; ampliação das bancadas que representavam os estados menos desenvolvidos e extensão da lei Falcão para todas as eleições diretas, reduzindo a propaganda eleitoral na televisão à apresentação do nome, número e currículos dos candidatos.

³¹⁶ SOARES, Samuel Alves. “Controles e autonomia – As Forças Armadas e o sistema político brasileiro (1974-1999)”.

³¹⁷ O MDB adotou como estratégia a divulgação das contradições existentes entre as medidas de controle elaboradas e o discurso de abertura de Geisel. Por exemplo, a publicidade negativa atrelada aos senadores escolhidos por eleição indireta pelas Assembleias Estaduais que, em sua maioria, eram dominadas pela ARENA. Estes ficaram conhecidos como “senadores biônicos”, uma forma de depreciar tal medida assim como aqueles que acupavam tal cadeira no Senado Federal.

O MDB não tardou em responder às medidas do governo. O partido organizou um pronunciamento transmitido para cerca de vinte e um milhões de brasileiros, autorizado pelo Tribunal Superior Eleitoral, no qual seus principais líderes (Ulysses Guimarães, André Franco Montoro, Alceu Collares e José Alencar Furtado) abordaram diversos temas como o modelo econômico (considerado concentrador e elitista por Collares), as eleições (“fechar as urnas é tapar a boca da nação”, segundo Ulysses Guimarães) e o AI-5 (que para Alencar Furtado, “afrontava os padrões de decência jurídica do povo brasileiro”). Além disso, apontava caminhos considerados indispensáveis para o desenvolvimento do país, como a inviolabilidade dos direitos da pessoa humana, o retorno da normalidade constitucional - tendo como exemplo a Espanha - e a geração de empregos.

O impacto de tal peça propagandística nos círculos militares foi decisivo para os novos rumos traçados pelo presidente. Chefe do Gabinete Militar, o general Hugo de Abreu iniciou conversas com membros da alta cúpula e o resultado foi preocupante. “Vi. Não gostei e acho que ninguém gostou (...)”³¹⁸; assim referia-se ao episódio o chefe do SNI, João Batista Figueiredo. A vítima foi o líder do MDB na Câmara, José de Alencar Furtado, que teve seus direitos políticos cassados por dez anos. Mais uma vez o AI-5 era utilizado por Geisel.

Tal qual o “Pacote de Abril”, o Ato Complementar número 104 (que impedia o acesso da MDB ao rádio e à TV) e o uso da Lei de Segurança Nacional contra emedebistas configuram-se como mecanismos coercitivos que evidenciam a disposição por uma abertura limitada e gradualista, ao mesmo tempo em que deixam claro aos setores de linha – dura que este processo é irreversível.

Em outubro, mais um episódio marcante: a demissão do candidato da chamada contrademocratização, o general Sylvio Couto Coelho da Frota. Temendo uma possível reação da linha-dura, Geisel reforçou inclusive a guarda do Palácio do Planalto com soldados da Brigada de Infantaria (principal força do Distrito Federal). Desde a chegada dos militares ao poder, este foi o primeiro ministro do Exército exonerado, em mais uma amostra do embate entre os setores dentro das Forças Armadas. Em nota emitida após a sua saída do governo, Frota afirma que fatos como o estabelecimento de relações com a República Popular da China, o reconhecimento do governo do MPLA em Angola e a permissão de críticas da imprensa às Forças

³¹⁸ *Revista Veja*, 6 de Julho de 1977. “E o MDB ficou sem líder”.

Armadas, seriam indícios da “deformação e abandono dos objetivos da Revolução.”³¹⁹

Uma análise mais apurada sobre a instituição de três sublegendas na eleição direta dos senadores, permitindo à ARENA recompor suas bases, e a ampliação da representação eleitoral dos estados do Norte e do Nordeste, garantem maior força ao partido governista. Outra importante alteração no cenário político nacional ocorre em vinte e quatro de agosto de 1977, quando através da mensagem número 91, Geisel envia o projeto de lei complementar de criação de um novo estado. No dia onze de outubro seguinte, é assinada a Lei Complementar n. 31, “criando o estado de Mato Grosso do Sul pelo desmembramento de área do estado de Mato Grosso”, com a capital em Campo Grande.

3.7 Reflexos no Nacional

O Campeonato Nacional não fica alheio às transformações políticas pelas quais atravessou o país neste ano. Mais uma vez, é ampliado o número de clubes participantes. Agora são sessenta e dois, oito a mais que na edição anterior, totalizando quatrocentos e oitenta e cinco jogos ou 43.650 minutos de bola rolando, fora os descontos. Os estados de Sergipe, São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Piauí, Paraná e Goiás ganham mais uma vaga, enquanto o Distrito Federal retorna à competição. O Dom Bosco (de Cuiabá), o Grêmio Maringá, o Fast Clube (de Manaus), o XV de Novembro (Piracicaba), o Joinville, o Juventude (Caxias do Sul), o Vila Nova de Goiás, o Goitacaz e o Ríver do Piauí eram os estreados³²⁰.

A disputa de 77 foi iniciada somente em outubro (no ano anterior começara em agosto) e terminaria já em 1978. Os times foram divididos em seis grupos na primeira fase, sendo quatro grupos de dez (A, B, D e F) e dois grupos de onze (C e E), jogando entre adversários do próprio grupo em turno único. Mais duas fases até

³¹⁹ *Revista Veja*, 19 de outubro de 1977. “A voz da hierarquia”.

³²⁰ Em Santa Catarina, o Figueirense perde sua vaga no campeonato, restando apenas o Joinville como representante do estado em 1977.

chegar até as semi-finais e final seriam necessárias para que fosse conhecido o campeão brasileiro no dia cinco de março de 1978³²¹.

Em São Paulo, a conquista do título estadual pelo Corinthians, depois de vinte e três anos de jejum, eclipsou o início do Nacional. O estado mais importante do país estava paralisado diante da conquista do time de maior torcida, o que mereceu até mesmo um telefonema do presidente Geisel para o governador Paulo Egídio, cumprimentando-o pela vitória do clube paulista e pedindo para que o governador transmitisse seus votos de felicitação à população de São Paulo. Segundo o mandatário máximo nacional, o jogo final do campeonato paulista “conseguiu monopolizar a opinião pública nacional, trazendo euforia ao país.”³²²

É tão somente no dia da estreia dos times paulistas no campeonato (dia 16 de outubro) que a Folha de São Paulo fala sobre o tema. O interessante, mais uma vez, é que nem mesmo sua denominação é padronizada. O campeonato é chamado de a “grande Copa Brasil de 77” pelos jornalistas da Folha de São Paulo, que mais uma vez questionam seu tamanho.

Tais posições também são compartilhadas por parte da imprensa carioca. O Jornal do Brasil do dia 16 de outubro traz críticas na coluna Campo Neutro, onde José Inácio Werneck afirma que o campeonato é feito “sem bom senso”, além de menções mais ácidas no artigo de William Prado, chamado “Campeonato Nacional, o gigante vulnerável”. O principal alvo era, mais uma vez, o grande número de clubes envolvidos na competição e a dúvida com relação a viabilidade financeira deste, assim como a fórmula de disputa confusa. Mas a questão política não é deixada de lado:

Começou ontem, em Teresina, o Campeonato Nacional. Um jogo digno de abrir o chamado torneio da integração. Foi entre o bravo River, local, e o não menos brioso América de Natal. O cenário perfeito, Terra do Ministro Reis Velloso, o homem que planeja o desenvolvimento do país e do senador Petrônio Portella, este bom andarilho que anda a recolher, aqui e ali, os gravetos de um consenso necessário à maturidade política da Nação (...).³²³

³²¹ Na segunda fase, os mesmos sessenta e dois clubes separados em dez chaves de cinco clubes e mais duas de seis equipes. Os vinte e quatro times que fizeram a melhor campanha nas duas primeiras fases se classificam para a terceira fase, divididos em quatro grupos de seis times. Os campeões de cada grupo chegam a fase semi – final (jogos de ida e volta). A final, em jogo único, seria realizada no dia 5 de março de 1978.

³²² *Folha de São Paulo*, 15 de outubro de 1977. “Geisel, comenta com Paulo Egídio a vitória corintiana”. Primeiro Caderno, página 26.

³²³ *Jornal do Brasil*, dia 16 de outubro de 1977. “Campeonato Nacional, o gigante vulnerável”. Esporte página 31.

Se parte da imprensa desportiva demonstra descontentamento com os critérios de acesso, a quantidade de clubes e a tabela dos jogos, tal descontentamento também ocorre entre os parlamentares da oposição. O líder do MDB na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, o deputado Silvio Lessa, afirma que a CBD tornou-se “um baleão de favores pessoais para determinados parlamentares da ARENA fluminense”, pedindo o controle das contas da entidade. Para o opositor, Heleno Nunes estaria envolvido no fornecimento de dinheiro a clubes do interior fluminense, nos quais seus escolhidos levariam dinheiro³²⁴ da CBD e exerceriam influência política, conseguindo assim, benefícios eleitorais. Também critica a promoção de jogos sem expressão (como o que ocorreu contra o Milan) que desviavam milhões das divisas brasileiras. O deputado afirma que o Brasileirão deveria se chamar “Arenão”³²⁵ e que vai pedir providências ao governo federal. E vai além:

O que se espera é que as autoridades brasileiras sintam que o sr. Heleno Nunes está prestando um desserviço ao esporte brasileiro. Está se dando a ele um orçamento que talvez seja o sexto ou sétimo da república. Na linha hierárquica de poder financeiro, o senhor Heleno Nunes está abaixo apenas do presidente da República, do ministro da Fazenda, do presidente do Banco do Brasil e do presidente da Caixa econômica Federal.³²⁶

Tais críticas chegaram até Brasília. O presidente da subcomissão que investiga a situação dos esportes no país, senador Evelásio Vieira, aproveita as críticas do deputado carioca para comparar o regime fechado da confederação ao adotado pelo executivo federal³²⁷. O senador garantia que iria convocar o presidente da ARENA fluminense e da CBD para depor em Brasília.

O embate via imprensa foi intenso. Após tomar conhecimento das críticas, o dirigente da CBD riu e disse que somente poderia encarar o deputado do MDB como um “brincalhão” e que não levaria em consideração as acusações realizadas. Para Heleno Nunes:

A função de líder da maioria deve ser exercida com dignidade, como fazia o antecessor de Silvio Lessa, o deputado Cláudio Moacir. Silvio Lessa está brincando. Dizer que dei Cr\$50 mil

³²⁴ *Jornal do Brasil*, dia 19 de outubro de 1977. “Líder do MDB lança dúvidas sobre contas da CBD”. Segundo o deputado, os cheques emitidos teoricamente para ajudar clubes que atravessavam por problemas financeiros, variavam de Cr\$50 mil a Cr\$120 mil cruzeiros.

³²⁵ *Revista Placar*, dia 28 de outubro de 1977. Coluna Meio Tempo: “O almirante no banco dos réus”.

³²⁶ *Folha de São Paulo*, dia 19 de outubro de 1977. “Deputado acusa Heleno de ajudar Arena com futebol”.

³²⁷ *Jornal do Brasil*, opt. Cit.

cruzeiros para um clube de danças de Cabo Frio para ajudar a eleição de políticos da ARENA só pode ser uma pilhéria. No dia que fizer isto, estou perdido, porque serão formadas filas na porta da CBD. Sabe, tenho até pena do deputado Silvio Lessa.³²⁸

O ano mostrou-se turbulento para a CBD. A seleção brasileira, seu maior produto, não apresentava os resultados esperados. A poucos meses do Mundial de 1978, o técnico Osvaldo Brandão renunciou após empate pelas eliminatórias na Colômbia. Deu poucas explicações à imprensa, mas se especulou que contestações por parte da imprensa carioca, rebeldia de alguns jogadores e pressões de cartolas³²⁹ foram fatores decisivos. Assumia em seu lugar o técnico do Flamengo Cláudio Coutinho, que passara pela escola de Educação Física do Exército (algo relevante naquele momento) e possuía ótimas relações dentro da Confederação (fora supervisor nas Copas de 1970 e 1978 e comandante da equipe amadora nas Olimpíadas de Montreal).

Se na seleção aparentemente os problemas estavam solucionados com a demissão de Brandão, os clubes estavam muito insatisfeitos. Atravessando problemas financeiros, em um momento que possuíam como principais receitas a venda de ingressos e o pagamento das mensalidades de seus quadros sociais (os altos contratos de publicidade ainda não existiam, tampouco as receitas das televisões), os clubes continuavam a contestar a pouca rentabilidade de um grande campeonato como o Nacional.

Enquanto o presidente da Federação Paulista de Futebol, Alfredo Metidieri, concedia entrevistas abordando que São Paulo iria pleitear a ampliação do número de times para o Nacional de 1979³³⁰, os clubes do Rio de Janeiro reuniam-se para discutir uma posição conjunta com relação ao Nacional. Flamengo e Fluminense acreditavam que o Campeonato Nacional de 1978 seria um inevitável fracasso financeiro e que, para fugir dos prejuízos causados a melhor solução seria não participar do campeonato brasileiro vindouro.

³²⁸ *Folha de São Paulo*. Opt. Cit.

³²⁹ “- Almirante, trago-lhe uma notícia muito boa...Não, não é um cacho de bananas, e também não é um saco de laranjas....Almirante, o Osvaldo Brandão pediu demissão.

- Como?

- O que eu poderia fazer? Quando morre alguém, um outro tem que dar a notícia. Mas pode deixar , Almirante. Eu falo com o Coutinho e tenho certeza de que ele irá aceitar a nossa Seleção.”

Diálogo entre André Richer e Heleno Nunes reproduzido pela Revista Placar 30 de Junho de 1978 em artigo de Luis Antônio Nascimento. “Os mil dias de campanha”.

³³⁰ Já teria assegurada a participação de dez clubes e desejava um aumento de 20% neste número. *Folha de São Paulo* Opt. Cit.

Temendo uma excessiva conotação política de sua postura com relação à CBD e projetando desvincular seus discursos dos ataques diretos realizados pelo presidente do Fluminense, Francisco Horta, os dirigentes do Flamengo buscaram o diálogo com a confederação. Márcio Braga afirma que “gosta de Heleno Nunes como figura humana” e afirma que o Almirante seria fundamental para resolver o embróglio causado pelo Nacional, enfatizando que o Flamengo não iria atacar diretamente o sistema³³¹. Para amenizar tal situação, Márcio Braga iniciou desgastante luta para exigir direitos de transmissão das emissoras de televisão.

Horta, em seus últimos meses de gestão, sofria as consequências das duras declarações publicadas no *Jornal do Brasil*: “Não é novidade para ninguém que eu incomodo o presidente da República.”³³² Nesta, o presidente do Fluminense declarou que os militares incompetentes (numa referência indireta ao almirante Heleno Nunes) deveriam voltar aos quartéis, deixando o esporte para os esportistas. O incômodo com a gestão de Horta chegou até a FIFA, uma vez que João Havelange oferecia material esportivo à equipe das Laranjeiras caso o candidato de oposição fosse escolhido pelos conselheiros do clube³³³.

A insatisfação não estava restrita apenas aos dirigentes cariocas. Ainda encarado como uma maratona futebolística desgastante, o Campeonato Nacional era tido como um dos grandes responsáveis pelas dívidas dos grandes clubes brasileiros. Os descontos na renda que beneficiavam as federações locais, o INPS, as associações de cronistas esportivos e até mesmo a associação de escoteiros (nos jogos realizados no Rio de Janeiro) garantiam receitas para diversas instituições, fazendo do futebol um poderoso provedor, enquanto os clubes amargavam prejuízos principalmente em jogos de menor expressão. O presidente do Vitória da Bahia, Carlos Palma, garantia: “O campeonato brasileiro só é lucrativo para os hotéis, companhias de aviação, CBD e as federações. Mas não para os clubes.”³³⁴

As críticas ao Nacional conseguiam juntar grandes rivais como Flamengo e Fluminense no Rio de Janeiro ou mesmo Internacional e Grêmio no Rio Grande do

³³¹ *Jornal do Brasil*, dia 19 de outubro de 1977. “Na Gávea, conotação política causa temor”.

³³² *Revista Placar*, dia 20 de janeiro de 1978. “DEMOCRACIA RELATIVA” – *Vige nos clubes brasileiros uma incrível distorção: em todos há eleições, mas desta forma manipuladas que, em última análise, o corpo social de modo algum pode impedir que o poder seja um negócio entre amigos, famílias ou pequenos grupos. Mesmo quando há oposição, ela é representativa apenas de facções de grupos no poder, mas fora do poder.*

³³³ *Idem*, *Ibidem*.

³³⁴ *Revista Veja*, 21 de dezembro de 1977. “Rendas Divididas” p.76.

Sul. Os presidentes dos rivais sulistas afirmavam que, depois de um mês de campeonato estavam recorrendo a amistosos ou mesmo a promoções entre sócios para pagar seus compromissos. É sempre bom lembrar que, ainda naquele campeonato, a Caixa Econômica Federal pagava as passagens dos clubes com recursos da Loteria Esportiva.

Os clubes considerados “pequenos”, por sua vez, obtinham vantagens com a forma de disputa. Recebiam os clubes grandes e faziam rendas altas no interior do país. Dirigentes como Ítalo Ripoli, do XV de Novembro da cidade de Piracicaba, assegura que teve lucro em todas as partidas do campeonato de 1977. Para ele, a gestão errática de alguns clubes, que gastam muito com “mordomias para jogadores”, seria a principal razão para as manifestações dos grandes times. Sugeriu, ainda, a cessação de uma medalha de “grande patriota” ao dirigente máximo da CBD que, tentando solução conciliatória, suprimiu a cobrança da taxa relativa à confederação em jogos deficitários.

Em meio ao descontentamento dos “grandes”, em dezembro de 1977, uma solução é apresentada: os clubes de futebol altamente endividados com a Previdência Social poderiam postergar o pagamento desta. Assim, o governo fazia uma intervenção direta no futebol, promovendo o parcelamento das dívidas ao INPS em quinhentos meses ou seja, quarenta e um anos e oito meses. Em um contexto de ataques a fórmula do Nacional que tanto interessava ao governo, os grandes clubes devedores foram beneficiados. Para o deputado do MDB Francisco Rocha, “com a bola em campo e com o povo anestesiado, o Brasil vai muito bem, pouco importando que essa alegria seja ou não artificial, fruto das artimanhas daqueles que fazem tudo para aparecer.”³³⁵

A associação direta entre a CBD e os círculos políticos de Brasília é evidenciada em dezembro de 1977, quando uma decisão política se sobrepôs às regras do jogo. Na partida entre Desportiva e Fluminense da Bahia, os jogadores da agremiação baiana (que teriam recebido Cr\$ 70 mil de prêmio) caíram em campo simulando contusões e forçaram expulsões a fim de evitar que o time do Espírito Santo fizesse três gols que impediriam a classificação do Vitória para a fase seguinte. Denúncias envolviam a Federação Baiana (que supostamente tentou subornar o juiz da partida), e os dirigentes dos dois clubes, que foram ameaçados de exclusão.

³³⁵ *Jornal do Brasil*, dia 24 de dezembro de 1977. “Deputado do MDB faz crítica ao parcelamento das dívidas ao INPS”.

Pressões políticas baianas (com ameaças inclusive de extinção do futebol naquele estado) ecoaram em Brasília e o resultado foi uma decisão sem qualquer respaldo jurídico, chamada de “solução esportiva” pelo almirante-dirigente: o Fluminense de Feira de Santana foi eliminado do campeonato e um jogo extra entre Vitória e Desportiva foi marcado em campo neutro. Lamentos pela decisão da CBD estamparam as páginas de alguns jornais do Brasil, como o JB carioca que trazia reportagem de Oldemário Touguinhó, cujo título era “Nada além de um prêmio à fraude”³³⁶.

Não esperava a CBD que o Vitória, por decisão da maioria de seus conselheiros, afrontasse tal medida. O Conselho Deliberativo, reunido em janeiro, acreditava que jogando a partida extra o Vitória assumia a culpa pela fraude no jogo de Feira de Santana. Por isso, o clube baiano não entraria em campo e assumiria todos os riscos de tal postura inédita contra a Confederação, que ameaçou a equipe de exclusão do Nacional de 1978.

As ameaças não se concretizaram, até porque não existia respaldo jurídico para elas. Segundo o advogado José Martins Catharino, professor de direito da Universidade Federal da Bahia, a decisão do almirante –dirigente nada mais era que “política safada”: “A CBD safou-se do abacaxi que tinha nas mãos programando esse jogo extra, baseado no artigo 100 do regulamento, que diz que os casos omissos serão resolvidos pela diretoria da entidade. Além disso, o parecer jurídico não tem nada de jurídico. É totalmente ilegal e arbitrário.”³³⁷

Segundo o STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva) os responsáveis por tal fraude eram Raimundo Viana, presidente da Federação, e Manoel Fracisco do Nascimento, funcionário da mesma, suspensos respectivamente por dez e cinquenta dias. Tais medidas não foram divulgadas, somente chegando ao conhecimento do público com quase um mês de atraso, graças ao trabalho do colunista Luís Eugênio Tarquínio, do jornal Tribuna da Bahia. Após tentar desmentir tal informação, certidões da reunião foram apresentadas na TV Itapoã, não restando outra opção por parte da CBD, senão admitir a punição.

³³⁶ *Jornal do Brasil*, dia 30 de dezembro de 1977. “Nada além de um prêmio à fraude”.

³³⁷ *Revista Placar*, 20 de janeiro de 1978. “JUSTA CAUSA? – Atender à ‘solução esportiva’ proposta pelo Almirante Heleno Nunes seria, para o Vitória, assumir a fraude que marcou o encerramento da fase semifinal do Campeonato Brasileiro, então o clube disse não à CBD. Sem hesitar e por decisão da maioria dos conselheiros. Unidos, eles resolveram sustentar o clube e garantem : o time não vai parar. Já organizou, até, um torneio de renegados.”

O futebol baiano, tão influenciado pela política naqueles tempos, viveu mais um triste capítulo em sua história. Não só Raimundo Viana tinha ambições políticas no ano de 1978; o diretor da Vila Olímpica da Bahia (que administrava o principal estádio do estado, a Fonte Nova), Galdino Leite, também almejava o cargo de deputado estadual. Movidos por suas pretensões no campo político, estavam da mesma forma o diretor de futebol do Bahia, Paulo Maracujá, e o ídolo da torcida, Roberto Rebouças. Os dois acumulavam a vereança de Salvador pela ARENA e suas atividades no futebol profissional. Polêmicas sobre o jogo de despedida de Rebouças, permissão para aluguel da Fonte Nova ou classificação do Vitória, tudo era válido para angariar mais votos na terra de Jorge Amado.³³⁸

Escândalos e ineditismo: esta soma fez do Campeonato Nacional de 1977, que somente terminaria no dia três de março de 1978, especial. Chegaram às finais dois times considerados pequenos: o Operário do novo estado de Mato Grosso do Sul ganhou do Palmeiras e o Londrina, que derrotou o campeão carioca Vasco da Gama no estádio de São Januário. Beneficiado por um regulamento que excluiu o invicto Botafogo, com seus trinta e seis pontos, o Londrina (derrotado cinco vezes) perdeu para o São Paulo e o Operário (derrotado três vezes) para o Atlético – MG nas semifinais.

Mas o protagonismo e a consagração vão mesmo para os grandes. O técnico tricampeão Rubens Minelli (que conduzira o Internacional nas conquistas de 1976 e 1977), o artilheiro Reinaldo³³⁹ do Atlético Mineiro e o goleiro Valdir Peres, que graças a sua famosa “catimba”, garantiu a vitória do tricolor paulista na decisão diante de cento e duas mil pessoas no Mineirão. Resolvido nos pênaltis como nunca antes na história do Nacional, o primeiro título do São Paulo marca também o único vice-campeão invicto: o Atlético Mineiro.

3.8 Os últimos meses da gestão Geisel

³³⁸ Revista Placar, 21 de outubro de 1977. “Sem Choro nem festa” – *Ele nunca fugiu da briga, em 18 anos de profissão. E, porque sempre enfrentou os cartolas, Roberto Rebouças larga o futebol sem direito a um jogo de adeus.*

³³⁹ Reinaldo comemorava seus gols com os punhos cerrados e a mão esquerda erguida, um gesto que fazia referência ao Partido dos Panteras Negras. Suas amizades com artistas considerados subversivos e suas posições independentes incomodavam militares e dirigentes. Segundo parte da imprensa e de acordo com o próprio jogador, manobras foram realizadas para impedir sua presença na final de 1977, assim como sua trajetória na seleção teria sido prejudicada.

O último ano de mandato do presidente Ernesto Geisel era estratégico para os rumos do regime; as eleições de outubro e a escolha do seu sucessor eram os principais temas na agenda política de 1978. A imprensa especulava que João Batista Figueiredo, chefe do SNI e o senador Magalhães Pinto eram os nomes preferidos do Planalto. E, nas primeiras semanas de janeiro, Geisel comunicava aos dezesseis membros da comissão executiva da ARENA e aos cinco ministros que integravam o diretório nacional que Figueiredo era o escolhido: “é um nome consagrado dentro das Forças Armadas, é um revolucionário da primeira hora, um homem de sentido altamente humano e larga experiência.”

Resolvida a questão sucessória, o problema maior seria a reação das urnas. Mesmo com todas as medidas elaboradas para deter o avanço do MDB no pleito a ser realizado em outubro (em que cada estado elegeria um senador e deputados, em número proporcional ao de sua população), o partido cada vez mais abandonava seu papel de oposição controlada, conseguindo reunir sob sua legenda diversos setores da sociedade que desejavam o fim do regime, tornando – se uma “real” ameaça ao regime³⁴⁰.

Dar um caráter plebiscitário para as eleições de 1978 foi a estratégia do MDB diante das dificuldades enfrentadas em sua campanha, tais como a falta de consenso sobre a plataforma a ser seguida e a impossibilidade de acesso aos meios de comunicação. As barreiras criadas pelos militares, por outro lado, fortaleceram o partido perante os movimentos de base, que lutavam pelos direitos humanos, pela liberdade política ou mesmo os sindicatos que possuíam ideias antiestatistas, defendendo uma democracia direta, onde o “peleguismo” dos tempos trabalhistas não mais existiria.³⁴¹ A propaganda nas ruas, clubes e fábricas estava garantida.

Uma análise do que se viu nas urnas é necessária neste momento - chave para o regime que foi instalado em 1964. Apesar das deformações proporcionadas pelo Pacote de Abril, que criaram um abismo entre o voto popular e o resultado das eleições, é importante ressaltar o crescimento do número de eleitores que comparecem às seções eleitorais. Foram 37.601.641 contra 28.925.792 nas eleições de 1974.

Mesmo obtendo a maior parte dos votos válidos (17.530.620 contra 13.239.418) na corrida para o Senado, os “senadores biônicos”, eleitos de forma

³⁴⁰ ALVES, Maria Helena Moreira. Opt. Cit. Pág 237.

³⁴¹ REGO, Antonio Carlos Pojo do. Opt. Cit. Pág 210.

indireta, e a introdução das sublegendas, garantiram maioria para a ARENA: quinze deputados eram situacionistas, enquanto apenas oito eram do MDB³⁴². Na Câmara dos Deputados, a ARENA manteve sua maioria, apesar de ter perdido cadeiras para os emedebistas (duzentos e trinta e um contra cento e oitenta e nove).

Para Márcio Moreira Alves:

(...) A oposição e a imprensa consideram o resultado das eleições de 1978 como uma vitória antigovernamental pelo facto de o MDB ter tido, para o Senado, mais de 4.291.202 votos que a ARENA e ter recolhido vitórias nos Estados mais populosos e economicamente poderosos da Região Centro-Sul, ou seja, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.³⁴³

O lançamento do Comitê Brasileiro pela Anistia, pressões da ABI, OAB e CNBB assim como a projeção obtida pelo “Novo Sindicalismo” a partir da greve dos metalúrgicos de 1978, contribuem para acelerar a redemocratização no Brasil. Até mesmo o craque do time de maior torcida do Brasil, Zico, declarou-se favorável às eleições diretas para a presidência em 1984. Perguntado se possuía título de eleitor, o jogador afirma que sim e ressalta que “gostaria muito de usá-lo em 1984, para ajudar a escolher o presidente da República”. Os sintomas de que o processo de abertura política poderia estar saindo do controle dos castelistas eram cada vez mais visíveis.

3.9 Os desafios da CBD em 1978

O almirante - dirigente, assim como o presidente Geisel, tinha no ano de 1978 inúmeros desafios. O principal deles, sem dúvida alguma, seria a Copa do Mundo da Argentina. Enfrentaria-se o principal rival em casa, em meio a críticas à gestão do técnico Cláudio Coutinho por parte da imprensa e, principalmente, buscava-se obter nos gramados o apoio que o regime progressivamente perdia perante seu povo.

Enquanto a embaixada brasileira em Buenos Aires organizava a estrutura para dar suporte aos torcedores brasileiros que fossem assistir à seleção e desmentia a suposta preocupação com a possibilidade de que um explosivo encontro entre os esportes brasileiro e argentino transformasse-se em fato político, os jogadores do

³⁴² ALVES, Márcio Moreira. “As Eleições no Brasil em 1978. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Lisboa, 1979.

³⁴³ Idem. *Ibidem*.

Brasil preparavam – se para o Mundial. Cerca de Cr\$30 milhões de cruzeiros foram gastos na longa preparação do selecionado nacional, e a promessa era de uma premiação de Cr\$250.000 cruzeiros por jogador, além do direito de arena pelas transmissões da TV.

Poucos meses antes do início do torneio, novas polêmicas envolviam alguns dos principais astros do futebol nacional: Marinho, Paulo César e Reinado. O lateral Marinho era visto pela CBD como um jogador sem *spirit de corps*. Mas, para ele, a razão de sua exclusão da lista final era outra:

Me cortaram porque sou um liberal, tenho meus pensamentos. E a seleção está cheia de militares que não entendem nada de futebol. Querem o goleiro abutre, centroavante aéreo, ponto futuro, overlapping. O jogador brasileiro não precisa disso, já nasce com o futebol no sangue. Onde se viu deixar eu e o Paulo César fora de uma relação de quarenta? Mas enquanto o dr. Francisco Horta não for presidente da CBD vai continuar mesmo essa pouca – vergonha escandalosa.³⁴⁴

Em entrevista publicada no jornal francês Le Figaro, Paulo César teria afirmado:

Acho que tenho o direito a um lugar na seleção. Não quero ser afastado por motivos políticos. Também defendi o Marinho do Fluminense. É anormal que ele não seja convocado. Muita gente diz que não existe racismo no Brasil. Eu não acredito nisso. Na Seleção, quando é possível, primeiro convocam os brancos. É um assunto que ninguém gosta de abordar, mas eu sinto esse racismo subjacente.³⁴⁵

Conforme já trabalhamos anteriormente, a associação de Reinaldo com a política não era bem vista pela CBD e por sua cúpula militarizada. Heleno Nunes transmitia a jornalistas, em março, sua suposta preocupação com o estado físico do atleta. Acusações de toda a parte surgiram, desde suspeitas de que Heleno queria privilegiar o atacante Roberto Dinamite, do Vasco da Gama, até mesmo a ideia de que uma entrevista de Reinaldo ao semanário Movimento, em que este falou sobre anistia, eleições e constituinte, seria o principal fator para a preocupação da CBD.

Em março começaria mais um Nacional. Seguindo a lógica dos anos Heleno Nunes à frente da CBD, o número de clubes aumentou, como sinalizado no ano anterior: setenta e quatro clubes de todos os estados do país. Setecentos e noventa e dois jogos programados entre o final de março e o início de agosto. Comparando com

³⁴⁴ Revista *Veja*, dia 19 de abril de 1978.

³⁴⁵ Revista *Placar*, 6 de janeiro de 1978. Coluna Meio Campo.

o campeonato de 1977, são mais trezentos e sete jogos garantidos pelo acréscimo de doze clubes.

Os critérios da CBD para a inclusão de novos times continuavam elásticos e a inclusão da Chapecoense é simbólica neste aspecto. Mesmo a cidade do interior de Santa Catarina não possuindo linha aérea regular de aviões de porte médio, o clube foi incluído no campeonato. Porém, como os clubes chegariam até Chapecó? Um DC3 foi fretado de uma cooperativa gaúcha, o que representava uma despesa de aproximadamente 600 mil cruzeiros, subsidiados pela prefeitura local administrada, claro, pela ARENA, sob a gestão de Milton Sander³⁴⁶.

Além de novos integrantes, outras mudanças no regulamento são apresentadas. O jogo final não mais seria disputado em uma única partida, mas sim em dois enfrentamentos, sendo o primeiro no estádio daquele com menor pontuação ao longo da competição. O campeonato não seria interrompido durante a Copa do Mundo (apenas nos dias de jogos da Seleção) e o último campeão, o São Paulo, teria sua participação na fase final assegurada³⁴⁷. Outra novidade é a atribuição de mais um ponto para aquele clube que vencer com uma diferença superior a três gols seu adversário.

O desinteresse do povo neste campeonato era grande. Os principais meios de comunicação davam maior atenção aos jogos preparatórios da Seleção na Europa e sua posterior fase de treinamentos em Teresópolis. Assim, os 21 jogadores convocados por Cláudio Coutinho não participavam no Nacional até junho, o que contribuiu para o enfraquecimento da competição.

A curta distância de vinte dias entre o final do longo Campeonato de 1977 e o início da sua edição posterior, bem como o complexo regulamento, contribuíram para afastar o público e aumentar as críticas ao Nacional, que ainda era chamado pela Folha de São Paulo de Copa Brasil- 78.³⁴⁸ Mais uma vez, o jornalista Inácio Werneck

³⁴⁶ *Revista Placar*, dia 14 de julho de 1978. “Como estão matando nosso futebol”.

³⁴⁷ O campeonato foi dividido em três fases distintas: preliminar, semifinal e final. Na preliminar, são cinco grupos (dois com treze clubes e os demais com doze) realizando quatrocentos jogos pelo país. A semifinal é composta por duas chaves – a dos vencedores, com cento e quarenta e quatro jogos e trinta e seis clubes, divididos em quatro séries, com nove cada; a dos perdedores, com cento e dois jogos e trinta e oito clubes (os não classificados), divididos em seis grupos, de K a P. Ao final, trinta e dois clubes estariam classificados para a final. A última fase é dividida em dois turnos, subdivididos em quatro grupos de oito, cada – de Q a T. Formam estes grupos os seis primeiros colocados de cada grupo da chave dos Vencedores, mais cada vencedor da Chave dos Perdedores. O segundo turno é composto por jogos de ida e volta, progressivamente até o jogo final.

³⁴⁸ *Folha de São Paulo*, 25 de março de 1978.

demonstra insatisfação com os rumos do futebol brasileiro em sua coluna Campo Neutro no *Jornal do Brasil*:

(...) E se o doutor Otávio Pinto Guimarães merece dois judas o Almirante Heleno Nunes, até por questão hierárquica, não poderia ficar com menos de três.

O primeiro seria o judas da interiorização e dele se fariam diversas réplicas as quais seriam suplicadas cada uma em uma das cidades para onde o Campeonato Nacional leva à interiorização da desgraça dos grandes clubes.

O segundo também teria uma réplica. Ela seria apedrejada e queimada no gabinete do deputado Francelino Pereira, presidente da Arena. Isso até que o Almirante e o deputado parem de sobrecarregar o meio – de – campo da Seleção com a incompetência da Arena.

O terceiro, finalmente, seria abatido e cremado na porta da CBD e conduzido até lá dentro de um saco de cimento. Isso até que o Almirante deixe de usar cimento para embotar ainda mais a inteligência de alguns dirigentes.³⁴⁹

Em meio ao insoso campeonato, os dirigentes se movimentavam para aumentar a dose de "fermento do bolo" do Nacional de 1979. A classificação de dois clubes de menor expressão para as semi-finais do Campeonato de 1977 fizeram Heleno Nunes acreditar que seu projeto de interiorização tão criticado pelos times e pela imprensa era, na verdade, um sucesso. Este previa até mesmo que dentro de cinco anos o interior estaria mandando no futebol brasileiro³⁵⁰. Os prognósticos pareciam se confirmar, uma vez que o Campeão de 1978 foi o Guarani de Campinas, após vencer o Palmeiras nos dois jogos finais. Enquanto isso, Vasco da Gama, São Paulo e Atlético Mineiro buscavam apoio da CBD para a elaboração da Copa dos Campeões da Copa Brasil³⁵¹ como uma forma de diminuir os prejuízos daqueles que não foram as finais do Nacional.

Em suas visitas a federações e clubes nos primeiros meses de 1978, o almirante-dirigente anunciava o aumento do número de clubes para a próxima edição do Nacional. E os critérios políticos continuavam. Por exemplo, o Mossoró foi incluído na edição seguinte, depois que o presidente da CBD descobriu que o governador arenista escolhido pelo presidente Geisel era daquela cidade. No entanto, o incômodo crescia.

Uma semana após a eliminação da seleção na Copa de 1978, a *Revista Placar* elabora uma série de reportagens sobre a situação política do futebol brasileiro. Marcada desde sua origem por preocupar-se com os rumos do esporte nacional (como abordado no Capítulo 1 desta dissertação), a revista ataca de forma frontal os

³⁴⁹ *Jornal do Brasil*, dia 26 de março de 1978.

³⁵⁰ *Revista Placar*, dia 24 de fevereiro de 1978. Coluna Meio Tempo. "O Profeta Heleno Nunes".

³⁵¹ A Copa dos Campeões da Copa Brasil foi um torneio de futebol organizado pela CBD, disputado por três dos primeiros campeões brasileiros entre 15 e 22 de agosto de 1978.

dirigentes brasileiros, em especial Heleno Nunes. Além das críticas habituais com relação à politização do Nacional, o presidente da CBD também era acusado de usar recursos da Confederação para favorecer seu time favorito: o Vasco da Gama³⁵². Em editorial de Jairo Régis, um raio-x da situação:

O presidente Heleno Nunes é apenas o mais recente dos oportunistas que têm assolado o futebol brasileiro. É apenas o mais recente dos prepostos dessa política que vê, em primeiro lugar, o monumental, o aparatoso; e que revela cegueira incurável em relação a tudo que é autêntico, a tudo que é verdadeiro. Em resumo: a tudo que é nacional. Temos um Campeonato Brasileiro monumental – e falso. Tivemos uma Seleção Brasileira aparatosa e cara – mas, em alguns momentos cruciais, simplesmente ridícula. Por que tudo isso? (...) Reconheçamos então: o mal é anterior à ascensão do homem que governa a CBD com um olho no Vasco e outro na ARENA. O nome do almirante pode ser ligado ao surto de incompetência, o oportunismo, justiça se lhe faça, é mais antigo. Vem do tempo em que ao estilo de certos regimes que a história já condenou, se instituiu a técnica de aliciar o povo através da produção de obras monumentais. Nessa paródia histórica, os faraós do momento – e seus prepostos, espécie da qual o sr. Heleno Nunes é apenas um pitoresco exemplar – distribuíram pelo país imensos estádios. Esqueceram-se, porém, de que, para funcionar perfeitamente, o circo precisa de público e artistas. Ergueram monumentos ao futebol, que é a paixão popular. Mas esqueceram o povo, esqueceram o próprio futebol. Daí surgiram todos os desencontros. Daí vêm as peripécias do Atlético, o desengano do Figueirense, o absurdo do Ceará pagando o a peso de ouro o privilégio de ter um futebol imaginário. (...) Havelange e Antônio do Passo, por mais que servissem a interesses estranhos, eram representantes da melhor escola do cartolismo nacional. E não dirigiam nenhum partido político. Dirigiam, com razoável eficiência, a CBD e o futebol que representaria o Brasil. E agora? (...) ³⁵³

O grande nacional ainda estava por vir. Mas as críticas à gestão de Heleno de Barros Nunes ganharam tal proporção que, mesmo aquele torcedor que nada entendia de política, reproduzia nas ruas a frase “onde a ARENA vai mal, um time no Nacional”. O projeto de integração nacional através do futebol, iniciado na gestão de João Havelange, foi instrumentalizado de forma acintosa por seu sucessor na CBD. Se Geisel garantiu a manutenção do projeto de abertura idealizado no início de seu governo, em 1978 a gestão de Heleno Nunes é contestada nos principais centros do país. Diferentemente do general-presidente, o almirante-dirigente enfrentava dificuldades para consolidar seu projeto de interiorização do futebol.

O Campeonato Brasileiro chegou ao número absurdo de noventa e seis times em 1979, primeiro ano do governo Figueiredo. São Paulo e Santos recusaram-se a

³⁵² (...)Na hora da programação de amistosos, descobre – se que o médio volante está em Bariloche, estação de inverno na Argentina, curtindo sua lua – de – mel atrasada. E com as despesas pagas pela CBD! Nessa altura, novas surpresas acontecem. De um lado, o Atlético Mineiro afirma desconhecer oficialmente o paradeiro de seu atleta. De outro, informa-se no Rio que o almirante Heleno Nunes patrocinou a “lua-de-mel” tentando uma espécie de pulo – do – gato: em agradecimento ao presente, Cerezo forçaria a venda de seu passe para o Vasco, time predileto do presidente da CBD (...). *Revista Placar*, 14 de julho de 1978, “Como estão Matando Nosso Futebol”.

³⁵³ Opt. Cit. Editorial.

participar do campeonato. Os doze principais times de São Paulo e Rio de Janeiro somente entraram na segunda fase do torneio, o primeiro administrado pela Confederação Brasileira de Futebol (criada uma semana depois do início do Nacional). O Internacional de Porto Alegre, invicto, seria o campeão (o primeiro clube a ser três vezes campeão nacional) realizando apenas vinte e três partidas. Na busca desesperada por receitas, os times do Rio de Janeiro realizaram uma edição especial do Campeonato Carioca.

Neste contexto conturbado, é organizada a eleição para presidente da CBF em dezembro. Eleito pelas federações e considerado o predileto da cúpula militar que dirigia o país, Giulite Coutinho prometia organizar um calendário trienal válido até a Copa do Mundo de 1982, organizar o Brasileiro de 1980 no primeiro semestre seguindo o sistema de regionalização, e iniciar uma redução drástica no número de clubes a partir de 1981³⁵⁴.

Na política interna, com o objetivo de evitar mais uma derrota eleitoral, a estratégia adotada pelo governo foi a de fragmentar a oposição, que se dividiu em PMDB, PP, PDT, PT e PTB, com o retorno do pluripartidarismo em 1979. Nesse interím, os políticos da desgastada ARENA reuniram-se se em torno da legenda do PDS, que possuía duzentos e onze dos quatrocentos e vinte deputados da Câmara.³⁵⁵

A CBD desaparece e o principal órgão gestor do futebol brasileiro a partir de setembro de 1979 passa a ser a CBF. Por fim, Heleno Nunes deixa de ser o mandatário máximo do futebol brasileiro. Neste novo contexto, o fortalecimento dos pequenos times do interior perdem seu sentido. Era o fim melancólico do projeto político e desportivo organizado pelo almirante-dirigente que comandara os rumos do desporto nacional por quase cinco anos.

Conclusão

Desde os primeiros momentos em que o futebol se afirma como um esporte de proporções nacionais e, acima de tudo, com um potencial de arregimentar as massas,

³⁵⁴ *Revista Placar*, dia 28 de dezembro de 1979.

³⁵⁵ SOARES, Gláucio Ary Dillon. “A Política Brasileira: Novos Partidos e Velhos conflitos.” In: FLEISCHER, David. *Da Distensão à Abertura – as eleições de 1982*. Editora UNB. Brasília: Distrito Federal, 1988.

os políticos procuram, das mais variadas formas, interferir nos rumos do esporte. Desde o presidente Epitácio Pessoa, acusado de pedir a retirada dos jogadores negros do selecionado que representaria os Brasil em confrontos sul-americanos, há momentos de maior ou menor uso do futebol pela política.

Os trabalhos mais comuns procuraram ressaltar os usos feitos pelos regimes autoritários das seleções nacionais - no caso brasileiro as ditaduras do Estado Novo (1937-1945) e Ditadura Civil-Militar (1964-1985). Trabalhos anteriores nos serviram de base para analisar a relação direta entre tais regimes e o futebol, em especial usando as Seleções como forma de afirmar projetos de identidade nacional tão úteis em tais momentos. O caminho escolhido por esta dissertação difere dos demais estudos supracitados, uma vez que o foco são os clubes de futebol, sua relação com o poder e principalmente, o momento de criação do Campeonato Nacional, bem como sua consolidação e ampliação ao longo da década de 1970.

O gradual processo de gestação do campeonato e seus antecedentes históricos foram analisados, bem como suas inserções no contexto político brasileiro do momento. Um dos temas principais foi o estudo da crise de legitimidade do regime depois das eleições de 1974, que colocou em risco os objetivos do grupo de Golbery e Geisel - que retornava ao poder naquele ano - de completar algo desejado ainda no ano de 1967: a abertura política.

No momento da “institucionalização da revolução”, mediante a conciliação de reformas liberais e autoritarismo, a valorização do sistema partidário e a ambição do fim do sistema de excepcionalidade, era absolutamente necessário o apoio das urnas no sistema político considerado ideal pelos militares³⁵⁶. O futebol não seria a única forma ou mesmo um ponto vital para a redemocratização planejada, mas certamente viabilizou-se como um auxílio peculiar para o partido governista, na tentativa de conter o avanço do MDB no país.

De vinte times no primeiro campeonato chegamos ao número de noventa e seis clubes paricipando do Campeonato Nacional, em 1979. É notório um incômodo entre os principais dirigentes que usam a imprensa para, abertamente, criticar o acesso de times do interior e com seus dirigentes ligados de alguma forma aos interesses da ARENA e do governo de Geisel. Assunto que deve ser analisado de forma mais cuidadosa em trabalhos posteriores, as páginas da imprensa esportiva mostraram-se

³⁵⁶ CHIRIO, Mauad. Opt. Cit.

mais permissivas com relação a críticas diretas ao governo. “A volta dos militares aos quartéis”, como o presidente Francisco Horta sugeriu em entrevista ao *Jornal do Brasil*, é um dos inúmeros exemplos de críticas que aparecem na mídia especializada na segunda metade da década de 1970.

A tendência de críticas é mantida no início dos anos 1980, quando com atletas politizados, como Sócrates, Casagrande e Vladimir, a Democracia Corinthiana “convertia-se em força social desestabilizadora da concepção de mundo conservadora,”³⁵⁷ indo contra as crenças e o ideal autoritário do regime instalado em 1964. Neste momento, o futebol entrava diretamente na luta pela redemocratização do país mobilizando-se através do movimento das “Diretas Já”. Sócrates afirmava em manifestações públicas de oposição que, uma vez aprovada a emenda Dante de Oliveira, ele não iria para a Europa. Uma das principais vozes do rádio esportivo brasileiro também contribuía nos comícios: Osmar Santos. Esta seria mais uma contribuição ou mesmo um ponto convergente entre a política e o futebol.

Outrora usado como “válvula de escape”, em um tempo de radicalização tanto nas esquerdas como entre os setores ligados à comunidade de segurança, entrando no clima de festa dos tempos de Médici, o futebol também poderia “jogar contra” o regime dos quartéis. Esta relação é apontada neste trabalho através da dicotomia entre o momento da criação do Campeonato Nacional (no período em que as festas dominavam o Brasil) e a ampliação do mesmo em tempos de crise de legitimidade do projeto político dos militares. Mas em momento algum é ignorado que, mesmo no governo Médici, há críticas à gestão do esporte nacional e, em parte, a criação do Nacional era uma forma de responder ou calar os críticos. Ainda hoje, diversos elementos defendem a interiorização do Campeonato Nacional de Clubes como uma das principais ferramentas para o fortalecimento do futebol nacional.

Metamorfoses diversas ocorreram no campeonato ao longo dos mais de quarenta anos de sua história. Desde então, existem verdadeiras “batalhas de memória”,³⁵⁸ em que os protagonistas (jornalistas, meios de comunicação e políticos, que influenciaram de forma decisiva na elaboração da primeira edição) dessa luta

³⁵⁷ FLORENZANO, José Paulo. “A Democracia Corinthiana – práticas de liberdade no futebol brasileiro”. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2009.

³⁵⁸ REIS, Daniel Aarão. “Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória.” In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo (orgs.). *O golpe e a ditadura militar. 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusc, 2004.

recriam diferentes representações do passado à procura de legitimidade.³⁵⁹ Apropriado para diversos fins e consolidando-se em um importante “capital simbólico,”³⁶⁰ o futebol é alvo de constante disputa fora das quatro linhas, ainda hoje.

Bibliografia e fontes

1 – Fontes

1.1 – Entrevistas:

Armando Falcão

Jairzinho

³⁵⁹ Quando aparentemente a estabilidade chegava ao principal certame nacional, um novo elemento aparece: o desejo de unificação dos títulos nacionais por Santos, Palmeiras, Bahia, Botafogo e Cruzeiro. Estes clubes encomendam o “Dossiê pela unificação dos Títulos Brasileiros a partir de 1959”³⁵⁹, com coordenação e supervisão de José Carlos Peres, pesquisa e texto do jornalista Odir Cunha, objetivando o reconhecimento das suas conquistas na Taça Brasil e no Torneio Roberto Gomes Pedrosa, considerados pela pesquisa como Campeonatos Brasileiros da época. Tal intento foi legitimado pela CBF em dezembro de 2010. Na comissão organizadora estavam: Marcelo Guimarães Filho, presidente do Esporte Clube Bahia, Maurício Assumpção, presidente do Botafogo Futebol e Regatas, José Perrella de Oliveira Costa, presidente do Cruzeiro Esporte Clube, Roberto Horcades, presidente do Fluminense Futebol Clube, Luiz Gonzaga Belluzzo, presidente da Sociedade Esportiva Palmeiras e Marcelo Pirilo Teixeira, presidente do Santos Futebol Clube.

³⁶⁰ BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

Juca Kfourri
Mario Jorge Lobo Zagallo
Roberto Porto
Roberto Rivelino
Zico

1.2 – Periódicos:

Folha de São Paulo
Gazeta do Povo
Jornal do Brasil
Jornal dos Sports
Jornal O Globo
O Estado de São Paulo
Revista Fatos e Fotos
Revista Placar
Revista Veja

2 – Bibliografia

2.1 – Livros:

ABREU, Alzira Alves de, BELOCH, Israel, LATTMAN-WELTMANN, Fernando & LAMARÃO, Sérgio Niemeyer (orgs.). Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2001.

AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ANTUNES, Fátima M. R. F. Com brasileiro não há quem possa: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. “A Ditadura Militar em tempo de transição (1974 – 1985)” In: Martinho, Francisco Carlos Palomanes. Democracia e Ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. Brasil – Estados Unidos: A Rivalidade emergente (1950-1988). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2011.

_____. O Governo João Goulart – as lutas sociais no Brasil (1961-1964). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.

BARBOSA, Vivaldo. A Rebelião da Legalidade – Documentos, Pronunciamentos, Noticiários e Comentários. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002.

BERNARDET, Jean Claude e RAMOS, Alcides Freire. Cinema e História do Brasil, São Paulo: Ed. Contexto, 1988.

BOMENY, Helena. “Utopias de cidade: as capitais do modernismo” In: GOMES, Angela de Castro (ORG) . O Brasil de JK. Rio de Janeiro, FGV Editora, 1991.

BOURDIEU, Pierre. “A representação política. Elementos para uma teoria do campo político”. In : O poder simbólico. Lisboa : Difel, 1986.

------. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BUENO, Clodoaldo e CERVO, Amado Luiz. História da Política Exterior do Brasil. 2a ed. Brasília: UNB, 2002.

BURKE, Peter (org.). A Escrita da história. Novas Perspectivas. São Paulo, Ed. da UNESP, 1992.

_____. A Escola dos Annales. A revolução francesa da historiografia. São Paulo, Ed. da UNESP, 1991.

CASTRO, Celso. A invenção do Exército brasileiro. Série Descobrimdo o Brasil. Rio de Janeiro: 2002.

_____. e **D'ARAÚJO, Maria Celina (Orgs.)** . Ernesto Geisel. 5a.. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

CHIRIO, Mauad. A Política Nos Quartéis – Revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2012.

CONTI, Mario Sergio. Notícias do Planalto – A imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

COSTA, Maurício da Silva Drumond. “Os gramados do Catete: Futebol e Política na Era Vargas (1930 -1945).” In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira e SANTOS, Ricardo Pinto dos (org.) Memória Social dos esportes – Futebol e Política: A Construção de uma Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2006.

CUNHA, Odir e PERES, José Carlos. Dossiê - Unificação dos títulos brasileiros a partir de 1959.

DURKHEIM, Émile. “Os ritos representativos ou comemorativos”, In: As formas elementares da vida religiosa, São Paulo, Martins Fontes, 2000.

FAUSTO, Boris (dir.). O Brasil Republicano. Sociedade e política (1930-1964). Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2004 - História Geral da Civilização Brasileira, volume 10.

FERREIRA, Jorge. "O carnaval da tristeza: os motins urbanos do 24 de agosto" In: GOMES, Angela de Castro (org). Vargas e a crise dos anos 50. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará.

_____. "O nome e a coisa: o populismo na política brasileira". In: FERREIRA, Jorge (org.). "O populismo e sua história: debate e crítica". Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2001.

_____. e GOMES, Ângela de Castro. Jango – As múltiplas faces. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janáina. (coords.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1996.

FICO, Carlos. Reinventando o Otimismo - Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

_____. "A Pluralidade das Censuras e das Propagandas da Ditadura" In: O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964 – 2004).Bauru, SP: EDUSC, 2004.

FIGUEIREDO, Lucas. Ministério do Silêncio – A história do serviço secreto brasileiro de Washington Luís a Lula – 1927-2005. Rio de Janeiro, Record, 2005.

FIRTH, Reymond. "Symbolism of Flags and Private". Geoge Cornell University Press, Ithaca, New York, 1973.

FLORENZANO, José Paulo. A Democracia Corinthiana – práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2009.

FRANZINI, Fabio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: PRIORE, Mary e MELO, Victor Andrade de (orgs.). História do esporte no Brasil. São Paulo: Unesp, 2009. p. 128.

FREYRE, Gilberto. Sociologia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.v.2.

FURTADO, João Pinto. “Engajamento Político e Resistência Cultural Em Múltiplos Registros: Sobre `Transe, Trânsito`, Política e Marginalidade Urbana nas décadas de 1960 a 1980” In: REIS, Daniel Aarão, MOTTA, Rodrigo Patto Sá e RIDENTI, Marcelo. O golpe e a ditadura militar – 40 anos depois (1964-2004). Edusc, São Paulo, 2004.

GASPARI, Elio. A Ditadura Derrotada – o Sacerdote e o Feiticeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GASTALDO, Édison e GUEDES, Simoni Lahud. Nações em campo – Copa do mundo e identidade nacional. Niterói: Editora Intertexto, 2006.

GOMES, Ângela de Castro. A invenção do trabalhismo. Rio de Janeiro: IUPERJ; São Paulo: Vértice, 1988.

GRINBERG, Lucia. Partido Político ou bode expiatório – um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional – ARENA (1965 – 1979). Rio de Janeiro: Mauad editora, 2009.

GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil – Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

HOBBSAWM, Eric J. e RANGER, Terence (org.), A invenção das tradições. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

JEANNENEY, Jean – Noel. “A mídia” In: RÉMOND, René. Por uma História Política. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

JÚNIOR, Hilário Franco. A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: Enciclopédia Einaudi. Porto, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

_____. “Documento/Monumento”. In: Enciclopédia Einaudi. Porto, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994.

_____. A história nova. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

LEVER, Janet. Soccer Madnes – Brazil’s passion for the world’s most popular sport. Long Grove: Waveland Press Inc, 1983.

MAGALHÃES, Livia Gonaçalves. Ensino e Memória – Histórias do Futebol. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010.

MAZZONI, Thomaz. História do futebol no Brasil. São Paulo: Leia, 1950.

MEIHY, José Carlos Sebe (org). (Re) introduzindo história oral no Brasil. São Paulo, Xamã, 1996.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. “Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural. In: DELGADO, Lucilia de Almeida N. E FERREIRA, Jorge(org). O Brasil Republicano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MOTTA, Marly Silva da. A nação faz cem anos: o centenário da independência no Rio de Janeiro. CPDOC, 1992.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Partido e Sociedade – A trajetória do MDB. Ouro Preto: Editora UFOP, 1997.

_____. “O MDB e as esquerdas”. In: REIS, Daniel Aarão e FERREIRA, Jorge. Revolução e democracia (1964-...) – as esquerdas no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MOURA, Gerson. Autonomia na dependência. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1980.

MOURA, Gisella de Araújo. O Rio corre para o Maracanã. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

NOGUEIRA, Cláudio. Futebol Brasil Memória – De Oscar Cox a Leônidas da Silva (1897-1937). Senac Rio Editora, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, Francisco de. Ditadura Militar e Crescimento Econômico: A Redundância Autoritária In. O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964 – 2004).Bauru, SP: EDUSC, 2004.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Footbalmania –Uma História Social Do Futebol No Rio De Janeiro, 1902-1938. Coleção História do Brasil, Rio de Janeiro:Editora Nova Fronteira, 2000.

PINHEIRO, Luiz Adolfo. JK, Jânio, Jango: três jotas que abalaram o Brasil. Editora Letrativa.

PRIORE, Mary e MELO, Victor Andrade de (orgs.). História do esporte no Brasil. São Paulo:Unesp, 2009.

REGO, Antonio Carlos Pojo do. O Congresso Brasileiro e o Regime Militar (1964 – 1985). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008.

REIS, Daniel Aarão. “Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: REIS, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo & MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.) O golpe e a ditadura militar:40 anos depois (1964-2004). Bauru: Edusc, 2002.

RÉMOND, RENÉ (org.). Por uma história política. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1996.

RIDENTI, Marcelo & MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.) O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004). Bauru: Edusc, 2002.

RODRIGUES FILHO, Mário. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Forno, 1994.

RODRIGUES, Nelson. A Pátria em Chuteiras. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

SANDER, Roberto. Anos 40 – viagem à década sem Copa. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

_____. Taça de Prata de 1970 – O campeonato brasileiro mais difícil de todos os tempos, conquistado pelo Fluminense. Rio de Janeiro: Maquinária Editora, 2010.

SANTIAGO Jr., José Renato Sátiro. Os arquivos dos Campeonatos Brasileiros. São Paulo: Panda Books, 2006.

SANTOS, Joel Rufino dos. História política do futebol brasileiro. São Paulo: Brasiliense: 1981.

SANTOS, Ricardo. Tensões na Consolidação do Futebol Nacional. In: PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). História do esporte no Brasil. São Paulo:Unesp, 2009.

SARMENTO, Carlos Eduardo. A regra do jogo: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

SCHEMES, Claudia. Festas cívicas e esportivas: um estudo comparativo dos governos Vargas (1937 -1945) e Perón (1946 – 1955). Novo Hamburgo: Feevale, 2005.

SCHIMIT, Rogério. Partidos políticos no Brasil (1945 – 2000). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. O Brasil de Getúlio e a formação dos blocos: 1930-1942, o processo de envolvimento brasileiro na segunda guerra mundial. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1985.

SHILLS, Edward. "O significado da coroação." In: Centro e Periferia, Lisboa, Difel, 1992.

SKIDMORE, Thomas. Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SMITH, Anne-Marie. Um acordo forçado – O consentimento da imprensa à censura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. “A Política Brasileira: Novos Partidos e Velhos conflitos.” In: FLEICHER, David. Da Distensão à Abertura – as eleições de 1982. Editora UNB. Brasília: Distrito Federal, 1988.

SOARES, Samuel Alves. “Controles e autonomia – As Forças Armadas e o sistema político brasileiro (1974 – 1999) . São Paulo: Editora Unesp, 2006.

TEIXEIRA, Francisco Carlos. “Crise da Ditadura Militar e a Abertura Política” In: DELGADO, Lucila de Almeida Neves e FERREIRA, Jorge (org). O Brasil Republicano – O tempo da ditadura (o regime militar e os movimentos sociais em fins dos século XX). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

TOLEDO, Luiz Henrique Toledo. No País do Futebol (Série Descobrimos o Brasil). Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2000.

VARGAS, Getúlio. Diário. São Paulo: Siciliano, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995, v.2.

VIGARELLO, Georges. Estádios: o espetáculo esportivo das arquibancadas às telas In: CORBIN, Alain (org). A História do Corpo. Volume III. Petrópolis: Vozes, 2008.

2.2 – Artigos em periódicos e teses:

CARVALHO, Alessandra. “Elites políticas durante o regime militar: um estudo sobre os parlamentares da ARENA e do MDB”. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

CORDEIRO, Janaína Martins. “Anos de chumbo ou anos de ouro? A Memória social sobre o governo Médici.” In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 22, no 43, janeiro-junho de 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. Cultura Vozes, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

FRANZINI, Fabio. “Quando a pátria calçou chuteiras.” In: Revista de História da Biblioteca Nacional, Ano 1, nº 7, Janeiro de 2006.

MOREIRA, Regina da Luz. “Os esportes no governo João Goulart: apenas um sinal do tempo....”.

Disponibilizado: sítio: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/Os_esportes_no_governo_Goulart.

NINA, Afonso, JÚNIOR, Marco Antonio Caetano e ASSUMPÇÃO, Luis Otávio Teles. “Educação Física, Socialização, Capital e Campo”. Artigo publicado no sítio : <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/viewFile/1374/1039>

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Corações em ação.” In: Revista de História da Biblioteca Nacional, Ano 1, nº 7, Janeiro de 2006.

PICCINO, Evaldo. “Pra Frente Brasil: ‘Independência ou morte’ e o uso de música e cinema como propaganda oficial: engajamento ou encampação?”. 5º Encontro de Música e Mídia – E(st)éticas do Som.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. “As Torcidas organizadas de futebol: Identidade e identificações, dimensões cotidianas”. Texto reescrito a partir da comunicação apresentada no Seminário “Esporte: Teorias, Paixão e Risco”, promovido pelo NECCU, da PUC/SP, Brasil, de 09 a 11 de outubro de 2000; das discussões promovidas em FLACSO, Quito Equador, de 8 a 10 de novembro (II Reunião da CLACSO); da publicação na Revista São Paulo em Perspectiva (Pimenta, 2000).

POLLACK, Michael. "Memória, esquecimento e silêncio". In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Ed. FGV, vol.2, n.3, 1989.

ROCHA, Marcela Gonçalves. “O Rio de Janeiro não é um município qualquer: a fusão e a criação do município do Rio de Janeiro.” Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós – Graduação em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. Rio de Janeiro, 2002.

ROSANVALLON, Pierre. "Por uma história conceitual do político". In: Projeto História, n.15, São Paulo, 1997.

VAZ, Alexandre Fernandez. “Teoria Crítica do Esporte: origens, polêmicas, atualidade.” In: Revista Esporte e Sociedade, número 1, Nov2005/Fev2006.